

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E CULTURA
SIRLEI APARECIDA MEIRA DE ARAÚJO TAVEIRA

GESTO DE LEITURA: O (D) ENUNCIADO EM ECO

CASCADEL

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E CULTURA
SIRLEI APARECIDA MEIRA DE ARAÚJO TAVEIRA

GESTO DE LEITURA: O (D) ENUNCIADO EM ECO

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção parcial do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem e Cultura.

Orientadora: Prof^ª.Dra. Roselene de Fátima Coito.

CASCADEL

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E CULTURA
SIRLEI APARECIDA MEIRA DE ARAÚJO TAVEIRA

Esta dissertação foi julgada adequada em seu processo de qualificação para a obtenção da titulação de Mestre em Letras – Área de Concentração Linguagem e Sociedade, Área de Pesquisa Linguagem e Cultura/Análise de Discurso e Psicanálise, e aprovada em sua forma intermediária pelo Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Cascavel, 07 de Fevereiro de 2008.

Prof^ª. Dr^ª. Lourdes Kaminski Alves
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Letras

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Roselene de Fátima Coito
UNIOESTE
(Orientadora)

Prof^º. Dr^º. Acir Dias da Silva
UNIOESTE

Prof^º. Dr^º Ernesto Bertoldo
UFMG

Prof^ª. Dr^ª. Lourdes Kaminski Alves
UNIOESTE
(Suplente)

Prof^ª. Dr^ª. Claudete Ghiraldero
ITA
(Suplente)

... O espaço escuro estendia-se à minha frente. Eu não estava nesse escuro mas no limiar e, reconheço-o, ele é pavoroso porque há nele qualquer coisa que despreza o homem e que o homem não pode suportar sem se perder.

Mas perder-se é necessário; e aquele que se atira para frente torna-se próprio escuro, essa coisa fria e morta e desprezível em cujo seio infinito habita (...) É preciso muita paciência para que, repellido para o fundo do horrível, o pensamento pouco a pouco se erga e nos reconheça e nos olhe. Um olhar é muito diferente do que se crê, não tem luz. Nem expressão, nem força, nem movimento, é silencioso, mas, do seio da natureza, e seu silêncio atravessa os mundos, e aquele que ouve torna-se outro...

(Maurice Blanchot, Morte Suspensa)

AGRADECIMENTOS

A Deus por todas as possibilidades que me são permitidas
experienciar, inclusive a mais (ir) real delas, a vida.

Às vozes estranhas que me povoam, insistindo em me fazer crer que
há amigos, que há humanidade, que há vida e que há sentido em
fazer-se presente nela, desafiá-la e desfrutá-la, se possível em
culpas.

À Izabel Cristina Riquetti, por sua amizade e cuidados a mim
conferidos nas horas,
também, mais difíceis.

À minha Orientadora Prof^a. Dra^a. Roselene, a Rose,
Por sua competência intelectual, seu profissionalismo e dedicação
em compartilhar o saber e acima de tudo por seu carisma e
humildade em lidar com as pessoas.

À Banca Examinadora, pela excelência a que me representam, em
especial à Prof^a. Dr^a. Lourdes Kaminski Alves, por sua presença
firme junto à coordenação do Mestrado e sua ternura na
comunicação e atenção que me foi dada.

DEDICATÓRIA

Dedico a Renir e Bruna Daniela, esposo e filha maravilhosos, cúmplices voluntários de um bem querer único, que desafia o cotidiano e o tédio.

RESUMO

O propósito da presente dissertação de Mestrado fundamentada na Análise do Discurso (AD) francesa de Michel Foucault com pequenos encontros com Michel Pêcheux, é analisar o discurso escrito de Umberto Eco na obra “Interpretação e Superinterpretação” sob a escuta psicanalítica freudiana e laciana. Apresenta como elementos de análise o enunciado, a enunciação e a denúncia como formações discursivas que permeiam a fala de Eco como autor, lendo seu leitor-modelo e a escuta psicanalítica que sonda os interstícios de seu dizer frente a esse leitor. Busca ouvir as vozes do leitor escritor de Eco, quando este é também o seu próprio leitor. Atenta para o lugar no outro do autor. Indica o quanto o não-dito está presente no que é dito. Assegura que aquele que diz para alguém pode estar dizendo a si mesmo por um viés de interlocução inconsciente. Interpreta a linguagem escrita como um enunciado que se faz escutar além da simples decifração dos signos. Relaciona a História e a interpretação ao entender que o intérprete se constitui sujeito a partir do momento que interpreta o mundo e é ao mesmo tempo por ele sujeito a interpretação e é nesta dupla via de leitura que os constituintes do ato de ler e de escrever reclamam às suas vozes à escuta pertinente.

Palavras-chave: autor-leitor – denunciado – interpretação

ABSTRACT

The purpose of this dissertation Master's Dissertation, based on the Analysis of Speech (AS) French of Michel Foucault little meetings with Michel Pêcheux, is examining the written speech of Umberto Eco at work "Interpretation and Over interpretation" under the Freudian psychoanalytic listening and Lacanian. Provides analysis as elements of the statement, the listing and denúnciação as discursive formations permeating the talk of Eco as an author, reading your reader-model and listening psychotherapy that probe the interstices front of her say to that reader. Search hear the voices of the reader writer of Eco, when it is your own reader. Given to the place in another of the author. Indicates how the not-said is present in what is said. Ensures that the case for someone may be saying to yourself for an unconscious bias of interlocution. Interprets the written language as a statement that is heard beyond simply deciphering the signs. Links to history and interpretation to understand that if the interpreter is subject from the time it interprets the world and is at the same time he is subject to interpretation and this dual path of reading that the constituents of the act of reading and writing to complain listening to their voices relevant.

Keywords: auto- reading - denounced - interpretation

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	NA INTERPRETAÇÃO E HISTÓRIA ECOS: EM ECOS, FOUCAULT E FREUD.....	21
2.1	Interpretação e História – Paráfrase.....	22
2.2	Ecos – Em Eco, Foucault.....	30
2.3	Ecos – Em Eco, Freud	46
3	DO CONFRONTO AO ENCONTRO DAS ENUNCIÇÕES DISCURSIVAS NA PULSÃO DE VIDA E DE MORTE: O AUTOR, O LEITOR E O TEXTO.....	54
3.1	Superinterpretando Textos Paráfrase.....	55
3.1.1	Do Leitor-Autor do Autor-Leitor: A Morte do Autor no Jogo Simbólico da Linguagem.....	59
3.1.2	A escuta na Morte do Autor: Entremeios Psicanalíticos.....	71
4	GESTO DA LEITURA: A ESCUTA DA NA VOZ DE ECO.....	86
4.1	Entre Autor e Texto: Paráfrase.....	87
4.1.1	A Escuta: Entre Autor e Texto.....	92
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	112

NO DESVELAR DA EDUCAÇÃO, O DESEJO DE SABER

Iniciei minha vida acadêmica em 1991 na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, na época denominada FECIVEL - Faculdade de Ciências e Letras de Cascavel, no Curso de Pedagogia. Cursei Licenciatura Plena com habilitação em Orientação Educacional, e conclui em 1994. No final daquele ano prestei concurso, teste seletivo pela SEED - Secretaria Estadual da Educação para Professor (a) de 2º Grau, magistério, e no ano de 1995, já estava atuando como docente.

Atuei como docente no magistério e cursos afins por 03 anos, sendo uma das experiências em uma Escola da rede privada.

No ano de 1996, concomitante a minha atuação no magistério, prestei concurso teste seletivo para Unioeste, Campus de Toledo, para Professora Auxiliar T-24 e atuei por 01 ano, deixando a instituição por motivo de mudança residencial.

No ano de 2000, retomei os estudos na Unioeste - Campus de Toledo. Realizei o curso de Pós-Graduação Lato Sensu, Filosofia e Psicanálise, ofertado pelo Colegiado de Filosofia. Conclui em 2002, com a Monografia cujo tema foi: *O Desejo de Saber: Dimensão do Conhecimento na Pulsão de Morte*.

Paralelo Ao término do curso de filosofia e psicanálise, iniciei o curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Fundamentos da Educação e o concluiu em 2003, com a Monografia, *A face Educativa da Psicanálise: Freud como educador*.

Neste mesmo ano, prestei concurso teste seletivo para professor auxiliar pela Unioeste T-40 e assumi aulas no campus de Cascavel, Santa Helena e Francisco Beltrão, cidades do Oeste do Paraná.

No ano de 2005, prestei concurso público para Pedagoga na rede estadual de ensino. Fui aprovada, assumi o cargo e hoje exerço a profissão junto à equipe pedagógica nas escolas estaduais de ensino fundamental e médio.

Ao término do contrato com a Unioeste em 2005, prestei outro teste seletivo para professor auxiliar. Fui chamada em setembro daquele ano. Com isto tive que conciliar o trabalho no Estado com o da Universidade, assumindo também aulas em Cascavel e Santa Helena. Porém em Fevereiro de 2007, deixei as aulas da Unioeste para dedicar-me ao mestrado em Letras.

A busca pelo mestrado foi uma insistência de quem ensina e precisa saber mais, investigar sempre. O curso que mais salientou esta busca foi o de filosofia e psicanálise, curso instigante, angustiante e, ao mesmo tempo, um grande barulho interno que se desdobrava no desejo de saber. O diálogo de Freud com a filosofia, oportunizou buscar uma área em se pudesse dar vazão a essa inquietude. Diante disso, e do trabalho feito na Pós em fundamentos da educação, na qual também foi possível essa interlocução, busquei no curso de Mestrado em Letras, na condição de aluna especial, uma disciplina para ensaiar tal diálogo. Inscrevi-me na disciplina ministrada, na época, pela Professora Doutora Roselene de Fátima Coito, cujo título era “História Intelectual e Interpretação”. O encontro foi denunciador. Letras passava agora a ser meu caminho.

O projeto inicial descortinou-se. Muitas dificuldades salientaram-se para quem não é da área, mas tem paixão por ela.

Umberto Eco saiu das leituras da disciplina em questão. Ele aguçou o meu espírito investigativo de pesquisadora, por ser provocador. Não tinha como não ser ele. Mas como sua leitura é mesmo um santuário de riquezas preciosas, o caminho para encontrá-las é um labirinto do Minotauro, o qual tentei trilhar não sem percalços e surpresas.

Por isso, o trabalho empreendido visa este Eco em ecos labirínticos, os quais entoam e destoam com dois grandes nomes do universo do conhecimento – Michel Foucault e Sigmund Freud para visitá-lo, e depois disso, deixar a provocação que um gesto de leitura pode fazer com seu novo leitor. Por isso, os convido para participar desta provocação.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, buscar-se-á ouvir as vozes do leitor escritor de Eco quando este é também o seu próprio leitor, atentando para o lugar no outro do autor, pois, ao que tudo indica o não-dito está presente no que é dito. Assegura-se que aquele que diz para alguém, pode estar dizendo a si mesmo por um viés de interlocução inconsciente. Interpreta-se, com isto, que a linguagem escrita enquanto enunciado se faz escutar além da simples decifração dos signos. Para tanto, pode-se considerar que a fala pressupõe um lugar do qual se emana o outro e no qual se faz ouvir. Estes lugares são, numa primeira guisada, apenas sociais e lingüísticos. Contudo, não se pode esquecer que são também lugares simbólicos.

Portanto se o que é dito significa-se a partir do lugar social do qual se diz, os interlocutores, no diálogo com outros discursos refratam as vozes do sujeito presente no texto. Esse texto se revela numa formação discursiva pelo gesto sobre o qual fora construído e, sobretudo, lido.

Na obra haveria um lugar simbólico para esse sujeito autor, que impele o movimento da (re) significação a partir desse lugar espacial e especial que é o texto e seu contexto, que expressam a coerência e a incoerência que perpassam e constituem esse sujeito, o qual não é apenas lingüístico, não é pleno. Trata-se, pois do sujeito da finitude, o sujeito lacaniano.

Definindo a linguagem como uma atividade social, uma interação, um lugar de conflito, já que os interlocutores não são passivos quanto à constituição de sentidos, é pertinente buscar reconhecê-los numa obra literária considerando-se a memória discursiva e o simbolismo que permeia esta obra por meio da palavra escrita. Nestas palavras, o enunciado remeterá ao diálogo entre autor e leitor no qual se pretende a síntese da possibilidade da (re) construção da voz do(s) outro (s) que nele (s) e a ele (s) se fazem

presentes.

É notável ainda, que os sujeitos *empíricos* não saberiam dessa relação de pertencimento ao outro. Não saberiam também, para os menos céticos, que esta relação não só anula, mas faz (re) pensar a própria questão da autonomia e da autoria. Um texto tem dono? Um texto fala?

O psicanalista Lacan (s/d, p.45) nos lembra da pronúncia como gesto que vai calar no outro seu registro significante. Mas se a leitura de um texto nos evoca, vale lembrar que este registro significante pode não estar presente neste texto do ponto de vista semântico, mas pode estar do ponto de vista simbólico e, por isso, merece ser “escutado” com maior proximidade.

Por isso, reconhecer nos meandros da linguagem discursiva o entrelaçamento de diferentes teorias que acabam por convergir numa rede de significados incomuns é objeto de uma curiosidade singular e de uma busca inquieta. Esta, sustentada pelo caráter investigativo do pesquisador que se propõe a um gesto de leitura, nesse caso, pertinente e loquaz, submeter à semiótica de Eco ao crivo da psicanálise, buscando naquilo que se revela enquanto signo o significante alado e o significado obscuro, resultante da ambigüidade da linguagem natural, desfigurada no parâmetro lingüístico da lógica formal e da objetividade científica.

Pesquisar tal assunto se justifica, uma vez que oportunizar o diálogo entre a psicanálise e o discursivo é sobremaneira adentrar no patrimônio cultural da língua permitindo nesse caso, compreender, que entre o autor e o texto está o leitor, mas o autor é também leitor, assim como o leitor é também autor na medida em que transcende o dado, reinventa o significado, arremata as bordas do texto de seu autor empírico, mediante ao que a ele se enuncia enquanto texto.

A presente pesquisa, por meio do suporte teórico com maior ênfase na psicanálise, denota a dependência entre o Eu e o Outro e nisto vê a busca do suprimento da falta nas

entrelinhas da análise de um autor lendo seu leitor. Eco.

O sujeito da psicanálise é movido pelo desejo que se liga a uma falta em Lacan, e a uma perda em Freud, um sujeito do inconsciente para ambos. A inquieta busca que move esse sujeito visa atender seu projeto de vida por meio do suprimento de uma falta ou, da defesa para não perder esse suprimento.

Assim o discurso de um autor, no caso em questão Eco, estabelecido no texto “Entre Autor e Texto” recortado da Obra “Interpretação e Superinterpretação”, depõe na análise de seu próprio romance mediante seus leitores-modelos, revelando o quanto a traição não é privilégio de um leitor, mas do próprio autor, na medida em que esta possa vir a ser objeto intrínseco de seu desejo.

Há que se considerar que seu discurso só lhe pertence e se sustenta nos meandros lingüísticos de seu tempo e cultura, tendo como suporte a atemporalidade e a desconstrução desse mesmo discurso por outrem para o qual é supostamente feito. Diante disso, objetiva-se analisar no recorte aqui realizado no discurso de Eco, alguns pressupostos, tais como: explicitar onde estaria o outro ou o Outro do autor Eco, a opacidade do discurso de Eco quando o mesmo pode estar em uma interlocução consigo mesmo, fato este que na psicanálise é tido como interlocução inconsciente, além de ressaltar que a linguagem se faz escutar além da simples decifração dos signos. Diante do posto, perguntamo-nos:

Quando se escreve, sabe-se de antemão que é para alguém, isto é, para um leitor que fará à sua maneira, conforme sua história pregressa, o reveste textual com seus óculos de leitor. Mas onde está este leitor? Quem é ele? Seria ele o outro do autor? Ao sê-lo, haveria uma escuta às suas vozes nas interfaces do discurso?

Considerando-se que o leitor sensível não vai tomando ao pé da letra o que lê, leva-se em conta a língua em seu sistema e época, interagindo com o tesouro cultural e social em que se lhe apresenta a obra. Para ele a leitura pode ter várias finalidades, mas é a de

interpretar o texto de um autor, uma das finalidades que há de se considerar, na medida do possível, como pano de fundo cultural e lingüístico desse autor.

Mas, ler e interpretar não lhe basta, ele também escreve. Da condição de leitor modelo, passa a autor intérprete das obras de seu autor modelo. Este, por sua vez, interpreta seu leitor-autor. Ao fazê-lo esse autor-leitor tece-lhe elogio por ser arguto o suficiente e encontrar cifras em seu texto que diz não tê-las colocado lá, mas por outro lado diz ter cifrado textos e se diz decepcionado com o leitor-modelo por não tê-las encontrado. Ora, se para ele, o autor-empírico importa pouco numa interpretação, e ainda assim faz todo um apanhado histórico para dizer do perigo da superinterpretação, não estaria o astuto autor incorrendo na mesma armadilha teórica em que preparou para defender-se?

Para refletirmos tais questionamentos, temos as seguintes hipóteses:

a) O autor escreve para outro, mas no momento que esse outro é perspectiva de si mesmo, a demanda de seus desejos, é a si próprio para quem escreve, no intuito sempre de satisfazer um dos princípios psíquicos que impera enquanto escreve e até mesmo enquanto lê o que escreveu. Prepondera, pois a obediência ao princípio de uma linguagem da incompletude do sujeito;

b) Entre o autor e o leitor está também o “fantasma” a projeção do desejo ou a própria repressão do mesmo. Neste caso o Eu (Ego) navega a esmo. Sua própria autonomia o destrói, pois ele é dependente do outro;

c) A morte do autor em Foucault e a supremacia do texto em Eco, embora não partam da mesma ordem epistemológica, poderá se encontrar nesta ordem discursiva quanto ao efeito de sentido discursivo produzido.

Partindo dos questionamentos a que nos propomos e das hipóteses arroladas, temos como metodologia apontarmos os encontros e confrontos de e entre Umberto Eco, semiótico e filósofo italiano, Michel Foucault, filósofo francês e Sigmund Freud,

psicanalista austríaco. O ponto principal da discussão pauta-se na interpretação e na superinterpretação e nos sujeitos que as mesmas envolvem: o autor e o leitor.

Elegemos a Obra “*Interpretação e Superinterpretação*” (1993) do Semioticista e Filósofo Italiano Umberto Eco, na qual faremos um recorte. Serão estudados os três primeiros capítulos da obra de Eco, dentre os quais daremos ênfase quanto ao propósito deste estudo ao terceiro capítulo intitulado “Gesto de leitura a escuta da na voz de Eco”, no qual o semioticista lê seus leitores.

Para ler Eco, estaremos fundamentados em vários autores, mas nos remeteremos, além do viés psicanalítico, a leituras na Análise do Discurso francesa (AD) de Michel Foucault em *o que é um autor? E a Ordem do Discurso*.

Fará parte desse quadro referencial para análise a psicanálise em dois vieses: O freudiano (*Totem e Tabu*) ao qual será tomado como um gesto de leitura, uma possibilidade de ler, uma escuta e o lacaniano que demanda algumas consultas a Lacan (*O seminário*). No entanto, pretendemos fazê-lo mediante as leituras de Pêcheux sobre a psicanálise em Lacan no primeiro momento da AD (1969).

Apresentar-se-á como subsídios de análise o enunciado e o denunciado como formações discursivas que permeariam a fala de Eco como autor lendo seu “leitor-modelo” e a escuta psicanalítica que estaria sondando os interstícios de seu dizer frente a esse leitor. Por isso, apresentamos a seguir o recorte realizado e as paráfrases eleitas para a reflexão aqui proposta.

Eco propõe que a interpretação tenha critérios. Estes por sua vez são definidos pelo texto. Um texto se produz num determinado tempo, lugar e cultura por um autor com suas intenções e para leitores que precisam ser pensadas também sob esta ótica contextual. Daí decorre as interpretações extrapolarem a intenção do autor. Nem por isso o intérprete pode se deixar levar por leituras suspeitas. É preciso respeitar as fronteiras do texto. Eco apresenta leituras herméticas e gnósticas e a partir delas discute a irracionalidade, a

verdade, a temporalidade, e a semiótica das mensagens subliminares dos textos como os anagramas, as alegorias e as metáforas. Alerta ainda para o cuidado que se deve ter com a superinterpretação. O texto é um mundo a ser decifrado? A interpretação é a leitura desse mundo? O tempo é irreversível? O tempo e a leitura relacionados? O dito não vai ser apagado, mas nem sempre é lido. E a interpretação disto? Nem sempre o que é lido foi dito (superinterpretação?).

Se estivermos entendendo Eco, o texto fornece pistas e é preciso conhecer bem a língua. Portanto, não atinar para estas discussões sobre a interpretação a que Eco propõe neste recorte teórico que fizemos de sua obra, é incorrer a uma leitura suspeita ao que ele chamaria de interpretação paranóica.

Passemos agora para uma pequena síntese para apresentar o que discutiremos em cada capítulo.

No primeiro capítulo, intitulado “Na Interpretação e História Ecos: em Eco Foucault e Freud”, tratamos por primeiro do texto “História e Interpretação” de Eco rastreado e parafraseado. O texto sofre uma intervenção de leitura por meio de Michel Foucault em “*O que é um autor?*”, no qual se busca apontar as possíveis conexões do discurso da semelhança entre eles a partir de conceitos previamente elencados como: fronteira, irracionalidade, racionalidade e ritual. Serve de suporte para essa leitura outra obra de Foucault: *A Ordem do Discurso*, que atenta para a discussão sobre o poder em o Tabu dos governantes, apenas numa breve reflexão.

Nesse momento ainda, faz-se uma conexão com Freud em “*Totem e Tabu*”, obra na qual se busca as possibilidades de diálogo e pertinência da escuta. Para tanto são propostos pontos de origem de semelhança em conceitos como: o inconsciente, o segredo, a fala, a interpretação e o ritual.

Já o segundo capítulo, trata do tema “Superinterpretando textos” em Eco o autor está discutindo a autoria ante as interpretações equivocadas do leitor. Mesmo que haja

para este equívoco todas as condições de possibilidades, para Eco ao estar longe do texto empiricamente o autor não é mais dono dele e um leitor suspeito pode arrebatá-las as intencionalidades do um texto. Neste sentido, neste capítulo, retoma-se a questão da racionalidade e da irracionalidade para também tratar destes “equívocos” ou superinterpretações. O texto está intitulado como: “Do Confronto ao Encontro dos Enunciados Discursivos na Pulsão de Vida e de Morte: o autor, o leitor e o texto.” Este título justifica-se porque apóia-se no texto parafraseado de Eco, e arrola-se Michel Foucault nas duas questões anteriormente citadas, bem como estudiosos de sua teoria, propondo-se a interlocução de Foucault com Eco quanto à morte do autor. A partir de então, chama-se Freud quando nos parece oportuno discorrer sobre a vida e a morte em a pulsão de vida e a pulsão de morte, de saber, de dominar, na obra “*Além do Princípio de Prazer*”.

Estabelece-se um diálogo intrigante entre os autores a partir de um relato do caso de brincadeira de um menino em Freud. Para isso, empreende-se uma análise de discurso foucaultiana visando o discurso também como desejo de poder, Freud e a pulsão e vida e morte, e Eco com o autor, o leitor e o texto. Ambos – Foucault e Freud - se encontram e se desencontram nesta trama com Eco(s).

Quanto ao terceiro capítulo, intitulado Gesto de Leitura: “A Escuta Da, na Voz de Eco”, reporta-se ao texto parafraseado: “Entre Autor e Texto”. Chama-se de escuta, o gesto de ler pelo viés psicanalítico a voz de Eco, denotando haver de antemão, certa inquietude sobre a interpretação que faz ao ler seus leitores e não concorda com o que disseram dele. Superinterpretação? O outro de Eco? Neste momento, a escuta pede incursões com a psicanálise. Em Freud quando se tratar dos possíveis autores e leitores do inconsciente no caso o próprio sujeito Eco. E em Lacan quando se tratar do sujeito do desejo da sua incompletude, da falta originária.

Em Freud trabalha-se com os conceitos: o princípio de prazer, o princípio da

realidade, o ideal de eu, sem deixar de retomar questões pendentes do capítulo anterior. Em Lacan com o desejo e a falta. Estes são conceitos-chave, no entanto não estão descartados outros conceitos que darão suporte para a discussão destes.

Ainda neste capítulo, trata-se da interlocução entre Eco, Foucault e Freud que pede retomada ao segundo capítulo e Foucault aparece como sustentação ao sujeito do discurso da AD, que indica a psicanálise no gesto de ler Eco. Além disso, tem-se Pêcheux com outro viés da AD, oportuna quando Lacan também se faz presente via seus estudiosos para discutir o outro que somos.

Isto feito tece-se algumas considerações finais após os três capítulos, mas que não representam como de costume uma retomada rigorosa de cada capítulo e uma conclusão para eles, pois, depois de Foucault, indagamos: não seria isto muito sistêmico.

2 NA INTERPRETAÇÃO E HISTÓRIA ECOS: EM ECO, FOUCAULT E FREUD

Na escrita deste capítulo, intitulado Na Interpretação e História ecos: em Eco, Foucault e Freud, a conjunção (e) insinua por si só que Interpretação e História não se dissociam. Interpretação requer texto e este requer contexto.

No itinerário da semiótica ilimitada de Eco, a qual o autor tem o propósito de explicitar que embora sua semiótica seja assim definida, faz-se necessário haver critérios para a interpretação. Um texto pode ser infinito, mas sua interpretação caso pretenda ser, incorrerá numa superinterpretação. Este propósito é ostensivo aos três capítulos da obra em estudo.

Eco toma como edifício arqueológico de investigação quanto à interpretação, a intenção. Avaliando as intenções do autor, do leitor e do texto, o filósofo conclui que a validade do critério de interpretação não está no autor nem no leitor, está no texto¹.

Utilizando a mesma lógica de Eco, ou seja, partindo do pressuposto de que a intenção está no texto, discutiremos o discurso do autor-Eco lendo o seu leitor na teoria que o mesmo propõe. Para tanto, aliaremos Psicanálise e Análise do Discurso, mais centrada em Foucault do que em Pêcheux, no percurso que desenvolvermos ao longo deste trabalho.

Consideramos ser de grande valia discutirmos em Eco a partir da psicanálise e da AD em Foucault, principalmente, a divergência do discurso de Eco ocupando a função-autor. Por ora, inquieta-nos a aproximação entre eles. Esta aproximação implica ler Michel Foucault em “*O que é um autor?*” e “*A Ordem do Discurso*” e Freud em “*Totem e Tabu*” e “*Além do Princípio de Prazer*”. Para tanto, impele que arrolemos alguns conceitos os quais elencamos no texto de Eco e destes autores citados, constando à analogia da semelhança na formação de sentido. Contudo faremos uma aproximação quanto à possibilidade da

¹ E é a partir do texto que Eco produziu que analisaremos seu discurso e posicionamento epistemológico em relação a alguns conceitos.

pronúncia da psicanálise para a Escuta, na qual incorre nos apontar alguns encontros de Freud junto a Eco e Foucault. Portanto, utilizaremos ali outras obras como: “*O Inconsciente, Conferências Introdutórias à Psicanálise, O Mal-Estar na Civilização, O Ego e o ID*”, e outras leituras tanto de Freud como de outros autores estudiosos de sua teoria, quando for o caso. A seguir apresentamos o texto parafraseado em Umberto Eco da obra “*Interpretação e Superinterpretação*”. Trata-se do recorte, que serve de suporte para o encontro que se pretende estabelecer em Foucault e Freud como efeito de sentido na interlocução discursiva, que trazem na diferença do discurso materializado a escrita, o semelhante no interdiscurso. O texto em questão intitula-se “*Interpretação e História*” e refere-se ao Primeiro Capítulo, recorte da obra em estudo de Eco. Isto posto, a paráfrase será retomada em chamadas para que se efetue sua leitura no viés discursivo. Um Gesto? Uma Análise?

2.1 INTERPRETAÇÃO E HISTÓRIA: PARÁFRASE

Eco reconhece que ao escrever “*Obra Aberta*” (1962) estudava a dialética entre o direito dos textos relacionados aos intérpretes. Conferindo posteriormente, que nas duas últimas décadas 72 – 82, os direitos dos intérpretes foram de fato exagerados.

Assinala ainda que nos seus últimos escritos “*uma teoria da semiótica*”, “*O papel do leitor, semiótica e filosofia da linguagem*”, elaborou a idéia de que a semiótica seria ilimitada. A partir disso defende que a interpretação tenha critérios. Concomitante, levanta crítica às autorias que ao tomarem a semiótica como ilimitada, toma do mesmo modo e em potencial a interpretação.

Nesse ínterim cita Todorov, Linchtenberq e Boehme. Traz Jack, o Estripador como exemplo, ao tratar da interpretação na leitura do leitor e do autor, sugerindo: se Jack dissesse ter lido o Evangelho segundo São Lucas, justificaria seu ato dizendo que fez o

que fez por causa da leitura que tinha feito do evangelho e os críticos voltados para o leitor diriam que ele havia lido de uma forma despropositada. Os críticos não voltados para o leitor diriam que Jack, o Estripador estava completamente louco.

Eco diz de forma sutil que mesmo tendo simpatia pelo paradigma voltado para o leitor, concordaria que Jack precisasse de cuidados médicos.

Ainda neste percurso, o filósofo italiano busca Popper, para esclarecer segundo os termos de sua teoria, o argumento suficiente para refutar a hipótese de que a interpretação não tem critérios públicos e conclui a esse respeito, que essa teoria radical voltada à interpretação por parte do leitor, seria aquela que celebra como sendo única a interpretação válida, a que tem por objetivo descobrir a intenção original do autor.

Com isto Eco traz à tona tais intenções: as do autor, a do leitor e a do texto. Para tanto propõe uma viagem arqueológica, sugerindo, de antemão, que o chamado mundo contemporâneo, feita tal viagem, parecerá arcaico. Refere-se aqui à Conferência a que fora convidado a ministrar em Frankfurt em 1987.

Ao tratar do irracionalismo, tema proposto para a Conferência supracitada pelos Direitos da Feira do Livro, Eco ironiza o fato o qual, segundo ele, os que o convidaram, pensaram que se tratava de um tema moderno, pois a temática era o irracionalismo moderno.

Eco assinala a dificuldade de se definir irracionalismo sem entrar no mérito da razão. Por conseguinte, demonstra a lógica paradoxal de que, qualquer forma de pensar sempre é vista como irracional pelo modelo histórico de outra forma de pensar que não a seja.

No trajeto, Eco se depara com a filosofia, adentra em seus conceitos, esboça Aristóteles e Hegel, afirmando que a lógica de um não é a mesma que a do outro porque o significado das palavras estabelecido numa língua não se aplica à risca ao significado padrão estabelecido noutra língua. No entanto, há que se considerar que ao buscar os

sinônimos filosóficos de irracionalidade, o semiótico chega ao seu antônimo como algo significativo. Neste antônimo estaria o termo moderação, cuja acepção é estar dentro do *modus*, ou seja, dentro dos limites e das medidas. Nesse ponto, Eco assinala a importância do estabelecimento da noção Latina *modus* no isolamento de “duas atitudes interpretativas básicas isto é, duas formas de decifrar o texto como um mundo ou um mundo como texto” (ECO, 1993, p. 31).

Feitas tais observações, o filósofo italiano salienta a questão da causalidade dos casos, quanto ao conhecimento e frisa bem a época. De Platão a Aristóteles conhecer significava entender as causas, trata-se do racionalismo grego. Definir Deus significava definir uma causa primeira e a partir disso montar uma cadeia de princípios lineares. Evidencia-se que o “racionalismo latino adota os princípios do racionalismo grego, mas os transforma e enriquece num sentido legal e contratual. O modelo legal é *modus*, mas o *modus* é também o limite, a fronteira” (ECO 1993, p. 32).

O autor lembra que os latinos têm obsessão por limites espaciais. Nesse sentido, ao versar sobre a fronteira como lei, o autor remonta a Rômulo que mata seu irmão por não respeitar a linha de fronteira por ele traçada; a Cezar Augusto e em seus desígnios políticos baseado em fronteiras, na precisão dos limiões da linha defensiva disposta; a Júlio Cezar ao atravessar o Rubicão, o saber de um limite, ao cometer-se um sacrilégio; também, não se pode voltar atrás *o que foi feito nunca pode ser apagado, o tempo é irreversível tratam-se do realismo textual absolutista. “Depois que algo foi feito ou pressuposto, então nunca mais deve ser colocado em questão”*. Em relação a esse fatídico nunca mais São Tomás de Aquino corrobora em sua época quanto à impossibilidade de se desenvolver a virgindade a uma mulher. A lógica da violação segundo o Santo e Filósofo não poderia ser recuperada, a não ser o perdão de Deus e a restituição de um estado de graça.

Ao discorrer sobre o racionalismo greco-latino, Eco deixa claro que há um modelo

de raciocínio causal preso à matemática, que o Ocidente é aristotélico, herança grega. Mas, junto dessa herança existe o conceito de infinidade que foge ao *modus*. Neste sentido há o fascínio da civilização grega pela infinidade (aquilo que não tem *modus*) Ao lado de conceitos de princípios causais como identidade, constrói novos conceitos sem princípios causais como metamorfose. “As cadeias causais enrolam-se sobre si mesmas em espirais: ‘o depois’ precede o ‘antes’, o deus não conhece limites (...) e pode, em diferentes formas, estar em diferentes lugares ao mesmo tempo” (ECO, 1993, p.34).

O mito viaja nessa cadeia sem o menor problema. Para o deus Hermes, por exemplo, que é volátil, não há limites espaciais.

Neste momento, o autor começa a discutir, senão o maior, o mais polêmico conceito da racionalidade, o que a filosofia chamaria de metafísica clássica, a verdade. Ao falar dos gregos e dos romanos, Eco visa situar o cristianismo e o racionalismo na modernidade.

Segundo Eco, o Império Romano e o Cristianismo engoliram os países gregos. Ao fazerem-no, engoliram também a identidade cultural daquele povo, de sua crença convivida com os deuses.

A busca da verdade hermética vê nos livros a chave para a verdade, mas os livros são vários, as idéias são diferentes. Portanto, a verdade não seria uma só. Logo, o fato de os livros dizerem algo diferente do que parece dizer remete a pensar a alusão, a alegoria. Os livros passam a gozar de um mistério. Haveria de existir uma verdade secreta e um deus capaz de revelá-la. O enigmático é ressaltado como a verdade oculta, secreta. Sua profundidade não cabe desvelamento no raso dos textos. É como se a verdade devesse ser sagrada, assemelhando-se, por exemplo, a uma imagem divina que uma vez tornada em algo familiar demais, perderia seu mérito, buscando-se outras imagens para substituí-la. Segundo Jung, conforme apresenta Eco, “Só os símbolos exóticos são capazes de manter uma aura de sacralidade” (ECO, 1993, p.36).

“A verdade é algo com que temos vivido desde o começo dos tempos, só que a

esquecemos, então alguém deve tê-la salvo para nós, e deve ser alguém cujas palavras não conseguimos mais entender. Portanto esse conhecimento deve ser exótico” (IDEM).

Se para os gregos uma coisa era verdadeira quando podia ser explicada, no século II como conhecimento esteve nas mãos dos druidas, dos celtas, dos sábios orientais, desponta-se, pois o hermetismo. Portanto, a verdade era agora algo que não se podia explicar.

Entre a forma de pensar cristã e a hermética haverá controvérsias quanto às explicações dadas às coisas em seus princípios de regências e isto implicará nas interpretações.

No hermetismo a grande mola propulsora em busca da verdade é o segredo. “O segredo último da iniciação hermética é que tudo é segredo” (ECO, 1993, p.38).

Para o hermetismo, a interpretação é indefinida. Sua indefinição refere-se à busca da semelhança. Os objetos, como uma planta, por exemplo, não se define pelas características morfológicas ou funcionais, mas pela semelhança, ao menos parcial com outro elemento do cosmo universal. Estas semelhanças, no entanto não se findam no objeto primário, pois este remeterá a outro, que remeterá a outro, interminavelmente.

Referindo-se à planta segundo o hermetismo Eco enuncia:

Se ela se parece vagamente com uma parte do corpo humano, então tem significado porque se refere ao corpo. Mas aquela parte do corpo tem significado porque se refere a uma estrela, e esta tem significado porque se refere a uma escala musical e isto porque esta, por sua vez, refere-se a uma hierarquia de anjos e assim por diante *ad infinitum*. Todo objeto, seja terrestre ou celeste, esconde um segredo. Toda vez que um segredo é descoberto, refere-se a outro segredo final. Entretanto, não pode haver um segredo final (Eco 1993, p.38).

O percurso enunciativo hermético que Eco mostra, segue da arqueologia do mito à filosofia clássica, e desta à ciência moderna quanto à faculdade de conhecer as coisas.

A arte de conhecer passa pelo *Naus*. Em Hermes Trismegisto (séc. II) *Naus* fora uma revelação, um aparecimento em sonho ou visão; em Platão, a faculdade que

engendrava as idéias; e, em Aristóteles o intelecto, por meio do qual se reconhece as substâncias. Neste mesmo século, *Naus* torna-se a faculdade da intuição mística, da iluminação não-racional, da visão instantânea e não discursiva. Aqui a necessidade de conversar, discutir e raciocinar, deixa de sê-lo. Alguém, a luz que fundira com as trevas, fala. Dessa fala não há iniciado que possa dela falar.

Nessa rota arqueológica, Eco mostra o côncavo e o convexo entre a ciência e a mitologia. Segundo ele, a historiografia mostra que é impossível separar o fio hermético do fio científico, ou Paracelso de Galileu. O conhecimento hermético influencia Francis Bacon, Copérnico, Kepler e Newton, e a ciência quantitativa nasceu, *inter alia*, de um diálogo com o conhecimento qualitativo do hermetismo.

(...) O modelo hermético sugeria a idéia de que a ordem do universo descrita pelo racionalismo grego poderia ser subvertida a que era possível descobrir novas conexões e novas relações no universo que teriam permitido ao homem atuar sobre a natureza e mudar seu curso. Mas essa influencia funda-se com a convicção de que o mundo deveria ser descrito não em termos de uma lógica qualitativa, e sim (...) quantitativa. Assim o modelo hermético contribui paradoxalmente para o nascimento de seu novo adversário, o racionalismo científico moderno (ECO, 1993, p.40).

Eco chama de novo irracionalismo hermético a este que atinge a modernidade e lembra que ele oscila entre místicos e alquimistas - poetas e filósofos como: de Goethe a Gerard de Nerval e Yeats de Shelling; de Franz Von de Heidegger a Jung.

A idéia hermética moderna toma corpo frente à contraposição ao paradigma mecanicista do positivismo feita por personalidades como Nietzsche, Einstein, Bachelard, Levi Strauss, Foucault, Derrida, Chomski, Greimas, Deleuze.

Para completar o pensamento que se desvia do racionalismo grego e latino, outro fenômeno se desponta vitorioso. Trata-se do gnosticismo.

Ofuscado por visões lampejantes enquanto tateava seu caminho em meio as trevas, o homem do séc. II desenvolveu uma consciência neurótica de seu próprio papel num mundo incompreensível. A verdade é secreta e nenhum questionamento dos símbolos e enigmas jamais revelara a verdade última, só deslocando o segredo para outro lugar. Se esta é a condição humana, então significa que o mundo é o resultado de um erro. A expressão cultural desse estado psicológico é a Gnose. (ECO, 1993, p. 41).

Ocorre que na tradição do racionalismo grego, gnose era o verdadeiro conhecimento da existência, oposição a simples percepção ou opinião. Mas nos primeiros séculos cristãos, gnose passou a “significar o conhecimento meta-racional, intuitivo, o dom, divinamente concedido ou recebido de um intermediário celeste, que tem o poder de salvar quem o atinja” (IDEM).

A teoria gnóstica desenvolve uma síndrome de rejeição para com o tempo e para com a história. O mundo fora criado por engano. Trata-se de um cosmos abortado, o tempo é um dos principais efeitos desse aborto. Ele é apenas a imitação deformada da eternidade.

O gnóstico vê a si mesmo em exílio no mundo, como vítima de seu próprio corpo, que define como uma tumba e uma prisão (...) A existência é um - mal e sabemos disso. Quanto mais frustrados nos sentimos aqui, tanto mais somos afetados por um delírio de onipotência e por desejos de vingança. Daí o gnóstico reconhecer-se como uma centelha da divindade, provisoriamente lançado no exílio em decorrência de uma intriga cósmica (...) Embora prisioneiro de um mundo doente, o homem sente-se investido de um poder sobre-humano. (...) Ao contrário do cristianismo, o gnosticismo não é uma religião de escravos mais de senhores. (ECO, 1993, p.42).

A visão gnóstica, segundo o autor, influenciou a cultura moderna e contemporânea na estética do mal e na criação verbal dos poetas que buscam experiências visionárias por meio da exaustão da carne, dos excessos sexuais, do êxtase místico, das drogas e delírio verbal.

Ainda sobre esta notável maneira de pensar, Eco apresenta Luckás como defensor de uma idéia a respeito um tanto singular. Ao criticar o irracionalismo filosófico dos dois últimos séculos como invenção da burguesia, Luckás estaria traduzindo a síndrome gnóstica para a linguagem marxista. A quem tenha visto inspiração gnóstica também no leninismo e em Heidegger.

Essa breve viagem sobre a onipotência e a verdade para poucos, remete o leitor ao seu núcleo norteador, o segredo.

Entender o segredo cósmico significa reconhecer o poder de fazer com que os

outros acreditem que a pessoa tem um segredo político. Pois, a pessoa assim vista torna-se num estado de exceção, ela opera como atração de pura determinação social.

Do segredo, que obscurece tudo quanto é profundo e significativo, nasce o erro típico segundo o qual tudo o que é mistério é algo importante e essencial. Diante do desconhecido, o impulso natural do homem é idealizar e seu medo natural coopera para levá-lo ao mesmo objetivo: intensificar o desconhecido através da imaginação, e prestar-lhe atenção com uma ênfase que em geral não está de acordo com a realidade patente (ECO, 1993, p.44 *apud* SIMMEL, 1931).

A visita ao legado hermético com Eco, tem por intuito compreender segundo ele, um pouco da teoria contemporânea da interpretação textual.

A princípio, o autor diz haver entre abordagem hermética dos textos e as contemporâneas, inquietantes similaridades. Pensando nas teorias mais radicais voltadas para o leitor, elegemos as assertivas que merecem um olhar mais apurado, para não dizer uma análise: a) “Qualquer texto, pretendendo afirmar algo unívoco, é um universo abortado, isto é, a obra de um Demiurgo desastrado que tentou dizer que ‘isso é isso’ e fez surgir, ao contrário, uma cadeia ininterrupta de transferências onde ‘isso’ não é ‘isso’” (ECO, 1993, p.45); b) “O leitor real é aquele que compreende que o segredo de um texto é o seu vazio” (IDEM, p. 46); c) “Neste mundo faltam tantas coisas que, se faltasse mais uma não haveria lugar para ela” (ECO, 1993 p.47, *apud* MACEDÔNIO FERNANDEZ).

Posteriormente a estes apontamentos, Eco fala da escrita como mecanismo lingüístico de diálogo com o homem. Para tanto Eco relata a história do Escravo Índio: incumbido por seu senhor de entregar figos para um amigo, junto levava uma carta que continha certo número de figos. O índio sem entender o poder da carta come parte da mercadoria e ao entregá-la é delatado pelo papel. Na entrega seguinte, o Senhor toma ao certo as mesmas precauções e o Índio também o faz. Esconde a carta atrás de uma pedra, pois assim, certamente ela não o veria comer parte do carregamento. Ao fazer a entrega, para sua surpresa a Carta o delatou novamente. Então ele assustado, reconhece

a divindade presente naquele Papel que mesmo tendo sido escondido o teria visto comer os figos e promete fidelidade nas obrigações ao seu Senhor.

Desta natureza ingênua, porém lógica, na interpretação segundo o Escravo Índio, o semiótico mostra o quanto o texto ao ser separado de seu autor, como da intenção deste, das circunstâncias concretas de sua criação e de seu referente intencionado, flutua no vácuo de um leque potencialmente infinito de interpretações possíveis. Feita essa observação o autor enumera várias possibilidades de interpretação e/ou “superinterpretação” para o caso relatado (p.48-51) e, ao finalizar essa primeira parte da obra assinala: “Se há algo a ser interpretado. Assim, pelo menos no decorrer de minha próxima conferência, minha proposta é: vamos primeiro assumir o lugar de escravo. É a única maneira de nos tornarmos, se não senhores, ao menos respeitosos da semiótica” (ECO, 1993, p. 51).

2.2 ECOS: EM ECO, FOUCAULT

Estes enunciados de recorte teórico a serem apresentados estão protegidos sob a lógica da língua convencional e da ordem do discurso em que estão submetidos. No entanto, ao serem lidos mediante o viés da AD francesa, neste caso em Foucault, propomos o aparente impossível do encontro, o que numa leitura discursiva significa pensar uma rede discursiva, ou em outros termos, uma rede arqueológica de sentidos nos conceitos que escolhemos para reflexão. Na interpretação e na história nela contida e vice-versa, conforme proclama o texto apresentado os efeitos discursivos a que estamos denominando ecos, pedem circulação em rede, neste caso com os autores eleitos, Foucault e Freud. Diferentes do ponto de vista em que partem na episteme de leitura, mas semelhantes do ponto de vista onde se encontram no efeito de sentido do que dizem.

Foram eleitos os conceitos de *fronteira, irracionalidade, limite, racionalidade e ritual,*

para tal aproximação. A ordem a ser tratada estará de acordo com a seqüência em que estes conceitos aparecem no texto parafraseado de Eco. Estes conceitos serão retomados várias vezes para que se possa evidenciar o efeito de sentido provocado ora por um autor ora por outro, ora se encontrando ora se desencontrando.

Neste capítulo, o primeiro objetivo é demonstrar pontos de encontro em Michel Foucault e Umberto Eco quanto aos conceitos de autor, leitor e texto. Estes são aqui entendidos como imbricados àqueles que elencamos quanto à analogia para a formação de sentido que se pretende demonstrar. Para tanto, retomaremos a paráfrase da Obra: *“Interpretação e superinterpretação”*, agora, sublinhando alguns trechos eleitos para demonstrar Eco próximo a Foucault, também por trechos de suas obras.

Ainda na reflexão aqui arrolada, demarca-se o propósito da pronúncia da psicanálise em alguns de seus postulados. Esta pronúncia é uma espécie de “Chamada” à conversação entre o diálogo psicanalítico com a semiótica hermética. Estamos pensando em termos de possibilidade de pontos de congruência de discurso. Há evidências de que os objetos das ciências são diferentes, mas é algo útil e agradável fazê-las dialogar, mais que isso provocar o impossível da linguagem, neste caso, irracional x racional mediante o viés discursivo nos deslocamentos de sentido em que a psicanálise demonstra ser pertinente e loquaz. Neste sentido, é oportuno posicionar os pronunciamentos desta linguagem em aproximação ao texto em que ela será viés metodológico para análise do objeto – Eco.

Para tanto, passemos ao primeiro momento de alguns trechos do texto parafraseado, bem como das citações dos autores com os quais se estabelecerá o diálogo proposto.

Quando Eco trata da irracionalidade “(...) assinala a dificuldade de definir irracionalismo sem entrar no mérito da razão, (...) qualquer forma de pensar sempre é vista como irracional pelo modelo histórico de outra forma de pensar que não a seja (...), (...) ao

buscar os sinônimos filosóficos de irracionalidade chega ao seu antônimo como algo significativo, nesse antônimo estaria o termo moderação, cuja acepção é estar dentro do *modus*” (paráfrase p. 24).

Pois o *modus* nos remete ao conceito de limite, e estar dentro do *modus* é estar “(...) dentro dos limites e das medidas. Nesse ponto Eco assinala a importância da noção Latina *modus* no isolamento de duas atitudes interpretativas básicas, isto é, duas formas de decifrar o texto como um mundo ou um mundo como um texto” (paráfrase p... In Eco p. 31). “(...) O modelo legal é *modus*, mas o *modus* é também o limite, a fronteira” (paráfrase p. 24).

O conceito de *modus* pede concomitante o de racionalidade, que traz colado a ele outro nada casual, o conhecimento. “(...) De Platão a Aristóteles conhecer significava entender as causas, trata-se do racionalismo grego (...) ‘o racionalismo latino adota os princípios do racionalismo grego, mas os transforma e enriquece num sentido legal e contratual” (paráfrase p. 24 In ECO p.32).

Retomemos agora à questão dos limites “(...) os latinos têm obsessão por limites espaciais. (...) Ao versar sobre fronteira como lei o autor remonta a Rômulo que mata seu irmão por não respeitar a linha de fronteira por ele traçada, a Cezar Augusto e em seus desígnios políticos baseados em fronteiras, na precisão dos limiares da linha defensiva disposta; a Júlio Cezar ao atravessar o Rubicão, o saber de um limite, ao cometer-se um sacrilégio não se pode voltar atrás *o que foi feito nunca pode ser apagado, o tempo é irreversível*. (...)” (paráfrase p. 25).

Completando o raciocínio acerca do irracionalismo, do racionalismo e dos limites greco-latino, “Eco deixa claro que há um modelo de raciocínio causal preso à matemática, (...) herança grega. (...) junto dessa herança existe o conceito de infinidade (aquilo que não tem *modus*). Ao lado de conceitos de princípios causais como identidade, constroem-se novos conceitos sem princípios causais como metamorfose” (Paráfrase 25). Segue

explicando o filósofo e lingüista que ‘As cadeias causais enrolam-se sobre si mesmas em espirais: ‘o depois’ precede o ‘antes’... O deus não conhece limites (...) e pode, em diferentes formas, estar em diferentes lugares ao mesmo tempo (paráfrase p. 25. *In*: ECO p.34). Ademais, “(...) O mito viaja nessa cadeia sem o menor problema. Para o deus Hermes (...) que é volátil, não há limites espaciais” (paráfrase p. 25).

Após evidenciar os trechos parafraseados de Umberto Eco, os quais provocam os encontros, promovamos os mesmos entre Eco e Foucault, por ora.

Chamamos para esse primeiro encontro com Michel Foucault, o recorte de um texto no qual o filósofo francês disserta sobre a escrita contemporânea como objeto deste próprio modelo discursivo, no qual a escrita distancia-se do escritor e se aloja no significante. Importa esse chamamento para a conexão com Eco a analogia entre a escrita moderna controlada e suas fugas; aos conceitos elencados de irracionalidade, limite, fronteira e racionalidade.

A escrita de hoje se libertou do tema da expressão: só se refere a si própria, mas não se deixa, porém aprisionar na forma da interioridade; identifica-se com sua própria exterioridade manifesta. O que quer dizer que a escrita é um jogo ordenado de signos que se deve menos ao seu conteúdo significativo do que à sua própria natureza do significante; mas também que esta regularidade da escrita está sempre a ser experimentada nos seus limites, estando ao mesmo tempo em vias de ser transgredida e invertida; a escrita desdobra-se como jogo que vai infalivelmente para além das suas regras, desse modo as extravasando. Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever, nem da fixação de um sujeito numa linguagem; é uma questão de abertura de um espaço onde o sujeito de escrita está sempre a desaparecer (FOUCAULT, 2002, p.35).

Aliada a citação de Foucault, a tese em que Eco trata da irracionalidade, isto é, uma forma de pensar que não seja o modelo histórico vigente que não esteja no *modus*, consideramos que ambos percorrem um caminho de raciocínio que se respalda numa arqueologia do conhecimento, pois a irracionalidade não depende da linearidade do tempo tal qual a escrita que, neste contexto, é transgredida, abatida da expressão ou empurrada para ela em momentos circunstanciais, num dispositivo do verdadeiro da época, revelando que o racional ou o irracional não estão demarcados pelo tempo, mas pela vontade de

verdade.

Em seguida, os autores apontam de maneiras diferentes, mas dizendo a mesma coisa, que essa escrita que é um jogo ordenado de signos, que possui uma regularidade, que está sempre a ser experimentada nos seus limites, está sempre em vias de ser transgredida e invertida. Deparamos-nos, neste contexto, com o limite, a fronteira, o *modus* latino, a princípio associado ao apego espacial, vistos em Eco. Neste sentido, a escrita moderna está sob o limite de uma legalidade contratual para a qual as palavras escritas são construídas sob um código convencionado, o da língua a qual reúne as palavras sob o foco do tempo e do espaço, num dispositivo técnico de comunicação, que se enquadra num padrão que significa um limite.

Esse conjunto de código reunido que se encontra padronizado sob o jugo do limite, pode ser lido pelo princípio de causalidade greco-latina, posta em Eco quanto às alusões feitas a Rômulo, Júlio Cezar e Cezar Augusto. A partir deste princípio de leitura consideramos que o que foi escrito não se apaga não se pode cruzar a “fronteira”, não se pode voltar atrás, ensejando a marcação do tempo e do espaço da escrita como algo linear e imutável. Lembramos que Eco está demonstrando no exemplo destas referências lendárias uma forma de racionalismo, o racionalismo da linearidade tempo-espaço “sugerido”.

Ao trazermos Foucault, para a reflexão, o encontro se dá no gesto de leitura. Veja que Eco apresenta narrativas de clássicos canonizados para firmar a importância do conceito de fronteira, mostrando, por exemplo, o que se faria pelo controle, pela manutenção da fronteira. Afrontar essa ordem significava incorrer em perdas irreparáveis, tal qual o assassinato de um irmão, no caso, Rômulo e Remo.

Já quando Foucault fala da escrita como vias de ser transgredida e invertida e sobre seu desdobramento num jogo que vai para além de suas regras, ou seja, sai da ordem estabelecida, implica estar lendo os lendários do Império Romano como àqueles que, ao

afrontarem a regra, levam consigo, o que lhes era de pertence, ou seja, uma voz silenciada que preferiu a guarida de seu silêncio ao esplendor do grito sufocante do poder, inclusive o poder de mandar falar, de mandar calar, de mandar sair ou ficar. Este é o poder de interdição de dizer e do dizer.

Pensar a transgressão na escrita proposta em Foucault, remete-nos a compreender o sujeito presente numa sociedade e, ao mesmo tempo, o modelo histórico que prima pelo perfil desse sujeito na ordem de uma verdade instituída à própria condição do existir desse sujeito.

Se na sociedade medieval o cidadão falhasse à ordem prescrita, a punição era clara, sem subterfúgios burocráticos. A maquinaria do poder era acionada e o transgressor da lei era sacrificado em praça pública, caso não declarasse confissão de culpa. Aqui, o poder do soberano é reforçado, a tragédia é exaltada como uma espécie de forma coletiva de catarse. Contudo, a transgressão, nem mesmo ela era corrompida. Havia um transgressor. Havia a quem punir. E não havia caminho de volta.

No entanto, a sutileza da linguagem numa nova ordem prevista, abominaria a rudeza desse ritual, que sob o prisma da episteme da modernidade estabelece o sujeito da razão, o sujeito cartesiano, o sujeito do conhecimento. Pelo viés da Análise de Discurso é possível entender mecanismos que deram condições ao aparecimento desse sujeito, para sua sustentação como tal, para seu apagamento e para seu desaparecimento. Mecanismos de controle do discurso.

Nesta ordem, o jogo entre limite, transgressão está no poder disciplinador, na punição. Poder que numa sociedade pautada na escrita, dá-se pela e na própria escrita.

Em Foucault o sujeito da escrita está sempre a desaparecer. Este sujeito cruza a linha de fronteira, mas ele não importa. Na racionalidade contemporânea, quem responde pela escrita é o autor. A punição do autor está nas condições dadas de escrita. Na medida em que escreve, atravessa-se o Rubicão, comete-se o sacrilégio. O escritor se esvai,

embora seja pego e resgatado pela individualização e pela cultura, a qual lhe atribui uma ordem de escrita que quer ver cumprida nem que seja na transgressão dessa escrita, o que significa o sacrifício, o limite, a sua morte.

Feitas estas considerações quanto aos enunciados dos autores nas semelhanças discursivas, passemos, então, a outro significativo momento do trabalho ao qual estamos denominando segundo encontro com Foucault, momento este que demanda ver do que trata Eco quanto ao que se quer abordar.

Reunimos novamente alguns trechos do texto parafraseado de Umberto Eco. Trata-se do elenco que combina temáticas escolhidas de antemão e que fazem parte do convite teórico de reflexão, para seguir o encontro da Semiótica Italiana e Análise de Discurso Francesa – Eco e Foucault. Neste momento a incursão feita em Eco atina para passagens cujos conceitos a serem salientados são: *ritual, irracionalismo, racionalismo e limite*. Estes conceitos estão cercados por outros que sobremaneira os constituem ou dependem deles para se constituírem tais como: *mistério, segredo, verdade, conhecimento*. E dizem respeito ao *Corpus Hermeticum*.

A princípio retomemos as seguintes paráfrases: “(...) O deus não conhece limites (...) e pode, em diferentes formas, estar em diferentes lugares ao mesmo tempo” (paráfrase p.25 *In:ECO* p.34). “(...) O mito viaja nessa cadeia sem o menor problema. Para o deus Hermes (...) que é volátil, não há limites espaciais” (paráfrase p. 25). E, agora salientemos as outras:

“(...) A busca da verdade hermética vê nos livros a chave para a verdade, mas os livros são vários, as idéias são diferentes. Portanto, a verdade não seria uma só. Logo, o fato de os livros dizerem algo diferente do que parece dizer remete a pensar a alusão, a alegoria. Os livros passam a gozar de um mistério. ‘Haveria de existir uma verdade secreta e um deus capaz de revê-la. O enigmático é ressaltado como a verdade oculta, secreta. Sua profundidade não cabe desvelamento no raso dos textos’(paráfrase 26). “(...) No

hermetismo a grande mola propulsora em busca da verdade é o segredo. 'O segredo último da iniciação hermética é que tudo é segredo' ". (paráfrase p. 27. In: ECO, 1993, p. 38).

Abordemos neste segundo encontro com Foucault, por primeiro a reflexão sobre limite. Mais especificamente sobre "ultrapassar limites" em Eco, que significa transgredir a fronteira em Foucault.

Ultrapassar limites se refere ao resquício da herança greco-latina que foge ao *modus*, ao fascínio dos gregos pela infinidade. Para tanto, deparamo-nos em Foucault com uma passagem em "A Vida dos Homens Infames. In: *O que é Um Autor?*", na qual apresenta uma comunicação. Essa comunicação com Eco, nos meandros dos conceitos de irracionalismo e limites (fora do *modus*) encontra subsídios na semelhança de efeitos de sentido quanto ao conceito de infinidade.

Em Eco têm-se os enunciados explicativos a esse respeito pautados na semiótica hermética. Para situar seu leitor na ordem do conhecimento, Eco demonstra que o conhecimento requer uma verdade. Mas, essa verdade não se contém ao limite. Ela mesma por herança do *modus* grego do deus (Hermes) se delinea, infinita, mutante. Neste percurso geram-se outras construções: a) princípios causais: (identidade), b) princípios não-causais: (metamorfose). Eles se misturam em cadeias espirais, enrolam-se sobre si mesmos.

Ali se rompe o *modus* tempo-espaco. O fascínio da civilização grega pela infinidade assinalada em Eco, recupera o mito de Hermes que é volátil e pode estar de diferentes formas em vários lugares ao mesmo tempo. O deus² não conhece limites.

Nesta Comunicação em que Foucault discorre sobre a fábula como o "sem sentido" da palavra, da vida quotidiana, podemos aproximar os discurso da Literatura ligado ao fabuloso com o fascínio pela infinidade apresentada em Eco. Embora a citação seja longa,

² Neste texto, quando nos referimos ao deus Hermes, recomendamos cautela, haja vista, que Eco deixa claro que a herança grega deixada após a tomada do Império Romano pelos Latinos não é a mesma sobre ela está uma cultura oposta, o Cristianismo. Referência em: (ECO, 1993, p.34).

é necessária:

A fábula, no verdadeiro sentido da palavra, é o que merece ser dito. Durante muito tempo, na sociedade ocidental, a vida de todos os dias só pôde ter acesso ao discurso quando atravessada e transfigurada pelo fabuloso; era preciso que ela fosse retirada para fora de si própria pelo heroísmo, a façanha, as aventuras, a providência e a graça, eventualmente a perversidade; era preciso que fosse marcada por um toque de impossível. Só então tornava dizível. (...) Nasce uma arte da linguagem cuja tarefa já não é cantar o improvável, mas pôr em evidência o que não é evidente – o que não pode ou não deve ser evidente: dizer os graus últimos, e os mais tênues, do real. A partir do momento em que se instala um dispositivo para forçar a dizer o 'ínfimo', aquilo que não se diz, que não merece glória nenhuma, o 'infame' portanto, toma forma de um novo imperativo que vai constituir o que se poderia chamar a ética imanente ao discurso literário do Ocidente: (...) ir à procura daquilo que é mais difícil de notar, o mais oculto, o que dá mais trabalho a dizer e o mais escandaloso. (...) A literatura faz assim parte daquele grande sistema de coação por meio do qual o Ocidente obrigou o quotidiano a pôr-se em discurso; todavia, ela ocupa aí um lugar especial: obstinada a procurar o quotidiano por debaixo dele próprio, a ultrapassar limites, a levantar brutal ou insidiosamente segredos, a deslocar regras e códigos, a fazer dizer o inconfessável, ela terá tendência a pôr-se fora da lei, ou pelo menos a tomar a seu cargo o escândalo, a transgressão ou a revolta. Mais do que qualquer outra forma de linguagem, é ela que continua a ser o discurso da 'infâmia': cabe-lhe dizer o mais indizível – o pior, o mais intolerável, o vergonhoso. O fascínio que, desde há anos, uma sobre a outra exercem psicanálise e literatura, é, neste ponto, significativo (FOUCAULT, 2002, p. 124-127).

O texto salienta que esta vida infame passa a ter acesso ao discurso quando é atravessada pela fábula, ou seja, fora preciso a alegoria a alusão para que a palavra silenciada ao objeto de rejeição e limite pudesse ultrapassar o próprio limite. Uma verdade que incomoda a si mesma na estranheza desse limite.

Em Foucault a indiferença à vida dos homens infames corresponde ao interdito da palavra, à fronteira da ordem da razão. No entanto, a fábula, na medida em que é "marcada por um toque de impossível" lembra o mito, novamente o deus Hermes, volátil e ambíguo que desconhece limites.

O encontro a que estamos aludindo é sobre a discursividade do fabuloso em Foucault para com a infinidade em Eco. Vejamos que a infinidade corresponde, pois, àquilo que foge ao *modus*. O *modus* se alia ao conceito de verdade ou a busca da verdade racional, a identidade, ao limite. Não obstante a infinidade não se conforma a isto. Ela ultrapassa essas regras e adentra para outra ordem na qual o tempo, o espaço e a forma

são outras (...) voláteis.

Esta chama acesa no “toque do impossível” é da ordem do fabuloso, do “irreal” do mito, do fascínio, pois está fora do controle da razão, ou daquilo que se denomina, razão.

Neste sentido, a infinidade enquanto linguagem se localiza na vontade. A vontade parece não obedecer nem apetecer à lógica da razão. Ao certo, ela sofre da síndrome da rejeição ao *modus*. Além disso, antes da razão, a ambigüidade e a não-contradição, da linguagem mítica entre os deuses e os homens polarizaram o universo. Assim a invenção de uma linguagem fabulosa, mítica, mágica, vem justificar o infame do cotidiano limitado pela ordem da vontade do discurso daquele momento vigente que não se permite mostrar, senão ultrapassando esse limite, por meio de uma outra linguagem enviesada, neste caso – a Literatura. A Literatura é uma área do saber e de saber dentro da continuidade da mesma comunicação em Foucault que nos auxilia a passar para outro ponto significativo para a conexão com Eco. Trata-se do momento em que a semiótica fala dos livros na verdade hermética, assinalando que estes (...) “Os Livros passam a gozar de um mistério. Haveria de existir uma verdade secreta e um deus capaz de revelá-la” (paráfrase p. 26).

Observemos que ao discorrer sobre o hermetismo, Eco vai atentar seu leitor para um dos conceitos de verdade situados no lócus da episteme moderna que não combina com a racionalidade do *modus* científico, mas que paradoxalmente contribui para seu nascimento³. Este enunciado se faz transparecer em seu *continuum* temático no texto parafraseado, “Interpretação e História” optamos por não transcrever os trechos e sim, apoiarmos em seu núcleo norteador o Hermetismo e dele discorrer alguns conceitos que aliados lingüisticamente, carregam suportes para sua sustentação temática tais como: o sagrado, o segredo, o profundo, o oculto, a verdade, o enigma. Destes conceitos dados os efeitos de sentidos no campo discursivo se encontram em Michel Foucault no que diz respeito à importância da Literatura em sua façanha Ocidental ao se impor como um

³ Com relação ao paradoxo em referência, conferir citação de Umberto Eco em texto parafraseado p.... (ECO,1993,p.40).

discurso que ultrapassa limites. Portanto coaduna-se aqui a uma proximidade com a vontade de verdade do saber hermético. No sentido em questão, visa encontrar outras formas de expressão, de aparição, que não seja aquela delimitada pela ordem do discurso da verdade vigente. Assim, as palavras da Literatura que se explicita no texto de Foucault é uma obstinação a procura dos segredos, é dizê-los. Ao que tudo indica, o sem sentido da razão a (des) razão. O sem sentido da ordem; a (des) ordem, a qual é posta em leitura por um dizer que ousa levantar o véu do segredo. Este, embora para que se faça ouvir, tem de se codificar sob uma linguagem que desafia o que diz. Reveste-se sob outra linguagem que também não deixa de ser um segredo, e assim é autorizada a falar.

Queremos acenar com isto que a linguagem artística da literatura é da instância do fascínio e da infinidade, no sentido em que mesmo dizendo o inconfessável, o vergonhoso, a infâmia; sua forma de dizer: a prosa, o verso, o romance, o conto... É arte. A arte faz dela o saber volátil. Assim nesse encontro entre Eco e Foucault concluímos que a verdade da Literatura no sentido posto é hermética.

Sobre o conhecimento intuitivo é relevante mais uma passagem ao texto parafraseado em Eco, pois ela nos oportuniza ir à Literatura para explorar melhor o encontro com Foucault, ao tratar da questão do dizer. Pois, em Eco, "(...) *Naus* torna-se a faculdade da intuição mística, da iluminação não-racional, da visão instantânea e não discursiva. Aqui a necessidade de conversar, discutir e raciocinar, deixa de sê-lo" (paráfrase p. 27).

Ponderamos que a Literatura é suporte discursivo na qual o Livro obriga o segredo (do cotidiano) a ser dito sobre uma outra forma de segredo (o enigma) o fabuloso da linguagem. É preciso desvendar a fábula, pois ela não fala para si, é para outro que fala. Este outro, no entanto, não pode ser qualquer outro. Ele é específico, é o leitor, o intérprete de preferência. Dessa fábula, há que se ter alguém que possa dela falar. Por este motivo, arrolamos e sintetizamos mais um trecho da paráfrase em Eco em

decorrência de sua pertinência, (fabulosa) para o encontro com Foucault.

Aqui Eco disserta sobre a arte de conhecer vinculada a intuição, o que reporta a não-racionalidade do conhecimento, ou seja, ao mito.

Estamos em conversação com a verdade hermética, mas estamos num momento crucial dessa visão, na qual (...) “alguém, a luz que se fundira com as trevas, fala. Dessa fala não há iniciado que possa dela falar” (paráfrase p. 27). Isto demanda pensar, por conseguinte o leitor.

Mas para pensá-lo, Foucault é convidado para nos avisar sobre a enunciação possível no discurso da verdade hermética e da ponte com a sua condição de algo fechado vir a combinar com a Literatura no jogo da linguagem fascinante; por isso é acessível e aberta. Um encontro em meio ao desencontro? Vejamos: o que estamos consideramos muito próxima entre Eco e Foucault completando as considerações do trecho anterior é a verdade hermética e da possibilidade em Foucault é a verdade literária. Embora, não se pretenda arrogar discutir um conceito feito este, a verdade, de forma absoluta, é sua ressonância de sentido único e equivalente ao leitor destituído dela, que se empreende tal atenção. Este leitor, contudo pede o texto. O texto no Hermetismo está no Livro, que significa algo fechado, por isso contém o segredo, a verdade. Não se pode discuti-lo. Há que ser um iniciado, mas nem mesmo este, pode falar.

O texto da Literatura Ocidental que irrompe no discurso do cotidiano infame, o faz sob deslocamentos de regras e códigos. Diz o que vê e ouve. Mas se utiliza de figuras alegóricas, alude ao real da língua. Neste sentido o texto que é aberto às várias possibilidades de interpretação (infinidade, mito, fascínio) volta sobre si mesmo. Fecha-se como leitura desse cotidiano que se diz dizer.

O leitor dessa arte de discurso literário, nas suas diferentes formas de manifestações, nada tem a dizer sobre ele, a não ser a repetição de seu indizível. Se este texto diz o intolerável para um leitor não iniciado, este leitor não suporta seu dizer, não o

tolera, não há nada dele que ele possa dizer. Sua intolerância para com o dito sobre o intolerável da vida do infame na linguagem metaforizada, pode simplesmente dever-se ao fato de que o leitor desavisado não compreende esta forma de dizer, não é iniciado.

Assim, entendemos que o se pretendia ser mesmo a possibilidade de um encontro em Eco e Foucault, pela via dos desencontros fugidios e arditos da língua o são pela linguagem em rede.

Seguimos Eco, que nos oportuniza neste momento, ler a escrita como mecanismo lingüístico de diálogo com o homem e de sua estranheza para com o leigo ausente desta prática como forma de comunicação. O texto é um relato curioso que ressalta alguns elementos importantes para Análise de Discurso, que nos confere objetivo: o autor, o leitor e o texto. Concomitante, o texto traz conceitos elementares que não dispensa maior atenção como: intenção, (de) núncia e interpretação.

Para maior completude de nossa tarefa, não podemos deixar de nos fixar no elenco já proposto, neste caso a racionalidade presente no autor, a irracionalidade no leitor e na interpretação, bem como o ritual nas circunstâncias do texto e do contexto, criadores, inclusive, de novas formações discursivas.

Há um Relato excelente (...) referente a um Escravo Índio; que, ao ser mandado por seu Senhor com uma Cesta de Figos e uma Carta, comeu durante o Percurso uma grande Parte de seu Carregamento, entregando o Restante à Pessoa a quem se destinava; que, ao ler a Carta e não encontrando a Quantidade de Figos correspondente ao que se tinha dito, acusa o Escravo de comê-los, dizendo-lhe que a Carta afirmara aquilo contra ele. Mas o Índio (apesar dessa Prova) negou o Fato com a maior segurança, acusando o Papel de ser uma Testemunha falsa e mentirosa. Depois disso, sendo mandado de novo com um carregamento semelhante e uma Carta expressando o Número exato de Figos que deviam ser entregues, ele, mais uma vez, de acordo com sua Prática anterior, devorou uma grande Parte deles durante o Percurso; mas, antes de comer o primeiro (para evitar Acusações que se seguiriam), pegou a Carta e a escondeu sob uma grande Pedra, assegurando-se de que, se ela não o visse comer os Figos, nunca poderia acusá-lo; mas, sendo agora acusado com muito mais rigor do que antes, confessou a Falta, admirando a Divindade do Papel e, para o futuro, promete realmente toda a sua Fidelidade em cada Tarefa. (ECO 1992, p..47-48 *apud* WILKENS: 1641).

Podemos verificar de antemão que o autor (o Senhor) emissor da Carta intencionava comunicar seu amigo a quantidade de figos que lhe mandava, certificando a

ele que este receberia tal quantidade. Esta era única finalidade da Carta (o Papel). Papel, que ao ser entregue ao Escravo Índio continha junto dele a Cesta de Figos. Aí podemos notar que são postos sob leitura dois objetos, significantes para um leitor que não dispõe do mesmo dispositivo de leitura do suporte discursivo do qual partiu tais objetos. Neste caso, um dos objetos – o Papel e seu conteúdo, sua valia (a escrita) é o nosso referente de análise sob esta ótica de estranheza.

Esse Índio, dentro de seu modelo histórico de pensar, certamente não compactua com *modus* do racionalismo da comunicação escrita (a Carta). Em razão disso, a visão do Índio Escravo emissário, é irracional para esse modelo, é mítica, sua forma de investigação se aproxima de um ritual. (esconde o Papel de (de) nuncia)...

Vejamos que ao ser acusado pela Pessoa a quem se destinava a mercadoria em falta, isto é, ao ser (de) nunciado pela Carta, o índio se defende acusando o Papel de ser uma Testemunha falsa e mentirosa.

Na vez seguinte, irá esconder a tal e misteriosa Testemunha, para que ela não o veja comer os Figos. Mas, será novamente delatado. Assim, reconhece a grandeza e a Divindade do Papel (o Poder presente nela).

Para chegar a este desfecho, o “derrotado transgressor” concede o poder da fala, da visão, do espírito, da vida; para o Papel, de modo que ele possa com ele se comunicar. Só assim, este se lhe revela enquanto verdade, porque comunica uma verdade que foge à sua; é da ordem do sagrado.

Para a analogia com este rico relato apresentado por Eco, em Foucault escolhemos desta feita um breve texto também sobre “A Vida dos Homens Infames” *In: “O Que é o Autor?”*. A escolha se deve a fala que o filósofo faz acerca do poder de uso de um discurso clássico – o Cristão. No que se refere o quotidiano do infame. Por meio dele é possível abordar temáticas como o ritual, a confissão, o arrependimento e a penitência. Isto nos permite vincular, a partir de Eco, o encontro enunciativo de ambos. Para tanto

destaquemos o texto:

A tomada do poder sobre o ordinário da vida, tinha-a o cristianismo organizado, em grande parte, à volta da confissão: obrigação de fazer passar pelo fio da linguagem o minúsculo mundo de todos os dias, os pecadilhos, as faltas, mesmo que imperceptíveis, até aos turvos jogos do pensamento, das intenções e dos desejos; ritual da confiança no qual aquele que fala é ao mesmo tempo aquele de quem se fala; apagamento da coisa dita pelo seu próprio enunciado, mas igualmente anulação da própria confiança que deve permanecer secreta, e não deixar atrás de si nenhum traço a não o arrependimento e as obras de penitência (FOUCAULT, 2002, p.110-111).

Adotaremos neste terceiro encontro com Foucault uma forma mais específica de fazê-lo, haja vista termos um relato cheio de minúcias a ser analisado junto ao texto deste autor, a fim se de fazer os encontros de efeitos de sentido que o discurso no seu viés de interlocução das várias formas do dizer nos possibilita. Faremos uma analogia entre os dois textos já demonstrando o viés discursivo do encontro. Optamos, portanto, em usar a letra (E) para referir-se ao texto de Eco e a letra (F) para referir-se ao texto de Foucault, sendo que nesse meio tempo faremos algumas intervenções que considerarmos convenientes. Sem mais delongas, retomemos a análise:

A passagem do texto de Eco, o Relato do Escravo índio se encontra em Foucault nos enunciados discursivos de efeito de sentido quando o filósofo francês nos apresenta o discurso do Cristianismo e à volta da confissão como obrigação de fazer falar os pecados, isto é, as faltas, as intenções, os desejos: “ritual de confiança, na qual aquele que fala é ao mesmo tempo aquele de quem se fala” (IDEM p. 110).

Em Eco, por sua vez, temos o personagem ao qual intitulamos o leitor intérprete. O personagem Escravo Índio se acha num texto cujo universo lingüístico se serve a contento com o mesmo universo do texto de Foucault. Embora tratem de conteúdos diferentes, é nas mensagens desses conteúdos que encontramos pontos de congruência.

(E) O Escravo Índio foi acusado de comer parte do carregamento. (F) Este enunciado remete por primeiro ao poder sobre o ordinário da vida e por segundo a acusação que desloca sentido quanto à confissão, a supõe.

(E) O Escravo Índio acusa o Papel de ser Testemunha falsa e mentirosa. (F) Somos impelidos ao ritual da confidência na qual aquele que fala é ao mesmo tempo aquele de quem se fala. Neste sentido, o Escravo não mente quando fala que a testemunha é falsa. Não mente porque acredita no que está dizendo. Não acredita que o Papel o tenha visto comer os figos. Neste caso o Escravo Índio está confidenciando a sua verdade ao acusar o Papel referindo-se a este como Testemunha. A Testemunha falante não existe no repertório discursivo do Escravo, então é de si que fala.

(E) (...) Pegou a Carta e a escondeu sob uma grande Pedra. A circunstância a que se acha submetido o Escravo, desenha o fio de uma linguagem – a obrigação, o dever em prestar contas ao Senhor (Emissor) e a Pessoa que se destinava sua missão. Mas, uma vez posto a prova pelo Papel “linguarudo” o Escravo prefere não arriscar escondendo a Testemunha. (F) Nesse panorama emblemático, o ritual da circunstância se esboça e deixa notório que nosso personagem está sob a mira de uma linguagem prestes a engolfá-lo. Aliás, ele já falou demais quando disse que a Testemunha era falsa. Agora está vigiado pela linguagem escrita, sob a ordem da confissão.

(E) (...) Sendo agora acusado com muito mais rigor que antes, confessou a falta. (F) À volta da confissão. (...) apagamento da coisa dita pelo seu próprio enunciado (...) anulação da própria confidência (...) arrependimento.

Diante da prova da vedação dos olhos da testemunha e da sua capacidade em ultrapassar a enorme Pedra e ainda assim vê-lo no ato ilícito da comilança; o Índio se depara com o desconhecido, com o enigmático de uma verdade que obriga confessar seu erro e ao confessá-lo, faz calar a sua própria verdade, anula-a. E, deixa-se anular por ela em seus desejos e intenções.

(E) Para o futuro promete realmente toda sua fidelidade em cada tarefa. (F) (...) Não deixou atrás de si nenhum traço a não ser o arrependimento e as obras de penitência.

Extasiado pela nova verdade que não lhe pertence, arrependido por duvidar de um

poder divino, o escravo índio cumpre a penitência do crime cometido, pela culpa da desobediência ao jurar fidelidade em cada tarefa. No discurso cristão se torna um escravo mais aliviado, mais não menos escravo, bem o sabemos, é mais obediente, mais subserviente, apagado de uma discursividade que não lhe seja prescrita a não ser esta. Portanto é no mínimo ponderado afirmar que os conceitos empreendidos aqui, típicos do cristianismo, em nosso sábio e ingênuo leitor citado por Eco, se encontram em Foucault. Nesse viés há uma linguagem que não se limita à estrutura e sim às condições de possibilidades de aparição dessa linguagem enquanto texto, contexto e leitura.

2.3 ECOS: EM ECO, FREUD

A esse momento ao qual objetivamos escutar ecos delineados pelos enunciados em Eco, Freud, e Foucault, faremos incursões circulando por entre os autores a fim de ler em seus enunciados pelo viés do discurso as possibilidades que os (d) enunciam nos gestos de interlocução.

A necessidade que se nos aponta para tal posicionamento é a de pronunciar-se de antemão ao propósito do segundo e terceiro capítulos que demanda a escuta da Psicanálise em Eco. Para tanto, entendemos a pertinência de que tenhamos um fio de contado ou ao menos essa possibilidade entre as linguagens envolvidas. Atinamos que a psicanálise assim como outras áreas do conhecimento é um campo do saber, mas para entendê-la é preciso dialogar com ela. Neste caso, colocamo-na em diálogo para, em seguida, submetê-la a condição mais singular. Para tanto, a interlocução será feita pela inicial do nome do autor (E) para Eco, (F) para Foucault e (FR) para Freud, situando logo a seguir a análise do conteúdo expresso na mensagem desse sujeito autor. Outrossim, informamos que retomaremos algumas passagens da paráfrase em Eco para a locução em Freud, no entanto não de forma seqüenciada.

(E): a) “(...) ao cometer-se um sacrilégio, não se pode voltar atrás o que foi feito nunca pode ser apagado, o tempo é irreversível” (paráfrase p.). b) “(...) o ‘depois’ precede o ‘antes’, o deus não conhece limites (...) e pode, em diferentes formas, estar em diferentes lugares ao mesmo tempo” (paráfrase p.25 *In*: ECO, 1993, p.34).

Estas duas primeiras chamadas em Eco (a, b) correspondem ao encontro enunciativo do principal conceito freudiano que fundamenta a psicanálise – o *inconsciente*. O encontro se dá pelo fator tempo. Feita tal consideração é necessário chamar Freud. (FR): “Os processos do sistema inconsciente são intemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo, não têm absolutamente qualquer referência ao tempo” (FREUD, {1923-25} 1976 p.214).

Quanto ao enunciado (a) remetido analogicamente ao inconsciente, é de se aperceber que no âmbito do inconsciente não se pode voltar atrás quanto ao que foi feito a fim de não tê-lo feito. O tempo no inconsciente é um estado psíquico, uma instância na qual se represa e constitui a maior parte da vida psíquica.

Quanto à irreversibilidade. O tempo é irreversível na medida em que essa instância, na sua atemporalidade desconhece a linguagem do antes e do depois. Ela é um *continuum*, o agora é o sempre que não se contradiz ao nunca. “O inconsciente não é uma coisa, é um acontecimento, nunca nos abandona (como repetição como diferente)”.⁴

A chamada (b) assegura uma segunda sugestão sobre o inconsciente, quando nos lembra que em Eco visto pela lógica da metamorfose o depois precede o antes, isto é, o tempo está fora da ordem causal, o deus pode estar de diferentes formas, em diferentes lugares ao mesmo tempo. Ele não conhece limites. Aqui há indícios que nos diz que esse deus é o inconsciente freudiano, sua conexão se dá pelo próprio mito. E, se é assim,

⁴ Referente à aula do dia 29/04/00 da Disciplina de Fundamentos da Psicanálise freudiana. Professor Eládio Craia. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Filosofia e Psicanálise pela Unioeste – Campus de Toledo Pr. – Curso e Colegiado de Filosofia. 2000-2002.

chegamos a Freud num tema bastante pertinente. Trata-se do Totem. Nesta situação específica esta diz respeito ao Totem quando este relaciona deus ao pai.

Neste enunciado, todavia a psicanálise refere-se ao poder do Totem que está na figura paterna dos povos primitivos. Bem antes de conhecer qualquer Código de Leis, aqueles homens identificaram-se com o pai primeiro como representante da Lei. Isto se deve ao fato de terem transgredido essa Lei primeira e, por conseguinte sofrido o remorso, a lei tabu. A crença na punição automática contra o crime cometido ao que fosse da ordem do sagrado, pede o ritual de expiação, e o que antes como vivo era temido torna depois de morto mais temido, o sagrado, mais sagrado. Estas são explicações advindas das idéias freudianas sobre a origem da Lei e sua transgressão cercados por sentimentos como medo, amor e ódio. A fim de explorar a temática do totemismo e seus circunlóquios, chamamos Freud:

(...) Certo dia os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. (Algum avanço cultural, talvez o domínio de uma nova arma, proporcionou-lhes um senso de força superior. Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primeiro fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião. (...) Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também. Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalcada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo. (FREUD, {1913-14}. 1974 p.170-171).

Neste enunciado aparece o conceito de repetição bastante favorável à noção de tempo empreendida no mito. Essa repetição compreende a (re) elaboração do ato, ou do relato. Sobre a repetição demanda-se pensar um novo conceito de tempo. Uma repetição onde o mesmo se repete sob forma diferente, pensado a partir do inconsciente freudiano.

Ainda sobre estes conceitos, outra lenda grega ilustra bem estes pontos de encontro tanto em Eco quanto em Foucault advindos de Freud, no que concerne ao tempo irreversível, ao limite, ao castigo, à punição. O limite, se destinado ao deus e este o desconsidera, por um deus maior, a Lei. Esta Lei ao ser negada volta ainda mais forte, e cai sobre o infeliz que sem o saber ultrapassou o limite, toda força mágica de punição, a tragédia.

Estamos reportando nosso discurso à lenda de Édipo Rei, que matou Laio seu pai e casou-se com Jocasta sua mãe, sem saber, embora o Oráculo o tivesse avisado. As circunstâncias não o permitiam ouvir o aviso. O aviso não era para ser ouvido, afinal?

Com a lenda queremos lembrar que na psicanálise temos o determinismo psíquico. Édipo tentou fugir da casa dos pais adotivos os quais Édipo não sabia que não eram seus pais verdadeiros. Isto para impedir que a mensagem do Oráculo se cumprisse. “Matarás seu pai e casarás com tua mãe”. No caminho da viagem de fuga para evitar a tragédia, Édipo, mais uma vez sem saber, depara-se com ela.

Esta lenda, em analogia com o inconsciente, pressupõe que o inconsciente é algo do qual não se pode fugir. Sem o saber, quanto mais se foge dele, mais é dele a instância da qual se parte, seja para calar seja para falar.

Passamos agora para outro fragmento em Eco, importante, para a qual objetivamos o encontro ao conceito de semelhança. (E): “Para o hermetismo, a interpretação é indefinida. Sua indefinição refere-se à busca da semelhança. Os objetos, como uma planta, por exemplo, não se define pelas características morfológicas ou funcionais, mas pela semelhança, ao menos parcial com outro elemento do cosmo universal. Estas semelhanças, no entanto não se findam no objeto primário, pois este remeterá a outro, que remeterá a outro, interminavelmente” (paráfrase p. 27).

Neste fragmento, constitui-se a referência de ponto de encontro enunciativo em Freud à semelhança de efeito de sentido justamente a palavra em questão – semelhança.

Enquanto em Eco discorre-se sobre este conceito para explicar a indefinição da interpretação no hermetismo, haja vista, o critério universal atribuído aos objetos pela semelhança, em Freud encontramos explicações sobre a origem do totemismo que toma curiosamente como “critério” a semelhança.

‘O Totem é uma marca de clã, depois um nome de clã, depois o nome ancestral do clã e, finalmente o nome de algo adorado por um clã! (...) O âmago do totemismo, a nomenclatura, é o resultado da técnica primitiva escrita. Em sua natureza, um totem assemelha-se a um pictograma facilmente desenhável. Entretanto, uma vez portadores do nome de um animal, os selvagens passaram a formar a idéia de um parentesco com ele’⁵ (...) Em conseqüência da imprecisão e da inteligibilidade da fala primitiva, as gerações posteriores interpretaram esses nomes como prova de descendência dos animais verdadeiros. (...) O nome de um homem é um componente principal de sua personalidade, talvez mesmo uma parte de sua alma (...) (FREUD, {1913-14} 1974 p.136) ⁶.

A citação mencionada demanda observar que o Totem em Freud equivale em Eco à comparação que este faz na semelhança ao falar das plantas, quando elas buscam sempre na semelhança de outro objeto equivalente ao primeiro e depois ao segundo e depois ao terceiro e assim sucessivamente sua razão de pertencimento. Perpetuam nestes objetos segredos de gerações, demarca sob a ordem estética uma ordem ética, nomes, parentesco, família, a partir de caracteres fisiológicos semelhantes, isto é, parecidos.

Além disso, decorre daí a interpretação que em Eco é dada como indefinida, por se tratar de uma busca que finda nesse objeto mutante e em Freud numa interpretação limitada pela inteligibilidade da fala (da comunicação) dos homens primitivos, no que demandou a perpetuação das práticas totêmicas de descendência ao ancestral de um animal de laço de parentesco (algo de semelhante ao primitivo). Neste caso em específico, a indefinição da interpretação de Eco se encontrou em Freud assim como a semelhança na sua plenitude.

Outro fragmento em Eco também é oportuno neste momento para mais um encontro, uma interlocução, optamos por um recorte simplificado da paráfrase de modo a

⁵ Pikler e Somló (1900) Citados por Freud em *Totem e Tabu* (p.136).

⁶ Estas citações referem-se a explicações nominalistas. Existem outras explicações logo a seguir na mesma Obra, denominadas, sociológicas e outras denominadas psicológicas.

não se alongar no propósito.

Aqui Eco discorre sobre o Gnosticismo como fenômeno que se desponta vitorioso desviando-se do racionalismo greco-latino.

A idéia da qual o fenômeno é comparável a mais um diálogo com Freud se vincula ao segredo, lido a partir da AD em Foucault como a vontade de Poder.

(E): “(...) Em breve a viagem sobre a onipotência e a verdade para poucos, remete o leitor ao seu núcleo norteador, o segredo” (paráfrase p. 29).

Entender o segredo cósmico significa reconhecer o poder de fazer com que os outros acreditem que a pessoa tem um segredo político. A pessoa assim vista, torna-se um estado de exceção; ela opera como atração de pura determinação social, nos alerta Eco. Ainda sobre o segredo o semioticista esclarece:

Do segredo, que obscurece tudo quanto é profundo e significativo, nasce o erro típico segundo o qual tudo o que é mistério é algo importante e essencial. Diante do desconhecido, o impulso natural do homem é idealizar e seu medo natural coopera para levá-lo ao mesmo objetivo: intensificar o desconhecido através da imaginação, e prestar-lhe atenção com uma ênfase que em geral não está de acordo com a realidade patente (ECO *apud* SIMMEL, 1931, p.44).

Neste pequeno recorte sobre a onipotência da verdade, quando esta tem como núcleo norteador a verdade que opera como um segredo, desponta a possibilidade do encontro enunciativo de efeito de sentido do discurso no mesmo texto de Freud supracitado, no qual se refere ao poder dos governantes e ao tabu que cerca a pessoa a que se atribui o segredo. Portanto, “Sobre o Tabu Relativo aos Governantes dos Povos Primitivos”, ressaltamos Freud:

A atitude dos povos primitivos para com seus chefes, reis e sacerdotes regem-se por dois princípios básicos que parecem ser antes complementares do que contraditórios. Um governante ‘não deve apenas ser protegido, mas também se deve proteger-se contra ele’ (Frazer,1911b,132). Ambos os fins são assegurados por inúmeras observâncias tabus. (...) Por que se deve proteger-se dos governantes. (...) Constituírem veículos do poder mágico misterioso e perigoso que se transmite por contato, como uma carga elétrica, que causa a morte e a ruína a quem quer que não esteja protegido por uma carga semelhante. Qualquer contato imediato ou indireto com essa entidade sagrada e perigosa é assim evitado e, se não puder sê-lo, certas cerimônias são imaginadas para impedir as conseqüências

temíveis. (...) Não é de se admirar por isso que se tenha sentido a necessidade de isolar pessoas perigosas como chefes e sacerdotes do resto da comunidade, criando em torno deles uma barreira que os tornasse inacessíveis. (...) O *Dialis Flamen*, o alto sacerdote de Júpiter na antiga Roma, era obrigado a observar um número extraordinário de tabus. 'Não podia cavalgar e nem mesmo tocar num cavalo, nem ver um exército em armas, nem usar um anel que não fosse quebrado, nem ter um nó em qualquer parte de sua indumentária; (...) não podia tocar em farinha de trigo em pão fermentado, não podia tocar e nem mesmo nomear um pode, um cão'. (Frazer 1911b 13) (...) 'Em algumas partes da África Ocidental, quando o rei morre, um conselho de família se reúne secretamente para determinar seu sucessor. Aquele sobre quem a escolha recai é subitamente aprisionado, amarrado e atirado na casa-dos-fetiches, onde é mantido encarcerado até consentir em aceitar a coroa. Algumas vezes o herdeiro encontra meios de fugir à honra que se pensa investi-lo. (...) Entre os nativos da Serra Leoa, a resistência à aceitação da honra da realeza tornou-se tão grande que muitas tribos foram obrigadas a escolher forasteiros como reis. (FREUD, {1913-14}1974, p.62-68).

A partir do recorte realizado em Eco e da citação acima, temos noção junto a Freud sobre o mistério que cerca uma pessoa e o quanto ela passa a se tornar um estado de exceção, ou seja, no caso, o governante primitivo, cercado por crenças e tabus a ele conferidos pela determinação social, que lhe representa o cargo que ocupa.

A incumbência de comando, neste caso, carrega consigo os poderes de natureza mítica, acentuada pelo ritual do tabu do contágio, de deveres, de proibições, de demandas para com o cumprimento relativo aos poderes, tanto por parte do governante quanto por parte dos governados. Isto nos leva a concluir que, isolar o Rei, o Chefe, o Governante, dos Súditos em seus Segredos é um jogo de poder para impedir o desvelamento de que não há segredos.

Para finalizar tal equiparação, faz-se oportuno trazer Eco (E): "O leitor real é aquele que compreende que o segredo de um texto é seu vazio" (paráfrase p. 30).

Que se compreenda que não estamos fazendo apologia ao sumiço do segredo. Mas sim, uma reflexão quanto à sua exaltação como condição de garantir verdades que não possam ser ditas como modo de se garantir o controle de uma situação. Inclusão e exclusão do discurso. Rarefação dos sujeitos que falam. Aqui cabe em Foucault o princípio de controle do discurso nas exigências do Ritual, das Sociedades do Discurso e das Doutrinas⁷, princípio este que tem como vontade a semelhança que perpetua segredos, os

⁷ O tema se encontra na Livro *A Ordem do Discurso* de Michel Foucault (1996 p. 37,39 e 43).

quais devem ser desvelados na interpretação do leitor, do autor no/do texto, todos pertencentes ao *modus* e que por estarem nele – *modus* – podem estar na ordem do discurso da pulsão de vida e da pulsão de morte, como veremos no capítulo seguinte.

3 DO CONFRONTO AO ENCONTRO DAS ENUNCIÇÕES DISCURSIVAS NA PULSÃO DE VIDA E DE MORTE: O AUTOR, O LEITOR E O TEXTO

Neste capítulo discutimos em Eco, o autor, o leitor e o texto, com enfoque maior da relação leitor/texto mediante a interpretação a qual, segundo o semiótico, advém às implicações e/ou os equívocos. Com isto, Eco quer atentar-nos para as fronteiras de um texto.

Na teoria semiótica das mensagens “ocultas” a serem antevistas pelo leitor, cuidados são necessários, haja vista a preponderância quanto ao paradigma da irracionalidade, no qual a interpretação clama por Hermes (o deus volátil)⁸ e torna-se ilimitada. Nesse sentido, o texto proposto salienta alguns casos em que Eco vai chamar de leitura suspeita por conta de uma leitura cujo viés interpretativo se debruça no dúbio da linguagem como os anagramas, as metáforas, as metonímias. Estas figuras oportunizam, por sua natureza ambígua, o leitor a cair na “armadilha” da superinterpretação.

O confronto bem como o encontro de Eco permanece conforme no primeiro capítulo, a fim de prosseguir o diálogo com os autores também arrolados: Michel Foucault em “*O que é um Autor?*” e “*A Ordem do Discurso*” e Sigmund Freud em “*Totem e Tabu*” e “*Além do Princípio do Prazer*” e comentadores, não descartando outras obras. Neste corpus teórico temos como principal teor discursivo, nos três autores, a morte do autor o que denota sua “ausência”, seu desaparecimento.

Passemos agora ao texto parafraseado da Obra: “*Interpretação e Superinterpretação*”. Trata-se do Segundo capítulo intitulado Superinterpretando Textos, para em seguida estabelecermos encontro e diálogo em Eco, Foucault e Freud, conforme anunciamos.

⁸ Referência: ao mito do deus Hermes que é volátil e ambíguo, pai de todas as artes, mas também o deus dos ladrões – *juvenis et senex* ao mesmo tempo. (Umberto Eco). **Interpretação e História In: Interpretação e Superinterpretação**, 1993, p.34.

3.1 SUPERINTERPRETANDO TEXTOS: PARÁFRASE

Eco inicia apontando a importância da semiótica quanto à questão da similaridade. Retoma Michel Foucault explicando o paradigma da similaridade, refere-se à Renascença do século – XVIII e se dissolve na ciência moderna.

A semiótica hermética pretende mostrar que o semelhante pode atuar sobre o semelhante. As relações de semelhanças entre as coisas são de diferentes ordens, ou de comportamento, ou de forma, ou por terem aparecido juntas num mesmo contexto. Depois que se estabelece a analogia de semelhança o critério não importa.

A imagem, o conceito, a verdade descoberta sob o véu da semelhança, será vista, por sua vez, como um signo de outra transferência analógica. Toda vez que a pessoa acha que descobriu uma similaridade, numa sucessão interminável. Num universo dominado pela lógica da similaridade (e da simpatia cósmica), o intérprete tem o direito e o dever de suspeitar que aquilo que acreditava ser o significado de um signo seja de fato o signo de um outro significado (ECO, 1993, p.55).

Por meio deste enunciado o autor visa esclarecer o princípio, de que se duas coisas são semelhantes, uma delas é signo da outra. A passagem, no entanto, não é automática e nem ocorre por ostensão, isto é, não permite substituir uma coisa por outra, nem da sua representação como sendo ela, a não ser por acordo prévio, como no caso de símbolos pátrios e outros referentes.

Eco segue apontando que a análise semiótica de uma noção complexa como a similaridade pode ajudar a isolar defeitos básicos de muitos procedimentos de superinterpretação. Há que se considerar ainda, que as pessoas pensam em termos de identidade e similaridade relevantes e significantes, fortuitas e ilusórias.

Ao estabelecer as relações de semelhança ocorre que às vezes nos equivocamos devido à distância de uma pessoa (A) com traços que lembram aquela suposta pessoa, é aceitável a princípio seu reconhecimento, mas ao aproximar-se ver o equívoco de ter tomado (A) por (B). Com isto abandona-se a hipótese da identidade e deixa-se de atribuir

crédito a similaridade, a qual foi registrada como fortuita. Isso ocorre, segue explicando o autor: “porque cada um de nós introjetou um fato inegável (...) de certo ponto de vista todas as coisas têm relação de analogia, contigüidade e similaridade com todas as outras. (...) Mas a diferença, entre a interpretação sã e a interpretação paranóica está em reconhecer que esta relação é mínima e não, ao contrário, deduzir dessa relação mínima o máximo possível” (ECO 1993, p.57).

Ressaltando ainda o advérbio “enquanto” e o substantivo “crocodilo” como duas palavras que podem perfeitamente aparecer juntas numa sentença, Eco faz lembrar que o intérprete paranóico é aquele que não veria que as duas palavras aparecem juntas, curiosamente no mesmo contexto. Eco diz: “o paranóico é o individuo que começa a se perguntar quais os motivos misteriosos que me levaram a reunir estas duas palavras em particular. O paranóico vê por baixo do meu exemplo um segredo ao qual estou aludindo”. (IDEM).

Ao trazer a figura do paranóico interpretador, Eco está falando da superinterpretação. O paranóico suspeita sobre bases maximizadas de relações analógicas. Ele parte para o mistério, vê o segredo na alusão. Eco explica que suspeitar faz parte da arte de interpretar, mas o indício dessa suspeita deve ter evidências e se constituírem em signos de outras coisas. Para tanto, é necessário que haja condições que demandem e deliberem para com as explicações.

A semiótica hermética, segundo os princípios da facilidade, os quais aparecem nos textos dessa tradição, avança por demais na prática da interpretação suspeita. É isto o que denota ser a conclusão de Eco nesse caso.

Conforme Eco (1993, p. 59), o hermetismo da renascença procurava sinais, pistas visíveis que pudessem desvendar o lado oculto presente nas relações. Daí surgirem analogias morfológicas e funcionais de caráter mágico e de ordem sexual da planta orquídea com o aparelho reprodutor masculino. Etimologia = *Orchis* = orquídea, espécie

de gênero orchis. Semelhança morfológica = dois bulbos esferóides = testículos. Quanto à função, Bacon prova mais tarde (séc. XV) que os bulbos não vivem juntos; um cresce e o outro define a cada ano. Por isso a função analógica de fertilização quanto ao sêmem não procede.

Ainda na trilha da interpretação e da superinterpretação, o filósofo italiano assinala que para definir uma má interpretação é preciso ter critérios sobre o que seja uma boa interpretação. Eco se mostra conivente a Popper, quando para este: se não há regras para se definir as melhores interpretações, existe pelo menos uma dessas regras que definem quais são as más. Neste ponto, fala-nos da leitura sagrada, isto é, quando um texto se torna sagrado para certa cultura, fica sujeito ao processo de leitura suspeita. A isto Eco define como superinterpretação.

Nesse íterim, o semiótico demonstra recortes interpretativos em Rabelais, Shakespeare, Rossetti, Dante e outros. Refere-se, sobretudo, a interpretações exóticas, controvertidas e ao que tudo indica trata-se de superinterpretações.

Eco dedica um bom trecho de seu trabalho para discorrer sobre o escritor e pintor Dante Alighieri, haja vista que certo mistério parece cercar seus trabalhos. Leitores “astutos” têm procurado, tanto em sua grande obra (*A Divina Comédia*) quanto nas outras produções, possíveis rastros de mensagens ocultas em anagramas. Além disso, Eco diz ter encorajado leitores seletos a lerem as pesquisas feitas por um grupo obsessivo desses astutos rastreadores da obra de Dante aos quais são conhecidos como Seguidores do Véu. Esse incentivo tivera por propósito avaliar as hipóteses que se levantam sobre o famoso e polêmico escritor, mediante à interpretação, que naquele contexto de suspeita carregava na língua do intérprete um código secreto escritural de Dante contra a Igreja.

Para melhor esclarecer o episódio Dante, Eco traz Gabriele Rossetti, um dos intérpretes dessa leitura.

Nesse tônus interpretativo, Dante era visto por convicção como maçom. Templário e

membro da fraternidade da Rosa e da Cruz. Afirma-se, pois que um símbolo maçônico, e rosa-cruz seria uma rosa com uma cruz dentro na qual aparece o pelicano. Esse pássaro, segundo a lenda tradicional alimenta o filhote com a carne do próprio peito.

Segundo o autor, essa leitura cogita da possibilidade de que a simbologia maçônica tenha sido inspirada em Dante, bem como de que a tradição maçônica é antiga e que o próprio Dante tenha se inspirado nela.

Eco rebate essas assertivas apresentando para tal o raciocínio de que, se um documento A foi produzido antes do documento C, que não análogos em estilos e conteúdos, ao primeiro documento (no caso A), seria correto supor que o primeiro tenha influenciado o segundo, mas não o contrário. No entanto, mais adiante ele mostra o efeito *post hoc ergo ant hoc*. Nesse caso o efeito óptico. Uma vez feita à leitura de B reproduzida por C como contendo A, o texto B para a excelência de C, passa a ser visto sob a influencia deste. Ou seja, a maçonaria e o efeito Dante segundo Rossetti.

Eco continua sua “perseguição” a Rossetti, o qual parece, na sua visão, estar muito ocupado em procurar os símbolos maçônicos em Dante e encontra em “*Paradiso XXXI*” a figura da rosa imaculada e na “*Divina comédia*” oito vezes no plural e três vezes no singular, a cruz aparece dezessete vezes nessa obra, embora estas palavras não apareçam juntas. O que elimina a analogia: rosa-cruz.

Rossetti descobre ainda o pelicano no *Paradiso* em ligação com a cruz, pois o pássaro é o símbolo do sacrifício. Só falta a rosa para a felicidade de Rossetti. Para não ser econômico Rossetti encontra outro pelicano. Desta vez, trata-se de uma homenagem feita em um poema de Dante para sua amada Beatriz, mas esse pelicano estaria no texto de Cecco d’Arcoli.

Umberto Eco avalia a ave como bicuda e desengonçada demais para fazer parte de uma homenagem romântica no repertório político e estético de Dante apaixonado.

Um outro elemento debatido em Rossetti acerca de Dante busca outra alusão à

maçonaria. Trata-se da refração da luz. Vejamos que em Dante, a fonte de luz é única. Os espelhos que deveriam refleti-las seriam três colocados em distâncias diferentes, visando uma explicação óptica em experiência de ordem astronômica. Na interpretação de Rossetti as três luzes arranjadas num triângulo, três fontes de luz, aparecem no ritual maçônico.

O filósofo italiano rebate assinalando que três fontes de luz não são o mesmo que três espelhos refletindo a luz de outra fonte. Isto corresponderia ao do princípio *post hoc ergo ant hoc* a imagem de três fontes de luz e põe em evidência:

(...) o debate clássico tinha por objetivo descobrir num texto ou o que seu autor pretendia dizer ou o que o texto dizia independente das intenções do seu autor. Só depois de aceitar a segunda alternativa do dilema é que podemos perguntar se aquilo que foi encontrado é o que o texto diz em virtude de sua coerência textual e de um sistema de significação original subjacente, ou é o que os destinatários descobriram nele. Em virtude de seus próprios sistemas de expectativas (ECO 1993, p.74).

A partir da citação acima mencionada, o autor põe em xeque a interpretação quando a mesma recai sobre a intenção do autor e a recepção desta intenção pelo leitor, fato este despertado a partir da leitura que fizeram de seu texto *Obra aberta*, a qual ele diz ter sido mal interpretada e até mesmo superinterpretada. Por isso, passemos agora ao próximo item.

3.1.1 Do leitor-autor e do autor-leitor: a morte do autor no jogo simbólico da linguagem

A partir do confronto estabelecido entre Eco, Foucault e Freud, confronto este que nos possibilitou o encontro enunciativo de efeito de sentido no discurso materializado e visto no primeiro capítulo, o qual as diferenças conceituais de limite, racionalidade, fronteira e ritual, se avizinham quando são atravessados pela linguagem que se desloca, que se desdobra, e ultrapassa o *modus*, mesmo cerceada por um paradigma; confere-nos então, dar continuidade na proposta desse diálogo, áspero, às vezes, mas nada indiferente a uma ordem instituída do falar e de falar, que demanda por certo ler e interpretar. Neste sentido é que se propõe a leitura a seguir.

A paráfrase de Eco em “*Superinterpretando Textos*” visa mostrar que, embora o semelhante atue sobre o semelhante, segundo a visão hermética, a noção de similaridade a partir de semiótica hermética ajuda a isolar defeitos básicos de muitos procedimentos de superinterpretação. Isso se explica, porque segundo esta visão “o universo se acha dominado pela lógica da similaridade (e da simpatia cósmica)” no qual se salienta que “o intérprete tem o direito e o dever de suspeitar que aquilo que acreditava ser o significado de um signo seja de fato o signo de outro significado” (ECO, 1993, p.55).

Concomitante, outra noção acompanha esse modo de pensar na identificação para com as coisas: trata-se da identidade. No entanto, ora essas noções- similaridade e identidade - são relevantes e significativas ora fortuitas e ilusórias. Pelo fato de estarem imersas nesse universo da lógica das semelhanças, ocorrem os equívocos. Sobre isto, diz Eco:

(...) cada um de nós introjetou um fato inegável (...) de certo ponto de vista, todas as coisas têm relações de analogia, contigüidade e similaridade com todas as outras. (...) Mas a diferença entre a interpretação sã e a interpretação paranóica está em reconhecer que esta diferença é mínima e não, ao contrário, deduzir dessa relação o máximo possível. “(ECO, 1993. P.57)”.

Não satisfeito com esta explicação, Eco insiste. Se um texto traz duas palavras de ordem diferentes como um adjetivo e um substantivo e o leitor ao invés de vê-las no todo do texto for procurar a razão delas estarem juntas ali, o dito leitor, já devidamente adjetivado, caracterizar-se-ia como paranóico. Sobre o paranóico diz Eco: “o paranóico é o indivíduo que começa a se perguntar quais motivos misteriosos me levaram a reunir estas duas palavras em particular. O paranóico vê por baixo do meu exemplo um segredo o qual estou aludindo” (ECO, 1993, p.16).

Na citação acima, o autor persiste no intérprete e/ou leitor paranóico, como aquele que corre o risco de superinterpretar, por cair em tramas de leitura cujo paradigma não cumpre a linha de fronteira traçada aos limites a que um texto esteja submetido, como por exemplo, o da racionalidade clássica em obediência ao *modus*. Conjeturarmos, a essa

altura, suspeitar de Eco como leitor. Baseamos-nos para isso no fato em que ele mesmo afirmou: de que o “semelhante atua sobre o semelhante”. Deixemos em suspenso por ora este enunciado para esclarecê-lo no desenrolar de nosso raciocínio.

Rastreando a paráfrase: “A semiótica hermética segundo os princípios da facilidade (que aparecem nos textos dessa tradição) avança por demais na prática da interpretação suspeita” (Paráfrase p.60), denota ser a conclusão de Eco quando o mesmo trata do hermetismo da renascença que procurava sinais, pistas visíveis que pudessem desvendar o lado oculto presente nas relações, como já dissemos. Daí surgirem analogias morfológicas e funcionais de caráter mágico e de ordem sexual da planta orquídea com o aparelho reprodutor masculino, cuja etimologia = *Orchis* = orquídea, espécie de gênero orchis, tem como semelhança morfológica - dois bulbos esferóides: testículos.

Eco apresenta explicação sobre o hermetismo desse período, ressaltando que havia certo exagero em descobrir o invisível, o oculto do mundo através das relações visíveis, as quais, por meio de analogias morfológicas e funcionais de semelhança, remetiam às explicações de ordem cósmica. Eco sublinha e questiona, trazendo Bacon, quanto à planta orquídea vir a parecer com o aparelho reprodutor masculino e conclui como improcedente tal equiparação. “Quanto à função, Bacon prova mais tarde (séc. XV) que os bulbos não vivem juntos, um cresce e o outro definha a cada ano, por isso a função analógica de fertilização quanto ao sémem não procede”, conforme (ECO, 1993. p.59).

Preocupado com a leitura suspeita, Eco chama a atenção para o texto a ser lido. Neste sentido salienta que um dos critérios para a boa interpretação é definir a má interpretação. Neste caso, o leitor pode suspeitar, mas há que se ter critério. Além disso, o próprio leitor já é um critério, ele não pode ser um leitor suspeito⁹.

⁹ Aqui estamos fazendo inferência a possível superinterpretação. Um leitor desconfiado em demasia pelos pressupostos de sua cultura, ou antevisto a uma interpretação cuja leitura o teor textual é do mesmo paradigma, o religioso, por exemplo, incorre no risco de ser um repetidor daquilo que ele quer ver no texto e não daquilo que o texto tem para mostrar. Esta é a idéia proposta em nossa interpretação quanto ao fato de afirmarmos que o leitor é um critério e que ele não pode ser suspeito. Para ilustrar esse raciocínio Eco apresenta uma passagem dos Seguidores do Véu sobre Dante. “Os seguidores do Véu lembram alguém que, ao lhe dizerem “o senhor é um ladrão, acredite-me”!, responde: “ O que você quer dizer com ‘acredite-me’? Por acaso está insinuando que estou desconfiado?”(ECO, 1993, p.63).

Para exemplificar o que Eco chama de leitor suspeito, o autor traz em seu texto “*Os Seguidores do Véu*”, os leitores de Dante Alighieri, quais sejam, “o autor anglo-italiano Gabriele Rossetti, o francês Eugène Aroux, o grande poeta italiano Giovanni Pascoli traçando um percurso até René Guenon.” Além desses, “muitos críticos leram e releeram obsessivamente a grande obra de Dante com a finalidade de descobrir nela uma mensagem oculta.” (ECO, 1993, p. 63). Vejamos que esses são os leitores apresentados por Eco. No entanto, neste caso, não deixam de serem suspeitos também Gabrieli Rossetti e nem o próprio Eco, entre outros. Trataremos dessa questão mais adiante quando nos defrontarmos com a paráfrase que elegemos para tal reflexão.

Para iniciarmos o encontro com Foucault no que concerne ao intérprete e ao leitor nesse momento, tomamos como núcleo norteador a leitura suspeita em Eco sobre a qual o autor debruça-se em cuidados necessários para isolar procedimentos que não incorram numa superinterpretação.

Ocorre que o discurso foucaultiano embrenhado¹⁰ nas palavras do semiótico, denuncia em Eco um Foucault propositadamente resumido. Vejamos o que diz o filósofo italiano a respeito de ambos quanto à pesquisa relacionada ao hermetismo e a similaridade.

Michel Foucault já tratou do paradigma da similaridade em *Les mots et les choses*, mas nessa obra estava interessado principalmente naquele momento de transição da Renascença para o século XVII em que o paradigma da similaridade se dissolve na ciência moderna. Minha hipótese é historicamente mais abrangente e pretende esclarecer um critério interpretativo (ao qual chamo de semiótica hermética) cuja sobrevivência pode ser rastreada ao longo dos séculos (ECO, 1993, p.53).

Em relação a esse enunciado, devemos atentar para “*As Palavras e as Coisas: Uma arqueologia das Ciências Humanas*”¹¹, em Foucault na qual podemos atinar que o arqueólogo do saber e do poder, não se limita a esta análise, minorizada em Eco.

¹⁰ De acordo com a AD, as palavras mudam de sentido quando muda a formação discursiva, neste caso o ponto de partida teórico de cada autor aqui arrolado muda já que cada qual parte de lugares diferentes.

¹¹ Michel Foucault. **As palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma T. Michail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (Coleção Tópicos).

Estamos convencidos a esse respeito que ao tratar do hermetismo e da verdade que se estabelece a partir desse paradigma, Eco intenta desconstruir, em seu teor discursivo, a teia de forças de uma formação discursiva emblemática o suficiente para não enredá-lo, a não ser acometido por algo tentador – o irracionalismo moderno, pois desse “mal-estar” estão acometidos filósofos e poetas como Goethe, Nietzsche, Husserl, Chomsky, outros e dentre eles Foucault, de acordo com Gilbert Durand¹², na pronuncia de Eco.

Vale lembrar que o irracionalismo é o tema da Conferência a que Eco fora convidado a falar em Frankfurt e que no início do primeiro capítulo o autor diz que o moderno parecerá arcaico ao final de sua fala. Esse enunciado começa a se esboçar como afirmação vigorosa, haja vista, que o paradigma apresentado por Eco sobre Hermetismo como verdade é algo que remete ao segredo enquanto que o gnóstico é aquele que se aninha a essa verdade.

Para validar esse discurso acerca do irracionalismo moderno, Eco deixa claro, ao menos no viés de nossa interpretação, que esse chamado irracionalismo moderno é o resultado da influência sobre o *modus*, do hermetismo e do gnosticismo para com os filósofos, poetas e outros autores modernos e contemporâneos. E, pelo visto, o semiótico visa fazer toda uma explicação do hermetismo incluindo o gnosticismo a fim de demonstrar a estranheza do oculto, do segredo, do mistério. Logo, os autores influenciados por esse estranho modo de pensar, sofrem da síndrome da suspeita. Se não são paranóicos, são ao menos suspeitos de sê-los. Todavia, são também superintépretes.

Retomemos aqui o que dissemos haver em suspenso (paráfrase p.64), quando tratávamos de duas citações de Eco as quais traz o leitor paranóico que faz alusões, que trata as palavras de ordens diferentes juntas num mesmo texto; da referência que Eco faz a palavra introjeção, na qual Eco visa explicar as semelhanças e associações que fazemos

¹² Conforme Eco (1993, p.41) “Gilbert Durand vê o conjunto do pensamento contemporâneo, em contraposição ao paradigma mecanicista do positivismo, passar pelo sopro vivificante de Hermes”.

através das palavras e das coisas; e, como isso pode acarretar o papel do leitor como paranóico - aquele que lê em demasiada desconfiança um texto e para isto retomemos a citação:

(...) cada um de nós introjetou um fato inegável (...) de certo ponto de vista, todas as coisas têm relações de analogia, contigüidade e similaridade com todas as outras.(...) Mas a diferença entre a interpretação sã e a interpretação paranóica está em reconhecer que esta diferença é mínima e não, ao contrário, deduzir dessa relação o máximo possível.”(ECO,1993. p.57).

A palavra *introjeção* ali proferida para referir-se às possibilidades de associações e assimilações quanto às diferenças e semelhanças das coisas perturbou-nos, pois ao depararmos com as terminologias *introjeção* e *paranóico*, sem sobreaviso, ficamos sem conseguir compreender de onde Eco partira do ponto de vista epistemológico para dizê-las. Elas não se casavam a princípio com o texto, com o contexto do texto. Como estamos fazendo algumas leituras em psicanálise, de antemão, procuramos em Freud o conceito de *introjeção*, que demandou recorrer a Ferencsi. Mas não se trata do mesmo significado. Quanto ao *paranóico* e outros conceitos dessa ordem ali arrolados, eles têm caracteres das diferentes psicologias, inclusive da psicanálise, até porque Eco não deu detalhes. Na verdade convencemos-nos de que Eco traz esses conceitos do Hermetismo e do Gnosticismo.

Para tanto vale ratificar as citações que se seguem em Eco a respeito, a fim de não sermos tão superintérpretes.

Ofuscado por visões lampejantes enquanto tateava seu caminho em meio as trevas, o homem do séc. II desenvolveu uma consciência neurótica de seu próprio papel num mundo incompreensível. A verdade é secreta e nenhum questionamento dos símbolos e enigmas jamais revelara a verdade última, só deslocando o segredo para outro lugar. Se esta é a condição humana, então significa que o mundo é o resultado de um erro. A expressão cultural desse estado psicológico é a Gnose (Eco, 1993, p.41).

Segue o autor:

O gnóstico vê a si mesmo em exílio no mundo, como vítima de seu próprio corpo,

que define como uma tumba e uma prisão (...) A existência é um - mal e sabemos disso. Quanto mais frustrados nos sentimos aqui, tanto mais somos afetados por um delírio de onipotência e por desejos de vingança. Daí o gnóstico reconhecer-se como uma centelha da divindade, provisoriamente lançado no exílio em decorrência de uma intriga cósmica (...) Embora prisioneiro de um mundo doente, o homem sente-se investido de um poder sobre-humano. (...) Ao contrário do cristianismo, o gnosticismo não é uma religião de escravos mais de senhores (Eco, 1993, p.42).

Embora estas duas citações não constem do segundo capítulo parafraseado, entendemos que ao se tratar do leitor, neste caso, foi necessário trazê-las ao texto. Mesmo não se estabelecendo a clareza dos conceitos: *neurótico*, *delírio*, *poder sobre-humano* e *paranóico*, revestidos de todo um linguajar singular literário/místico, aos demais conceitos já arrolados, eles se alinhavam no mesmo paradigma do conhecimento hermético, que contém todos os arranjos de sintaxe, que traduzem os adjetivos vistos na ordem do psicológico como meramente patológico. E como se isso não bastasse, são tratados por Eco referindo-se ao leitor intérprete e suas nuances quanto à superinterpretação, como a coisa não sã – insana¹³.

As citações relacionadas acima trazem pela primeira vez, neste texto de Eco, a referência ao neurótico: alguém preso aos enigmas do mundo, e que se pensa nele estar aprisionado por resultado de um erro cósmico, um erro que não é dele, mas do qual ele faz parte, é resultante. Além disso, sua inquietude parece aumentar, pois a verdade quanto às coisas são segredos que se deslocam de um lugar para outro e, sendo este alguém parte dessas coisas tem uma missão de libertar-se do mundo caos sentindo-se investido de uma onipotência de poder divino para recuperar a centelha que lhe cabe.

A leitura feita nesse prisma semi (ótico) soa como romântica e fabulosa, e este efeito de sentido não é acásico; ele se reafirma na crítica para com a superinterpretação típica ao certo do irracionalista. Assim opaciza o dizer dos “existencialistas” do

¹³ Como os conceitos psicológicos em questão tratados por Eco não partilham sua concepção quanto à subjetividade nas ciências humanas, estamos convencidos de que eles partem da mesma família semântica. É possível que estejamos sofrendo a influência pela *arché* da semelhança da episteme moderna, que pede as origens. Portanto mesmo não se estabelecendo a clareza desses conceitos no paradigma do conhecimento hermético, ele contém todos os arranjos de sintaxe que traduzem os adjetivos psicológicos arrolados por Eco quanto ao leitor intérprete e suas nuances quanto à superinterpretação.

pensamento moderno, assinalando-os no crivo da gnose da verdade hermética.

Retomamos agora o roteiro da leitura suspeita. É preciso resgatar o que ficara em suspenso quanto aos “*Seguidores do Véu*”. (paráfrase p. 60) Trata-se de um momento em que Eco vai falar da leitura suspeita e de antemão prenunciamos esses seguidores, como representado por Gabrielli Rossetti ao ler Dante Alighieri: “(...) Neste ponto, fala-nos da leitura sagrada (...) quando um texto se torna sagrado para certa cultura, fica sujeito ao processo de leitura suspeita (...) superinterpretação” (ECO, 1993. p. 61.

Chama-nos atenção nesses dizeres, além de seu invólucro discursivo, o termo sagrado. Embora ele apareça devidamente contextualizado e relacionado à cultura religiosa, não podemos deixar de observar que Eco oportuniza-se mais uma vez do legado místico, incluindo a terminologia em questão para criticar o leitor desavisado que esteja em vias de incorrer numa superinterpretação.

Contudo, mesmo que no campo do sagrado haja uma especificidade quanto à leitura que ressalte avisar o leitor do perigo, o referencial de leitura a qual leitor possui e seu propósito de leitura não se limitam a um perigo feito esse, ao contrário, a mística destacada pelo autor, se é que aparece assim para o leitor – é motivação para ler.

Além do religioso como destacara Eco, outros terrenos como da política, da educação, da mídia etc., também estão vulneráveis a leitura suspeita, se o objeto de leitura se fecha nesses campos. O sagrado, na expressão cultural também cabe a esses outros terrenos. Trata-se daquilo que não se pode falar qualquer um em qualquer lugar ou sob qualquer circunstância. Para tanto Foucault nos esclarece sobre o que ele chama de procedimento de exclusão na produção do discurso o qual denomina interdição do discurso.

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala.

(FOUCAULT, 1996, p. 09).

Como podemos perceber, o sagrado ao qual Eco se refere vai um pouco mais longe do que estamos chamando de sagrado em Foucault. Pois se para Foucault ficam interditados os que não têm direito a falar ou a falar só o que lhes é autorizado, em Eco até os que são autorizados, ao incorrer em campos suspeitos, passam pelo crivo de uma espécie de interdição, na qual o discurso pode não ser digno de confiança, pois pertence à trama da leitura suspeita e da superinterpretação.

Aqui podemos pensar na rede discursiva que se monta a partir mesmo do que se desmonta, na trama mesma de seus próprios enunciados. No jogo de poderes e saberes. E, estamos cogitando pensar nisto porque entendemos que, um texto é um seu autor e seu leitor, os quais estão imersos nessa cadeia enunciativa na qual se investem esses poderes e saberes.

Temos aqui, portanto, a preocupação de Michel Foucault no que se refere ao poder. Em suas obras, o filósofo assevera a questão do poder nas óticas genealógica, arqueológica e na Estética da Existência, estudos nos quais salienta que, “(...) O poder não se dá, não se troca, nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação (...) o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo relações de forças” (FOUCAULT, 2000, p. 175).

Ainda, na *Arqueologia* Foucault reflete sobre a História como ciência humana, a qual é composta por enunciados carregados de uma vontade de verdade iniciando sua crítica para com os documentos. Ele se pergunta se os mesmos expressariam o que ali estava escrito e se poderiam ser tomados como verdade; se eram autênticos ou alterados, sinceros ou falsos; analisa também o novo rumo que a História toma ao resolver validar ou dar importância a esses saberes ditos “pequenos” quando ela faz deles objeto de descrição, compilação, identificação de elementos pertinentes ou não.

A partir desse breve esboço acerca do poder cunhado pelo saber, arriscamos

assinalar que Eco, não está salvo desse jogo, e se revela com maior nitidez quando rebate as assertivas dadas por Gabrielle Rossetti acerca de Dante, a fim de caracterizá-lo (Rossetti) como leitor suspeito. Concomitante, denotamos outras implicações: “Os seguidores do Véu”, do qual Rossetti é o representante, são, conforme Eco, leitores que identificam em Dante “(...) ‘uma invectiva codificada contra a Igreja’(...) Recentemente encorajei jovens pesquisadores seletos a lerem – talvez pela primeira vez – todos aqueles livros” (ECO, 1993, p.64).

Temos a incômoda presença de um encadeamento de leitores (suspeitos?) Eco por meio de seus leitores lê Rossetti que lê Dante. Isto se desdobra no seguinte raciocínio: Assim como Rossetti é lido como suspeito por Eco e ao encorajar seletos leitores a ler os “*Seguidores do Véu*”, mesmo atestando tratar de avaliar as hipóteses que se levantam sobre Dante, o dispositivo de análise de Eco e a sua vontade de verdade são condições *si ne qua non* para que ele, como leitor, dê os arremates ao texto que lê à sua maneira, com seus viés cultural, histórico e lingüístico. Portanto, aqui Eco se representa como “seguidor” dos “seguidores”, se não mais, talvez menos, mas tão suspeito quanto eles. Pois ao trazer como objeto a superinterpretação de textos, Eco remonta os textos que leram os autores que leram e no caso em questão fora uma ou outra peripécia que lhes confere confiabilidade, destitui-lhes o poder de racionalidade, justamente a fim de confiná-los na irracionalidade cuja ordem do discurso vigente descredência o saber articulado a esse paradigma como científico.

Neste sentido, quando assinalamos que Eco minoriza a leitura feita por Foucault ao falar do Hermetismo e da similaridade (paráfrase p. 58 - 61) devemos assinalar por conseguinte que isto se deve a sua pretensa verdade, que em primeira instancia refere-se à semiótica hermética e, em segunda instância, demonstra o hermetismo como fenômeno que marca o desvio dos pensadores modernos do racionalismo grego e latino, afinado com o gnosticismo, expressão cultural de um estado psicológico – neurotizado, nas palavras de

Eco. Neste caso, macula-se a credencial de cientificidade de Eco que sob este prisma é e deve ser lido e caracterizado.

A intenção do autor já deixara de existir, quem tem a palavra é o texto, e é o leitor que fará, segundo seu critério cultural e lingüístico, o recorte e a interpretação que lhe aprovar. Assim, o dizer de Eco é sobre-saliente. É o texto quem acolhe sua pretensa intenção. É o leitor empírico ou modelo que diverge ou converge com o texto. Ao que tudo indica, trata-se de uma relação em que o autor empírico fica empolado pelo autor modelo, sendo este último de maior relevância. Mas de uma relevância que só o leitor também modelo pode assinalar.

Com isto notamos que toda a discussão demonstrada em Eco acerca de Dante e seus leitores desembocam no propósito ímpar em tratar das intenções de um texto de seu autor e do leitor desse texto. Diz Eco:

A intenção do texto não é revelada pela superfície textual. Ou, se for revelada, ela o é apenas no sentido da letra sonogada. É preciso querer 'vê-la'. Assim é possível falar da intenção do texto apenas em decorrência de uma leitura por parte do leitor. A iniciativa do leitor consiste basicamente em fazer uma conjetura sobre a intenção do texto. (...) Desse modo, mais do que um parâmetro a ser utilizado com a finalidade de validar a interpretação, o texto é um objeto circular de validar-se com base no que acaba sendo seu resultado (ECO, 1993, p.74-75).

Conforme o enunciado, atentamo-nos de que Eco atribui ao texto vida própria, a qual ali se impregnou a intenção do autor, que uma vez no texto, já não lhe pertence. Torna-se intencionalidade, que no viés discursivo, dela de fato o proponente não mais tem domínio. Ressalte-se aqui a importância do texto para Eco. Um texto que pede um leitor à altura para ser lido. Alguém que saiba decifrar os códigos, pois neles estão as pistas que delimitam a interpretação e que autorizam a linguagem transparente e neutra a ser significada por meio das palavras que as representa.

Neste momento é conveniente convidarmos os prefaciadores do Livro "*O que é um Autor?*", intitulado como "*A lição de Foucault*". No prefácio o enunciado que nos instiga

depois do confronto permite o encontro de Foucault com Eco, quanto aos efeitos de sentido. Para tanto, utilizar-nos-emos da seguinte asserção de Miranda & Cascais referindo-se a Foucault:

(...) A natureza contratual do gesto biográfico, que faz dele um acto discursivo, a irremediável tensão entre o nome e a assinatura, onde emerge a possibilidade de autoria, de autoridade sobre o discurso: 'A partir da figura especular do autor, o leitor torna-se juiz, o poder policial encarregado de verificar a autenticidade da assinatura e a consistência do comportamento daquele que assina'. Esta decisão está sobre determinada por uma indecidibilidade de raiz, o facto da singularidade ser um efeito de finitude – e portanto de morte (MIRANDA & CASCAIS, 2002, p. 14).

O trecho supracitado vem referendar o que é um autor para Foucault e os limites e possibilidades de um encontro desse autor de Foucault com o autor de Eco, através do jogo discursivo, da rede emblemática sitiada pelo poder e pelo saber.

Em Foucault o autor é uma categoria, uma instituição de poder, que desaparece no texto instância de saber atrelado aos jogos de poder. Enquanto desaparece, morre. Não é que ele não exista, ele simplesmente se apaga pela forma como foi construído ou instituído. Nesse sentido, o autor mesmo tendo toda uma suposta relevância social/institucional, de academia, ele tem, na medida em que é um nome e esse nome serve para responder ao veredicto do dito caso transgrida o limite da verdade da ordem vigente, o prenúncio de sua morte – sua finitude.

Para ratificar a aferição da punição e do discurso transgressor do referente ao autor foucaultiano, convocá-lo-emos:

Os textos, os livros, os discursos, começaram efectivamente a ter autores (outros personagens míticos ou figuras sacralizadas e sacralizantes) na medida em que o autor se torna passível de ser punido, isto é, na medida em que os discursos se tornaram transgressores (FOUCAULT, 2002, p. 47).

Se o autor se torna passível de punição, decreta sua morte. Insistamos, por isso, na morte do autor, conteúdo do qual se arrebatará nuances significativas para o encontro em

Eco no qual o autor é excluído do texto, bem como para a abertura para a escuta em Freud, traduzida aqui pelos prefaciadores já mencionados do texto “*O que é um autor?*”:

Cada leitura é uma forma mínima de biografia, e a sua única lei seria esta: em vez de síntese, a errância do pensamento; em vez de autor, o traço da vida (des) fazendo-se; em lugar da estabilização e a vontade de perdurar, o reconhecimento da finitude humana. E tudo o contrário, aquilo que precisamos para nos agarrar a alguma coisa, isso é-nos dado pela escrita, essa tensão de vida e morte (MIRANDA & CASCAIS, 2002, p. 27).

Tais enunciados nos remetem a fazer a seguinte comparação: se em Eco o texto é que se sobressai, pois o autor fica dele desobrigado do mérito da interpretação que cabe ao leitor, em Foucault a morte do autor também credencia a escrita a falar por si mesma, embora esta nos pareça bem mais rica, pois contém nela o esvaecimento daquele que a pronunciou. Desse modo tanto em Eco quanto em Foucault, o texto é quem fala. Cabe ao leitor escutá-lo, no seu gesto do ler. Contudo, cabe-nos perguntar:

Que leitor é esse que ao se propor a leitura de um texto deverá escutá-lo?

3.1.2 A escuta na morte do autor: entremeios psicanalíticos

No viés de interlocução que se pretende para reconhecer a morte do autor, isto é, seu desaparecimento, a linguagem da psicanálise se convida a comparecer, como dual que é, traz de antemão, o suporte de uma proteção e ao mesmo tempo de seu colapso para fazer ouvir o movimento qual se apresenta oportuno entre o leitor, o autor e o texto. Movimento simbólico num gesto de escuta das diversas vozes que permeiam o discurso.

Para tanto nos utilizaremos de uma passagem de Freud na qual o psicanalista faz referência as brincadeiras das crianças, e conta sobre a observação e interpretação que fez de um menino e sua brincadeira preferida. Neste relato, Freud atrela a observação e interpretação que fez da brincadeira como jogo, o que prenuncia a aquisição da linguagem. Os conceitos abordados senão pertinentes são ao menos intrigantes quanto às

aproximações em Eco e Foucault para a atenção que se nos é lícita. Tratam-se dos seguintes conceitos: aparecimento, desaparecimento, repetição.

Far-se-á uma paráfrase da história apresentada por Freud¹⁴, já contendo nela entremeios de nossa análise. Nesse sentido, pretende-se delinear algumas conexões alusivas em Freud quanto a Pulsão de vida e Pulsão de morte, tratadas na obra em pesquisa “*Além do Princípio do Prazer*”, como Instintos de vida e Instintos de morte. A relação que se almeja fazer condiz com o leitor, o autor e o texto em a morte do autor em Foucault e a subsistência do texto em Eco.

Freud conta sobre a observação que fez de um menino de um ano e meio, interagindo com seu brinquedo de forma compulsiva, isto é, insistentemente repetitiva.

Essa criança tinha certo desenvolvimento intelectual, já se comunicava verbalmente, ainda que de forma incompleta. Comportava-se no protótipo de bom menino, não incomodava à noite, obedecia às ordens dos pais, não bolinava nas coisas, objetos da casa sem permissão e não chorava quando a mãe o deixava por algum tempo.

Esse bom menino tinha, no entanto, o hábito de agarrar e jogar para longe de si qualquer objeto que lhe fosse permitido pegar, ter. Enquanto atirava o objeto, balbuciava ‘ooó’, demonstrando satisfação e interesse. O balbucio fora traduzido pela mãe como ‘ir embora’.

A interpretação feita por Freud era de que se tratava de um jogo onde o menino fazia uso de seus brinquedos para brincar de ir embora com eles.

Para confirmar esse seu ponto de vista, Freud se deteve na brincadeira do menino com o carretel. Era um carretel de madeira com um pedaço de cordão amarrado em volta dele, mas não ocorria ao menino brincar de puxar o carretel pelo cordão arrastando atrás de si. Ao invés disto, sua tarefa – seu jogo consistia em segurar o carretel pelo cordão, arremessando-o sobre a sua cama e depois o puxava, saudando seu reaparecimento. Desaparecer e aparecer, um jogo repetido em minúcias.

¹⁴ In: Sigmund Freud. **Além do Princípio de Prazer** (1920-1922 p.25-28) v.XVIII

Freud então interpretou o jogo como uma realização cultural da criança que, ao renunciar sua satisfação sem protestar quando a mãe a deixava, compensava-se pela encenação que ela própria fazia na relação com o brinquedo em desaparecimento e reaparecimento, que na verdade era o de sua mãe.

A experiência desagradável era assim substituída por outra que se tornava agradável pelo processo de repetição. Por esse processo o menino assumia perante o objeto substituído, a condição de dominador, ao que podemos significar como: - “eu deixo você ir, (como se isso significasse, não preciso de você) e, trago você de volta, (quando eu quiser), eu te perco e eu te encontro, sou o senhor da situação”.

Aqui, podemos pensar no saber associado ao poder – “Sei onde você está, busco você”.

A pulsão de domínio nos permite ver o primeiro diálogo como ato de aprender, e constituir-se nele e através dele. Pois, quando se nega algo como a mãe, substituindo-a pelos brinquedos, reproduz-se sua aceitação. Mata-se (desaparece) a mãe ausente e, conserva-se viva a mãe presente (aparece).

Desde já reconhecemos que não se trata de um diálogo tranquilo, ao contrário. Ele contém o conflito, o paradoxo nos interstícios do saber e do poder entremeados pelo desejo. Mas não deixa de ser no mínimo curioso buscar nesse diálogo a engenhosidade para que um indivíduo possa se firmar como tal no mundo da linguagem.

Nessa linguagem, a psicanálise em seu saber biomédico, em busca da cura do sofrimento do indivíduo como organismo, depara-se com esse mesmo indivíduo e seu sofrimento que se configuram por meio da linguagem afetiva, uma linguagem que lida com a dor, com as irrupções, os adornos e os esquecimentos do padecer desse indivíduo. É neste sentido que se está concebendo e trabalhando com ela nas conexões junto aos filósofos, Eco e Foucault.

Conforme fora sugerido ainda neste capítulo, quanto à temática “*Interpretação e*

Superinterpretação”, é-nos propício reaver os seguintes enunciados: O primeiro em Eco quando diz: “A intenção do texto não é revelada pela superfície textual. Ou, se for revelada, ela o é apenas no sentido da letra sonhada. Assim é possível falar em intenção do texto apenas em decorrência de uma leitura por parte do leitor” (ECO, 1993, p.74).

O segundo em Foucault, a fim de reaver sua convicção acerca da aparição instituída do autor, onde acentua:

Os textos, os livros, os discursos, começaram efetivamente a ter autores (outros personagens míticos ou figuras sacralizadas ou sacralizantes) na medida em que o autor se torna passível de ser punido, isto é, na medida em que os discursos se tornam transgressores” (FOUCAULT, 2002, p.47).

A disposição dos enunciados permite iniciarmos a análise discursiva com o texto de Freud, para o qual podemos estabelecer a seguinte comparação: se em Eco o texto não se revela em sua superfície e caso ele o faça é pela letra sonhada, isto é, pelo que deixou de ser dito, e para sabê-lo, carece de um leitor; e se em Foucault os textos (...) os discursos, os autores, começaram a ter personagens míticos, figuras sacralizantes e sacralizadas na medida em que o autor se torna passível de ser punido e os discursos, por conseguinte se tornam transgressores, a brincadeira do menino contada em Freud, permite que façamos a analogia de que a mãe é o autor que aparece e desaparece; o menino é o leitor que faz o jogo, que encena, joga e puxa o carretel; e, o brinquedo, o carretel em sua linha que vai e vem, é o texto, um fio que conduz num jogo de esconde-esconde o leitor e o autor.

O que isto tudo quer dizer? O bom menino, agora na condição do leitor é obediente à mãe, incorporou às regras da casa. Cabe então ao leitor por soberania ao autor, ainda que ausente, acatar as regras do texto; o leitor, contudo não pode ficar em sua superfície. Assim, o leitor entra no movimento do jogo subversivo para encontrar e dominar a fenda marcada nos liames do texto – A mãe que vai e lhe deixa o brinquedo.

Ao jogar o carretel, o menino-leitor admite a fuga da mãe, o autor, e sossega sua

angústia, mas quando puxa o carretel de volta pela linha pode reaver o brinquedo, seu aparecimento. O menino se realiza no feito, depara-se com a construção de si mesmo, pela repetição do gesto de ler.

Interpretamos nessa assertiva que o leitor busca, por meio da repetição, o autor nela representado, que desaparece e reaparece no texto, texto este que pretende dominar. Esse domínio acata a sugestão inconsciente do desejo de saber,¹⁵ pois a intenção do autor está silenciada no texto, calada nele literalmente. Ao leitor, portanto cabe, neste caso, trazer de volta o autor ausente através da leitura do texto no ato mesmo, do menino-leitor, de brincar, de puxar pela linha o objeto perdido.

Quando apontamos que em Eco o autor é ausente, faz-se mister trazer à tona uma passagem sobre a construção do leitor, na qual o filósofo descreve a relação autor, leitor e texto quando a obra ainda está sendo construída:

Ritmo, respiração, penitência... Para quem, para mim? Não, claro, para o leitor. Escreve-se pensando em um leitor, assim como o pintor pinta pensando no observador do quadro. Depois de uma pincelada, recua dois ou três passos e estuda o efeito: isto é, olha o quadro como deveria olhá-lo o espectador, ao admirá-lo pendurado na parede, em condições de luz adequada. Quando a obra está terminada, instaura-se um diálogo entre o texto e os seus leitores (o autor fica excluído). (ECO, s/d, p.40).

Neste enunciado Eco fala em ritmo, respiração e penitência e por fim salienta que o diálogo se dá entre o texto e seus leitores – a essa altura o autor já está excluído. Esta exclusão, este não fazer parte da situação empírica nos remete a pensar, na obrigação a que o leitor é submetido para encontrá-lo e mais, para idealizá-lo e ao fazê-lo no jogo passa também a idealizar a si mesmo nessa condição, na condição de autor. Ou de contra-autor.

¹⁵ Segundo a psicanalista e estudiosa de Freud Maria Cristina Kupfer saber associa-se com dominar. O poema “A mosca Azul” de Machado de Assis apresenta um curioso caso, que ilustra bem esta intrigante associação. Nele: “Um homem fica alucinado com o que vê nas asas de uma mosca. Para saber o que há lá dentro, dissecou-a e a destrói. Do mesmo modo, para Kupfer, uma criança que passa seu tempo caçando bichinhos, cortando-o em pedaços pode correr o risco de ser classificada como sádica e agressiva, quando na verdade não está senão, exercendo sua pulsão de domínio”. **Freud e a Educação: O Mestre do Impossível.** (Kupfer, 2001, p.82)

Trata-se nesse caminho, de um diálogo mudo, mas ao mesmo tempo cheio de vozes. “Um mundo como um texto”, com o qual se trava uma luta de vida e de morte. De vida, ritmo, respiração; de morte, penitência e angústia. Uma vez lido “não de pode voltar atrás”, uma vez no texto, no mundo da leitura, avante nela.

O leitor menino nos mostra sua penitência em obedecer, calar e ser bonzinho e sua insistente brincadeira para dominar o jogo da linguagem, na qual se vê inserido. É impulsionado por isso, a jogar com o desconhecido, o autor, que lhe arrebatava caso ele não se inscreva no mundo das coisas ditas a dominá-las. E aí, é-nos oportuno ratificar Miranda e Cascais quando prefaciam Michel Foucault em “*O que é um Autor?*”.

Cada leitura é uma forma mínima de biografia, e a sua única lei seria esta: em vez de síntese, a errância do pensamento; em vez de autor, o traço da vida (des) fazendo-se; em lugar da estabilização e a vontade de perdurar, o reconhecimento da finitude humana. E tudo o contrário, aquilo que precisamos para nos agarrar a alguma coisa, isso é-nos dado pela escrita, essa tensão de vida e morte (MIRANDA & CASCAIS, 2002, p. 27).

Nesse caso estamos pensando na leitura como biografia, articulando-a a constituição de si – do menino. Pois, tanto nos postulados filosóficos de Foucault quanto na psicanálise, fala-se dessa constituição do sujeito. ¹⁶Com isto queremos alertar que no reconhecimento da finitude humana, há o medo de perder o objeto do desejo, o que instiga a necessidade em agarrar-se a alguma coisa. Por isso, a escrita posta no enunciado

¹⁶ Em Foucault, é possível entender o sujeito a partir de dois outros termos a eles aliados os quais o filósofo discute. Objetivação e subjetivação. Daí ser pertinente, por exemplo, a diferença entre o significado dos termos indivíduo e sujeito. Para Foucault, conforme nossa leitura, tanto os processos de objetivação quanto os de subjetivação concorrem conjuntamente na constituição do indivíduo, sendo que os primeiros o constituem enquanto objeto dócil e útil e os segundo em sujeitos. Pode-se então dizer que o termo “sujeito” serviria para designar o indivíduo preso a uma identidade que reconhece como sua. Assim constituído a partir dos processos de objetivação, explicitam por completo a identidade do indivíduo moderno em Foucault – objeto dócil e útil e sujeito.

Já em relação à Psicanálise mais precisamente vinculada a análise de discurso pelo viés laciano tem se a seguinte explicação: “O sujeito da análise de discurso não é o sujeito empírico, mas a posição sujeito projetada no discurso. Isto significa dizer que há em toda língua mecanismos de projeção que nos permitem passar da situação sujeito para a posição sujeito no discurso. Portanto não é o sujeito físico, empírico que funciona no discurso, mas a posição sujeito discursiva. O enunciador e o destinatário, enquanto sujeitos, são pontos de relação de interlocução, indicando diferentes posições sujeito. E isto se dá no jogo das chamadas formações imaginárias que presidem todo discurso: a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso. Assim como também se tem a imagem que o interlocutor tem de si mesmo, de quem lhe fala, e do objeto de discurso.” *Eni P. Orlandi. Análise de Discurso In: Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade.* (2006, p.16).

simboliza o campo situacional, o referente do menino leitor: a casa, sua família, os pais, a vida afetiva, os brinquedos e o ato de brincar, isto é, o que ele tem e o que não tem, num espaço de tempo que não lhe é sabido. No brinquedo está seu mundo mais próximo onde joga com o possível real que se lhe insinua e que não domina, mas que quer dominá-lo impulsionado pelo desejo. A situação é conflituosa, é tensa – tensão de vida e de morte.

Filiados agora em Foucault, perfazendo o caminho transcorrido acerca de Eco e da citação que vem ratificar esse comentário, podemos observar que o filósofo francês nos alerta para as condições de nascimento do autor: a sua punição, o aparecimento de figuras sacras no discurso e o perigo da transgressão do mesmo. Vejamos que o menino do relato de Freud, como leitor, seja ele ingênuo, empírico, ou modelo como quisera Eco, ou talvez nenhum deles, é punitivo. Para tanto buscamos Freud ao interpretar que:

Jogar longe o objeto, de maneira a que esse fosse embora, poderia satisfazer um impulso da criança, suprimido da vida real, de vingar-se da mãe por afastar-se dela. Nesse caso, possuiria significado desafiador: 'Pois bem, então: vá embora! Não preciso de você. Sou eu que estou mandando você embora'. Um ano mais tarde, o mesmo menino que eu observara em seu primeiro jogo, costumava agarrar um brinquedo, se estava zangado com este, e jogá-lo ao chão, exclamando: 'Vá para frente!' Escutara nessa época que o pai se encontrava 'na frente (de batalha)', e o menino estava longe de lamentar sua ausência, pelo contrário, deixava bastante claro que não tinha desejo de ser perturbado em sua posse exclusiva pela mãe (FREUD, 1920-1922 {1976} p.28).

Ao se deparar com o texto (o objeto de recompensa por seu desaparecimento, no caso o brinquedo) o autor que desaparece sofre a ira do leitor que deseja apropriar-se do conteúdo do texto para alcançar seu ideal de eu¹⁷ – o autor. Ao não encontrá-lo, angustia-se e reprisa sua procura no gesto de procurar de novo, para dominar seu desejo de satisfação, sua incompletude, a falta do outro.

¹⁷ Conforme assinala Freud: "O superego, contudo, não simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: 'Você deveria ser assim (como o seu pai)'. Ela também compreende a proibição: 'Você não pode ser assim (como o seu pai), isto é, você não fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele'. Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é esse evento revolucionário que ele deve a sua existência. É claro que a repressão do complexo de Édipo não era tarefa fácil. Os pais da criança, e especialmente o pai, eram percebidos como obstáculo a uma realização dos desejos edipianos, de maneira que o ego infantil fortificou-se para a execução da repressão erguendo esse mesmo obstáculo dentro de si próprio." Sigmund Freud. **O Ego e o Id.** (1923-1925 p.49) edição brasileira, 1976.

O jogo continua: o menino joga a linha, “sou eu quem está mandando você ir embora”. Podemos arriscar aqui uma analogia com – fecha-se o livro.

Por outro lado, para trazer de volta o objeto perdido e quem sabe cumprir com a satisfação esperada, traz a linha de volta, aos pouquinhos, até ver surgir o carretel. ‘da’(ali’), enunciado proferido pelo garoto¹⁸, mostra satisfação – abre-se o livro.

Cabe aqui trazer uma análise de Foucault¹⁹, na qual estuda “O livro de Mallarmé”, referindo-se à espacialidade de uma obra em que se faz necessário revelar a espacialidade da própria linguagem da obra. Vejamos:

Esse espaço ambíguo dos objetos de Mallarmé, que desvelam e ocultam, é provavelmente o próprio espaço das palavras de Mallarmé, o próprio espaço das palavras. A palavra, em Mallarmé, se desdobra, envolvendo, ocultando, sob sua exibição, o que ela está dizendo. Ela está redobrada na página em branco, ocultando o que tem a dizer e, ao mesmo tempo, faz surgir, nesse próprio movimento em que se volta sobre si mesma, na distância, o que permanece irremediavelmente ausente. Este, é provavelmente, o movimento de toda a linguagem de Mallarmé, o movimento, em todo caso, do Livro de Mallarmé – livro que é preciso tomar, ao mesmo tempo, no seu sentido mais simbólico de lugar da linguagem e no sentido mais preciso do empreendimento no qual Mallarmé literalmente se perdeu no final da vida – livro que, aberto como um leque, deve ocultar mostrando, e que, fechado, deve mostrar o vazio que não cessou, em sua linguagem de nomear. O Livro por isso, é a própria impossibilidade do livro: a brancura que lacra quando ele se desdobra, a brancura que desvela quando ele se redobra. O Livro de Mallarmé, em sua obstinada impossibilidade, torna quase visível o invisível espaço da linguagem. Seria necessário fazer a análise desse invisível (...) em todo autor que se queira abordar (MACHADO, 2000, p.172).

O vazio do qual trata Foucault calha com o desaparecimento sentido, a ausência da mãe do menino. Ausência esta que gera no menino leitor a angústia. Uma angústia prefaciada pela falta da linguagem, substituída no ato de brincar, que pela repetição, feita por impulso simboliza um movimento de vida. Ter ao que se agarrar para dominá-lo e amenizar a angústia.

A esse invisível espaço da linguagem posto em Foucault, temos o indizível e mesmo espaço na psicanálise quando nos referimos ao gesto de leitura em questão que é

¹⁸ “Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava seu reaparecimento com um alegre ‘da’ (‘ali’)”. In: Freud. 1920-1922{1976} p.26.

¹⁹ Texto intitulado **Linguagem e Literatura** de Michel Foucault. Anexo à Obra de Roberto Machado: **Foucault, a filosofia e a Literatura**. Rio de Janeiro, Zahar, 2000. Trad. De Jean-Robert Weissaupt e Roberto Machado.

constitutivo. Este indizível se mostra nas atitudes, nos movimentos do menino, na sua relação com o brinquedo, que faz dele o detentor da mãe ausente no faz-de-conta em tê-la presente. Está também no seu aparente conformismo às regras da casa e na sua indignação em jogar para longe os brinquedos que lhe era oportuno ter em mãos. Neste sentido, leia-se que o que não está dito nas palavras, ou nas telas do pintor, ou nos textos escritos, estão nos gestos, circunscritos às condições de possibilidades de um dizer, calado.

Assim o é o leitor, preso na armadilha do texto, como se pode ver em Mallarmé na brancura do texto, em seu mostrar não-mostrando, como no brinquedo. O caso é que diante dos construtos do autor cabe ao leitor a árdua tarefa de ouvir o texto, que se faz enunciar numa espacialidade literária, histórica e cultural, que envolve um jogo de resistência: confronto, transgressão, limites. Num espaço de entrecruzamento do dizer do outro e do seu dizer – interdiscurso, que não deixa de ser, todavia um labirinto enunciativo, no qual o leitor quer o autor através do texto, e o autor quer o leitor na leitura do texto. Mas ambos precisam se distanciar para que este encontro ocorra.

Em Eco esse querer remete à cumplicidade, para qual o autor propõe:

Que leitor modelo eu queria, quando estava escrevendo? Um cúmplice, claro, que entrasse no meu jogo. Eu queria tornar-me completamente medieval e viver na Idade Média como se esta fosse minha época (e vice-versa). Mas ao mesmo tempo eu queria, com todas as minhas forças, que se desenhasse uma figura de leitor que, superada a iniciação, se tornasse meu prisioneiro, ou melhor, prisioneiro do texto e pensasse não querer nada mais do que aquilo que o texto lhe oferecia. Um texto quer ser uma experiência de transformação para o próprio leitor. Você acha que quer sexo, e intrigas policiais em que no fim se descobre o culpado, e muita ação, mas ao mesmo tempo você se envergonha de aceitar uma venerável pacotilha, com mãos de mulher morta e ferreiros assassinos. Pois bem, eu vou lhe dar latim, poucas mulheres, teologia aos montes e sangue aos litros como Grand Guignol, de forma que você diga 'mas isso é falso, não aceito!' E a essa altura você já será meu, experimentará o calafrio da infinita onipotência de Deus, que desfaz a ordem do mundo (ECO, s/d, p.44).

Neste trecho em que Eco está tratando da construção do leitor, ele fala do querer do autor em relação ao leitor. Trata-se de um leitor especial, um leitor cúmplice, o qual se pode ler como um leitor ideal, que mesmo não aceitando a tal cumplicidade a priori, cai na

armadilha do autor. Haja vista, que este lhe prepara o que quer que seu leitor leia, dá-lhe pelo texto o conteúdo que supostamente o leitor consciente ou inconscientemente deseja ler. Torna-se seu cúmplice.

À visão de Eco lancemos um olhar à história do menininho em Freud. O menino encena a compensação da mãe ausente no jogo de brincar, fazendo-a aparecer. A mãe é seu objeto de desejo, é seu querer. Assim, o menino incorporou as regras da casa porque a mãe as simboliza, mas uma vez que há ausência, não lhe resta senão buscar preencher essa ausência. Nesse caso, na brincadeira repetida, o menino, puxa o cordão de volta e alcança o carretel – a mãe. São cúmplices: a mãe quer o filho cúmplice (o ideal de eu)²⁰ e, o filho – o menino cumpre em minúcia o ritual para sê-lo. Nesse caso é viável lembrar que o mecanismo gerador desse querer é um impulso de vida e de morte (pulsão),²¹ que move o indivíduo em busca do desejo de satisfação. Ocorre que esse desejo que cria é o mesmo que pode aniquilar com aquilo porque criou, pois é dual, é ambivalente, é mantido por forças intensas contrárias como o amor e o ódio, e que tem como alvo os objetos dessa satisfação primária, e podem por isso serem produtivas ou destrutivas.

Pensando o indivíduo como organismo, numa abordagem enlaçada com a biologia que reivindica o corpo, enquanto médico e psicanalista Freud esclarece:

²⁰“Entre os primeiros os primeiros objetos de investimento da criança estão os pais. Esses investimentos aparecem cedo e fixam-se porque a criança é completamente dependente, dos pais ou de seus substitutos, para a satisfação de suas necessidades. Os pais também desempenham o papel de agentes disciplinadores; eles ensinam à criança o código moral e transmitem os valores tradicionais e os ideais da sociedade. Os processos utilizados são a recompensa quando a criança age corretamente e a punição quando ela age erradamente. A recompensa é tudo aquilo que reduz a tensão ou promete fazê-lo. Um doce, um sorriso, uma palavra bondosa podem ser recompensas eficientes. A punição é tudo aquilo que aumenta a tensão. Pode ser um espancamento, um olhar de desaprovação ou a negação de algo agradável para a criança. Assim, a criança aprende a identificar, isto é, a relacionar seu comportamento com as sanções e proibições aplicadas pelos pais, por meio dos investimentos originais, porque os vê como agentes da satisfação de necessidades. A criança investe os ideais dos pais que se transformam em seu ideal de ego; ela investe as suas proibições, que vão se transformar na sua consciência. Dessa forma, o superego tem acesso ao reservatório de energia do id, por meio, da identificação da criança com os pais”. *Hall Lindzey Teorias da Personalidade* (1984, p. 34).

²¹ “PULSÃO: É a palavra criada para traduzir *Trieb*, substantivo que corresponde ao verbo *treiben* (impulsionar, impelir). A melhor tradução para *Trieb* poderia ser impulso, já que Freud costumava usar palavras da linguagem coloquial. No entanto, a tradução de *Trieb* como pulsão, e não como impulso, acabou por ser consagrada na literatura psicanalítica brasileira. (...) Freud optou pelo emprego do termo pulsão, definindo-o como um conceito-limite entre o somático e o psíquico. Isso porque a origem, a fonte da pulsão, é somática (uma região do corpo); porém, ela sobretudo psíquica ao apresentar-se ao indivíduo através dos representantes das pulsões, que são as imagens que chegam para ele para ‘informá-lo’ do que se passa em seu corpo”. *Maria Cristina Kupfer. Freud e a Educação: O Mestre do Impossível* (2001, p. 39).

Podemos deter-nos por um momento sobre essa visão preeminente dualística da vida instintual. De acordo com E. Hering, dois tipos de processos estão constantemente em ação na substância viva, operando em direções contrárias, uma construtiva ou assimilatória, e a outra destrutiva ou dissimilatória (FREUD, 1920-1922) 1976, p.69}).

O leitor posto em análise se acha cindido, a psicanálise vem aos poucos nos mostrando isso, portanto retomemos Eco quanto ao leitor desejado por ele para novamente colocá-los em analogia.

Podemos observar quanto aos apontamentos de Eco que de fato ele prepara a armadilha, mas o leitor justamente pela ausência do autor também se mostra ardiloso e arma-se. Vejamos que o menino leitor passa da experiência “passiva” da repetição para a representação dela em relação àquela brincadeira e aos demais objetos. E, nisto haverá modificações significativas mais avançadas de materialidade do discurso – apropriação e disseminação da linguagem.

Mas antes do diálogo em Eco será necessário mais uma vez trazer Freud, para esclarecer o avanço significativo das brincadeiras no seu sentido ardiloso.

Seguindo, portanto seu estudo acerca das brincadeiras das crianças assinala o psicanalista:

É claro que em suas brincadeiras as crianças repetem tudo que lhes causou uma grande impressão na vida real, e assim procedendo, ab-reagem a intensidade da impressão, tornando-se, por assim dizer, senhoras da situação. Por outro lado, porém, é óbvio que todas as brincadeiras são influenciadas por um desejo que as domina o tempo todo: o desejo de crescer e poder fazer o que as pessoas crescidas fazem. Pode-se também observar que a natureza desagradável de uma experiência nem sempre a torna inapropriada para a brincadeira. Se o médico examina a garganta de uma criança ou faz alguma pequena intervenção, podemos estar inteiramente certos de que essas assustadoras experiências serão temas da próxima brincadeira; contudo, não devemos, quanto a isso, desprezar o fato de existir uma produção de prazer provinda de outra fonte. Quando a criança passa da passividade da experiência para a atividade do jogo, transfere a experiência desagradável para um de seus companheiros de brincadeira e, dessa maneira, vingá-se num substituto (FREUD, (1920-1922) 1976, p.28-29}).

Feito tal esclarecimento, voltemos a Eco. Se Eco propõe penitência a seu leitor e diz aprisioná-lo como leitor deveras por sua astúcia como autor, é na exclusão desse autor

exatamente que se abre a fenda do desejo do leitor, o que na psicanálise pode significar dominar o saber do autor para substituí-lo, compensando-se assim com seu distanciamento. Esse distanciamento fica no texto como lacuna deixada pelo autor, no jogo de palavras, nas quais a leitura implica por certo: “Um texto como um mundo ou um mundo como um texto”, à guisa do leitor. Tarefa a ser feita, refeita, rarefeita e na qual o leitor haverá de ser sofrer seqüela, estimando, superestimando ou hostilizando o autor. De qualquer forma, dessa experiência de leitura que ora será prazerosa por um viés ou outro, ora será penosa, e ao que tudo indica a escuta psicanalítica, esse leitor tende a vingar-se num substituto.

Das tramas táticas de texto transformador que Eco propõe ao leitor, têm-se as possibilidades de um jogo no qual o outro do leitor sinaliza ser o próprio autor, e por que não vingar-se dele? Apropriar-se do discurso do outro, ou pelo menos ter a ilusão de fazê-lo, é negar o outro pelo desejo de dominar o que é dele e fazê-lo seu – o conhecimento – o saber. Por isso o leitor lida com a ausência, com o desaparecimento do outro. Sofre com tudo o que lhe foge na leitura e vai a sua captura para garantir-se vivo enquanto leitor, que a essa altura pleiteia junto a esse saber, o poder. E, em sendo a leitura que fazemos da psicanálise, provavelmente esse poder é o de sacrificar alguém, assim como ele sofre o sacrifício – a repetição. Trata-se no caso de autor modelo, alguém, que receberá seus escritos tão árdusos ou mansos quanto os recebera, na condição desta vez de leitor autor.

E, para retratar o menino leitor mais uma vez em Freud em seus gestos repetitivos e a alusão que fazemos dele ao desejo e a satisfação, solicitamos Umberto Eco ainda no que diz respeito à Construção do leitor, só que desta vez o autor está fazendo uma crítica ao “pós-moderno”.

O romance pós-moderno ideal deveria superar as diatribes entre realismo e irrealismo, formalismo e ‘conteudismo’, literatura pura e literatura engajada, narrativa de elite e narrativa de massa... A analogia que prefiro é antes com o bom jazz ou com a música clássica: ouvindo várias vezes e analisando a partitura, descobrindo muitas coisas que não foram notadas na primeira vez, mas essa primeira vez deve ser capaz de prender-nos a ponto de desejarmos ouvir outras vezes, e isso vale tanto para os especialistas como para os não-especialistas (ECO, s/d, p.59-60).

Nesta passagem, o autor vislumbra um lugar para o desejo, a satisfação, e a repetição de algo, desde a primeira vez. Podemos notar que isso ocorre não só com as crianças, mas se é lá que tudo começa o jogo não parece ter fim, o que temos é a repetição dele, de formas diferentes, por outros ângulos.

Não esqueçamos, porém, que a repetição em Foucault aponta para um desdobramento discursivo que imbrica no acontecimento. Este por sua vez se constitui na repetição, mas não do mesmo e sim do mesmo que se repete no diferente; o novo que já está ali gestado. Além disso, como o exercício do poder ocupa lugar intenso em Foucault e o menino leitor em Freud, há uma possibilidade de leitura junto a este emaranhado jogo: o desejo do saber e do poder. Por isso, convidamos Foucault, numa passagem onde tais conceitos se aproximam.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p.10).

E, para finalizarmos as considerações entre o leitor, autor e texto, mais precisamente, acentuados nestas considerações se tecem alguns alinhavos entre o leitor-modelo em Eco, o menino leitor em Freud e o discurso como objeto de desejo em Foucault, pensando na morte do autor.

O leitor-modelo em Eco pensado como aquele que não se atém a superficialidade de um texto, remete ao menino leitor em Freud, como aquele que repete incansavelmente a experiência do ato de ler, pela repetição compulsiva, em seu ato de brincar, que por sua vez, remete também, ao discurso como objeto de desejo em Foucault, pelo desejo de saber e de poder ao repetir o mesmo gesto. Tal gesto e repetição demonstram a disposição em saber, ter domínio sobre o dizer do outro, constituindo-se a si mesmo a

partir desse dizer. Revela ainda a angústia da perda, por isso, o desejo da posse, do objeto de satisfação da necessidade; da necessidade de ser amado, de ser ouvido, de ser entendido, de ser vivo, de se fazer vivo. Neste caso pelo gesto de linguagem. Trata-se, pois do outro no encontro e desencontro com o eu. O menino leitor feito o leitor-modelo busca o autor ausente, um desaparecido (em Foucault) outro excluído (em Eco), a possibilidade de sua inscrição no mundo do diferente da linguagem.

Em Eco o leitor-modelo cumpre a penitência para sê-lo, tem de ser eficaz, não ultrapassar os limites de um texto, não fugir ao *modus*, respeitar a estratégia textual do autor, reconhecê-lo de longe, ser seu cúmplice. Isto equivale ao menino leitor em Freud quando ele vive o conflito da tensão de vida e de morte, o aparecimento e desaparecimento do autor idealizado – a mãe, e se agarra ao brinquedo – o texto para trazê-lo (a) simbolicamente de volta.

Temos, portanto, o encontro em Foucault quanto ao desaparecimento do autor que minoriza a objetividade daquele que escreve que morre na letra. Essa letra não é uma letra qualquer, é um dizer, um discurso; que uma vez, instituído e adonado se tornam mecanismos de controle e de poder, e pode ser caracterizado como o dizível e o não-dizível, isto é, da ordem do sagrado ou do profano, por exemplo.

Diante desse poder, ao mesmo tempo em que se luta por ele, é por causa dele que se padece. Assim o contexto do menino leitor de Freud implica pensar que o seu referente imaginário de leitor é a escrita, que remete aos objetos e seus desdobramentos, a casa, os personagens, o espaço e o tempo ao qual ele é enviado, que não é diferente do leitor-modelo que ao mergulhar numa leitura não pode sair dela como entrou.

Dessa tensão entre o antes, o durante e o depois que é o texto e os interlocutores – autor e leitor instauram-se fantasmas que vivem da pulsão de vida e de morte em busca de uma escuta. Por isso, no próximo capítulo estaremos tratando da escuta em Eco.

4 GESTO DE LEITURA: A ESCUTA DA NA VOZ DE ECO

Se nos capítulos anteriores entendemos que quem fala é o texto – principalmente na história do escravo índio, e a quem cabe escutar é o leitor, neste capítulo estaremos chamando de escuta, o gesto de ler Eco pelo viés psicanalítico, antevendo haver inquietude sobre a interpretação que Eco faz ao ler seus leitores, o que nos provoca, enquanto leitores deste filósofo italiano, inquietude, a qual se deve ao fato de suspeitarmos, sem neurose ou qualquer outra conceituação pejorativa, da leitura que o próprio Eco faz de seus leitores, ou seja, quando concorda com eles – seus leitores, utiliza-se de um tom sarcástico. Então perguntamos: Seriam estes leitores superinterpretações de Eco ou seriam eles o outro de Eco?

Neste momento, a escuta pede incursões com a psicanálise ora freudiana ora lacaniana. Em Freud, quando se tratar dos possíveis autores e leitores do inconsciente a que Eco até alude, mas não discute e em *Lacan* com o sujeito do desejo do inconsciente constituído como linguagem (a falta originária).

Em Freud trabalharemos com o Princípio do prazer, com o Princípio da realidade e com o Ideal de eu e em *Lacan* com o Desejo, com o auxílio de *Freud*. Concomitante, trataremos do poder, enquanto desejo de saber e desejo de poder, que, como arrolamos anteriormente, para Foucault é o desejo do discurso.

Por ora apresentaremos a Paráfrase do texto “*Entre Autor e Texto*”. Trata-se do terceiro capítulo da Obra: *Interpretação e Superinterpretação de Umberto Eco*. Em seguida retomaremos a paráfrase para fazermos a análise amparada na Análise do Discurso francesa (AD) de *Michel Foucault e Michel Pêcheux* e na Psicanálise como concepção de linguagem que nos permite a escuta – objeto da análise.

4.1 ENTRE AUTOR E TEXTO – PARÁFRASE

Eco fala-nos aqui dos autores e leitores de um texto. Estamos escutando Eco o qual nos previne que o autor empírico pode ser entendido como aquele que materializa sua forma escrita, seu gesto de escritura, de tal forma que o leitor-modelo não somente o reconhece de longe, mas adianta-se no seu texto, futuriza-o, sobremaneira, ao achar nele coisas que nem mesmo o próprio autor empírico se deu conta por ocasião de sua produção escrita, nem posteriormente, não fosse o leitor-modelo a despertá-lo.

Quanto ao autor-modelo, trata-se de uma estratégia textual. Eco divulga que um de seus alunos²² encontrou outra figura que permearia esses dois autores o qual estaria no limiar de suas postulações – o fantasmagórico, que denotaria ser o que há de entremeio a intenção de um ser humano e a intenção lingüística revelada mediante uma estratégia textual.

O semioticista italiano pontua que ele como leitor²³ não atribui, apenas suspeita não haver uma intenção explícita, no caso de uma situação limiar; que o autor não é empírico e não é um simples texto, assim, ele obriga as palavras a sobressaltarem-se mediante seus olhos e estas o fazem com sua mente criativa, a qual estabelece possíveis associações semânticas, como na poesia, por exemplo.

Neste texto Eco se refere várias vezes ao inconsciente, ao buscar razões e intenções das quais aparentemente as evidências remetem-no a semelhanças que equivalem ao passado também aparentemente esquecido. Salientamos este ponto por lhe considerar pertinente ao encontro que pretendemos arrolar neste capítulo para com a psicanálise, cujo objeto de estudo tem por alicerce o inconsciente.

²² Trata-se de Mauro Ferraresi que conforme Eco sugeriu que entre o autor empírico e o autor-modelo existe uma terceira figura, meio fantasmagórica, que batizou de autor liminar, ou o autor no limiar – o limiar entre a intenção de um determinado ser humano e a intenção lingüística revelada por uma estratégia textual. (Umberto Eco, 1993, p. 82).

²³ Refere-se à análise de Hartman sobre um poema de Wordsworth, o qual está sendo lido e interpretado por Eco conforme págs. 80-83.

A palavra inconsciente aparece nas indagações de Eco quando ele traduz o poema *Silvia*, do italiano para o inglês e o português. “Não me perguntem as razões inconscientes pelas quais decidi usar, para minha tradução rudimentar, palavras como *threshold* (umbral), *mortal* (mortal) e *gay* (alegre), que reproduzem outras palavras-chave desta conferência”. (ECO, 1993, p. 83).

Ao analisar o anagrama do poema *Silvia*, de *Leopardi* e ao se referir ao poeta quando discute o autor liminar, chama-nos a atenção de forma mais enfática, a linguagem sarcástica com a qual Eco se dirige ao leitor quando diz: “(...), e para explorar melhor este ponto passo a Petrarca, que, como todo o mundo sabe, era apaixonado por uma dama chamada Laura”. (ECO, 1993, p. 85). Seguimos atentos na possibilidade da escuta quando Eco refere-se a *Leopardi* dizendo: “Acho que não é proveitoso pensar que ele tenha desperdiçado seu precioso tempo com mensagens secretas quando estava tão empenhado poeticamente em tornar seu estado de espírito pungentemente claro através de outros meios lingüísticos”. (ECO, 1993, p. 85-86).

Situado na condição de autor empírico, Eco lê e interpreta seus leitores. E, desse modo no romance “*O Nome da Rosa*”, Eco diz ter de se render a um leitor. Trata-se, de uma fala: – a pergunta de *Adso* e a resposta de *Guilherme* que ocorrera no romance e que o leitor encontrara falta de nexos entre elas, ratificada por Eco. – O que mais o aterroriza na pureza? Pergunta *Adso* – A pressa. Responde *Guilherme*. Eco diz adorar essas duas falas, mas para esclarecermos o achado do leitor e reconhecimento de Eco, vejamos o que ele próprio tem a explicar:

Mas, depois um de meus leitores observou que, na mesma página, Bernardo Gui, ameaçando o despenseiro com tortura, diz: ‘ A justiça não inspirada pela pressa, (...), e a justiça de Deus tem séculos à sua disposição’. Eco leitor me perguntava, com razão, que nexos eu queria estabelecer entre a pressa louvada por Bernardo. Eu não soube responder. Na verdade, a conversa entre *Adso* e *Guilherme* não existe no manuscrito. Acrescentei esse breve diálogo durante a primeira prova tipográfica, por razões de estilo: precisava inserir outra escansão antes de Bernardo recuperar o terreno outra vez. E esqueci completamente que, um pouco depois, Bernardo fala de pressa. A fala de Bernardo usa uma expressão estereotipada, o tipo de coisa que esperaríamos de um juiz, um lugar-comum do

tipo: 'Somos todos iguais perante a lei'. Ai de mim: justaposta à pressa mencionada por *Guilherme*, a pressa mencionada por Bernardo cria literalmente um efeito de sentido; e é justificado o leitor se perguntar se os dois homens estão dizendo a mesma coisa, ou o horror à pressa manifestado por *Guilherme* não é imperceptivelmente diferente do horror a pressa manifestado por Bernardo. O texto está aí, e produz seus efeitos próprios. Quero eu desejasse ou não, agora estamos diante de uma questão, de uma provocação ambígua; e eu mesmo sinto dificuldade em interpretar esse conflito. (ECO, 1993, p.87-88).

Ao ler *Helena Costiucovich* que traduziu para o russo o romance “*O Nome da Rosa*” e escreveu um longo ensaio sobre ele, Eco comenta as associações que Helena fizera de sua obra com um livro de 1946, de Emile *Henriot*, cuja trama se assemelha à história do romance de Eco. Ele rebate esta associação e para isso faz, inclusive, menção à influência do inconsciente. Para discorrer sobre este contraponto de Eco à sua leitora, optamos pela transcrição integral de parte de sua fala:

A história acontece em Praga e, no começo de meu romance, menciono Praga. Além disso, um de meus bibliotecários chama-se *Berengar*, e um dos bibliotecários de *Henriot* chamava *Berngard* Marre. É perfeitamente inútil dizer que, como autor empírico, nunca lera o romance de *Henriot* e não sabia que ele existia. Li interpretações onde meus críticos descobriram fontes das quais eu tinha inteiro conhecimento, e fiquei muito satisfeito por eles terem descoberto tão habilidosamente o que eu ocultara tão habilidosamente a fim de levá-los a descobri-lo (por exemplo, o modelo do par *Serenus Zitblom* e *Adrian* no *Doktor Faustus* de Thomas Mann para a relação de *Adso* e *Guilherme* na narrativa). Fiquei sabendo de fontes totalmente desconhecidas por mim, e fiquei encantado por alguém acreditar que eu as estivesse citando, eruditamente. (Há pouco tempo, um jovem medievalista disse-me que um bibliotecário cego foi mencionado por *Cassiodorus*.) Li análises críticas onde o intérprete descobriu influências que não havia percebido ao escrever, mas eu com certeza lera aqueles livros em minha juventude e entendia que fora inconscientemente influenciado por eles.(...) Enquanto leitor descompromissado com *O Nome da Rosa*, acho que o argumento de *Helena Costiucovich* não prova nada de interessante. (ECO, 1993, p. 88-89).

Sobre Helena em seus achados no Manuscrito “*O Nome da Rosa*”, Eco reconhece as coincidências encontradas pela leitora-modelo entre seu romance e Emile *Henriot* e diz que, como autor empírico, não tem o direito de reagir. No entanto, Eco se posiciona numa afirmação a respeito um tanto duvidosa, para não dizer dúbia: “Tudo bem, para me sair bem deste acidente, reconheço formalmente que meu texto tinha a intenção de homenagear Emile *Henriot*.” (ECO, 1993, p.90).

Passemos agora para outro leitor de Eco. Durante um debate, explica o autor, um

de seus alunos o deixara desconcertado quando lhe perguntou o que Eco queria dizer com a frase: 'A suprema felicidade consiste em ter o que se tem'. O desconcerto ocorrera porque de súbito Eco jurou-lhe nunca ter escrito tal frase, até porque não concordava com ela. No entanto, mais adiante encontra nos seus escritos a dita frase e a interpreta segundo o contexto do texto, isto é, da época da criação do personagem no qual a situação é que revelava a condição daquela leitura. Tratava-se pois, dos sentimentos daquele personagem em uma única situação, a de êxtase²⁴. E Eco conclui que somente naquela condição a dita frase poderia ter o gesto que lhe fora dado por seu leitor.

Preocupado com a dimensão superinterpretativa que o romance "*O Nome da Rosa*" parece despertar em seu leitor, o filósofo segue explicando que ao falar sobre "*O Nome da Rosa*" referindo-se a rosa especificamente e seus múltiplos significados, tivera a intenção de deixar o leitor livre quanto às múltiplas interpretações que tal nome o levaria. Num determinado momento, porém, de autor empírico Eco se denuncia leitor modelo de seu romance. Tal aspecto se evidencia quando Eco é interpretado por outro leitor, Robert F. Fleissner²⁵. O semioticista se pronuncia dizendo haver gostado da alusão feita por Fleissner de Eco para com Shakespeare. Nesta pronuncia ecoa um som de ironia.

Na seqüência, Eco procura mostrar o percurso de Fleissner que vai determinar uma obra e um autor onde haveria um personagem que cultuava essa flor – a rosa. Eco diz não lembrar da paixão floral de (Cuff)²⁶, e segue afirmando que deve ter lido as obras completas citadas por Fleissner, menos aquela que era evidenciada por ele na qual cujo personagem aparece. Feitas estas observações, Eco 'desabafa': "não tem importância: em meu romance há tantas referências a Sherlock Holmes, que meu texto comporta essa

²⁴ Trata-se do êxtase errático de Adso na cozinha – descrição da primeira e ou última experiência sexual de um jovem. A frase teria o seguinte significado: 'Oh, Senhor, quando a alma está em êxtase, a única virtude consiste em ter o que se vê, a felicidade suprema é ter o que se tem!'. Umberto Eco. "Entre Autor e Texto" (1993, p. 92).

²⁵ Uma rosa com outro nome: um levantamento da flora literária de *Shakespeare* a Eco feita por *Fleissner*. Umberto Eco. "Entre Autor e Texto" (1993, p. 94).

²⁶ Seqüência da nota anterior onde *Fleissner* quer mostrar que 'a rosa de Eco deriva de *The Adventure of the Naval Treaty, de Doyle*, que, por sua vez, deveu muito à admiração que Cuff mostrou por esta flor em *The Moonstone*.

ligação”. (ECO, 1993, p. 94).

No que se refere ainda ao “*Nome da Rosa*”, obra clássica de Eco há que se pronunciar a respeito, quando um intérprete de Eco observa que o monge Nicholas de Morimondo – personagem do referido romance - grita no final: _ ‘A biblioteca está em chamas!’, reconhecendo que a queda do mosteiro enquanto microcosmo tem um nome que sugere ‘a morte do mundo’.

Eco se defende dizendo que ao batizar Nicholas não sabia que ele deveria pronunciar esta afirmação fatal e dá outra explicação para o nome Morimondo. O que importa é o autor ter dito que não fora ele o responsável pela alusão semântica entre o nome Morimondo à morte do mundo. Nesse mesmo instante Eco se pergunta: “o que significaria seu ‘eu’” - referindo-se ao contexto em que escrevia-e continua: “acaso seria sua personalidade consciente? Seu id? O jogo de palavras que lhe ocorria na cabeça enquanto estava escrevendo?...” E sossega acentuando: “o texto está aí”.

Ademais, segue Eco falando e desta vez sobre o “*Pêndulo de Foucault*”, ao que ele de antemão adianta as possíveis alusões a *Michel Foucault*, quando, na realidade, trata-se apenas de Leon Foucault, o inventor do pêndulo e seu personagem *Casaubon*, ao qual se ligara a Isaac *Casaubon*, filólogo estudioso do *Corpus Hermeticum*. E, para se mostrar efeito em seu texto desafia o leitor-modelo, quando diz:

Eu sabia que poucos leitores seriam capazes de entender a alusão, mas sabia igualmente que em termos de estratégia textual isso não era indispensável (quero dizer que é possível ler meu romance e entender meu *Casaubon* histórico – muitos autores gostam de colocar em seus textos certas senhas para alguns leitores argutos). (ECO, 1993, p. 96)

Em seguida, Eco apresenta outra alusão feita por seu leitor-modelo que desta vez chama de astuto, *David Robey*, da qual nos interessa apenas a consideração de Eco a respeito: “O texto somado ao conhecimento enciclopédico padrão, autoriza qualquer leitor culto a fazer esta ligação. Ela faz sentido. Péssimo para o autor empírico que não foi tão

hábil quanto seu leitor”. (ECO, 1993, p. 97). Não obstante, Eco se diz decepcionado com seus leitores que em sua maioria fizeram uma alusão de “*O Pendulo de Foucault*” com o nome de *Michel Foucault*, ao que Eco chama análise superficial e alusão do tipo pitoresca. Para tanto, o filósofo italiano explica que a decepção se deve ao fato de que *Léon Foucault*, a quem se referia, não continha no seu personagem características que pudesse se encaixar no paradigma de leitura de *Michel Foucault*. Já, em o “*O Pêndulo de Franklin*”, Eco postula essa possibilidade, pois o personagem é apaixonado por analogias e *Michel Foucault* escrevera sobre o paradigma da similaridade.

Para finalizar a paráfrase deste terceiro capítulo, tomemos em Eco sua oportuna afinidade, ainda que de forma bem sutil com a psicanálise, ao falar sobre o processo criativo e a importância do autor empírico em entender melhor este processo:

Entender o processo criativo é entender também como certas soluções textuais surgem por acaso, ou em decorrência de mecanismos inconscientes. É importante entender a diferença entre estratégia textual – enquanto objeto lingüístico que os leitores-modelo têm sob os olhos (de modo a poder existir independentemente das intenções do autor empírico) – e a história do desenvolvimento daquela estratégia textual (ECO, 1993, p. 100).

O texto está posto. Agora, não somente Eco, mas também ecos dele se fazem presentes. E, partir daqui “Entre Autor e Texto” está obviamente o leitor que se multiplica, que se minimiza, nasce, renasce e até morre... Tudo por viver, tudo por saber, tudo por poder. E, porque não dizer desejo de poder. Disso trataremos a seguir tendo como suporte a escuta na linguagem da psicanálise e na psicanálise como linguagem.

4.1.1 A escuta: entre autor e texto

Ao iniciarmos a paráfrase do texto: *Entre Autor e Texto*, esclarecemos que Eco nos previne que o leitor-modelo reconhece o autor empírico bem como o autor modelo e acha nele coisas que nem mesmo o autor, fosse ele empírico ou modelo, se deu conta nem

posteriormente por ocasião de sua escrita não fosse o leitor-modelo a despertá-lo. Mas veremos que essa relação, esse jogo de leitura de escrita e interpretação, que guarda a intenção, a intencionalidade, a materialidade discursiva, não é um movimento sem fraturas. Ao contrário disso, é uma rivalidade, de vida e de morte, necessária, porém sustentados: pela angústia, pelo desprazer e pelo viés da represália, do poder de coibir.

Quando Eco Diz “que, como todo o mundo sabe”, referindo-se ao poeta Petrarca e a paixão que ele tinha por uma dama chamada Laura (paráfrase p. 94) na condição de o autor empírico, Eco se mostra leitor-modelo, referindo-se ao que sugere ao seu leitor-modelo, que mais parece nesse caso ele mesmo, pois “todo o mundo”, aponta ser a sua comunidade de leitores que para ele na afirmação corresponde a ler primeiro Petrarca antes dele. Seu leitor-modelo tem de ter lido todo e qualquer autor ou obra que ele citar. Então, “todo o mundo”, são seus leitores modelos. Os outros são só os outros.

Aqui, vislumbramos o quão o autor no seu desejo de poder pode consciente ou inconscientemente estreitar e labirintar a relação de sua escrita com o leitor, a fim de aprisioná-lo a si como objeto único de desejo a quem endereça seus pedidos, seu discurso materializado no texto. Para isso exerce o poder de se ocultar no texto, a fim de ser procurado e achado, tal qual o menino leitor de Freud quando brinca com o carretel, jogando-o e puxando-o. Se o texto é o brinquedo, é nele que está ocultado o autor modelo de Eco escondido nos labirintos da estratégia textual, mas ela pode não ser suficiente nem para cifrá-lo.

Outra passagem de Eco parafraseada que é oportuna à escuta diz espeito à referência que Eco faz de Leopardi, e análises de seus anagramas feitas por Hartaman dizendo: “Acho que não é proveitoso pensar que ele tenha desperdiçado seu precioso tempo com mensagens secretas quando estava tão empenhado poeticamente em tornar seu estado de espírito pungentemente claro através de outros meios lingüísticos”. (ECO, 1993, p. 85-86).

Seria o caso de se discordar de Eco, não fosse à afirmação que vem logo a seguir: “não estou afirmando que é infrutífero procurar mensagens ocultas numa obra poética: estou dizendo que, se é frutífero buscá-las em *De laudibus sanctae*, de Raban Mau é despropositado buscá-las em *Leopardi*”.

Estamos interpelando Eco, o qual se mostra fora e, ao mesmo tempo, dentro de uma formação discursiva que ora recusa ora aceita determinadas interpretações e/ou associações, pois temos para isso o paradigma de leitura de Foucault e Pêcheux e a psicanálise de Freud com viés em Lacan. Por isso entendemos que o texto posto é criador de sentidos. A linguagem, ainda que formal, em sua natureza é ambígua, nisto o texto produz o equivalente e o diferente, quer queira ou não o autor. É o leitor, portanto quem lhe dará o arremate mediante os significados que este lhe propuser por meio do texto.

Neste sentido, parece que entre o que Eco propõe e a leitura que estamos tentando empreender sobre ele, há incongruências, pois a leitura empreendida dos enunciados do filósofo italiano, no recorte que realizamos, mostra-se como denunciado, ou seja, o autor empírico que se coloca como seu próprio leitor modelo nos enunciados anunciados e que por ocupar tais posições discursivas – autor e leitor do seu próprio texto, não tem como não ser interpelado pela formação ideológica da qual sua formação discursiva epistemológica advém. Por isso, retomaremos o comentário de Eco a respeito da leitura que a tradutora Helena Costiucovich realizou sobre *O Nome da Rosa*. A leitora e tradutora traça, de acordo com Eco, uma analogia entre seu romance e o de Emile Henriot, dizendo que a trama se assemelha, além de nomes de personagens e lugares e do título do livro “*La Rose de Bratislava*”. Em sua explanação explicativa, Eco discorda de Helena, asseverando que “o texto produz seus efeitos próprios”, revelando mais uma vez que quem fala é o texto. Contudo, parece uma contradição do autor afirmar que o é o texto quem fala e, ao mesmo tempo, o autor ter não-consciência plena – ou ser inconsciente – quando escreve.

Esta inconsciência do autor – ou ainda a angústia da influência – assim como a intenção do texto apresenta a intencionalidade do leitor interprete, que tem o direito – ou não, dependendo da posição discursiva que ocupa – pensando foucaultianamente, de ler no *modus* ou não. Então, por que a fina ironia de Eco com relação a alguns de seus leitores?

Para pensar tal questão sob a ótica da escuta psicanalítica, retomemos três paráfrases que recortamos do capítulo eleito para esta análise.

Primeiro recorte, “Li interpretações onde meus críticos descobriram fontes das quais eu tinha inteiro conhecimento, e fiquei muito satisfeito por eles terem descoberto tão habilidosamente o que eu ocultara tão habilidosamente a fim de levá-los a descobri-lo” (paraf. p. 95)

Segundo recorte, “Li análises críticas onde o intérprete descobriu influências que não havia percebido ao escrever, mas eu com certeza lera aqueles livros em minha juventude e entendia que fora inconscientemente influenciado por eles.(...)” (paraf. p. 95)

Terceiro recorte. “O texto está aí, e produz seus efeitos próprios. Quer eu desejasse ou não, agora estamos diante de uma questão, de uma provocação ambígua; e eu mesmo sinto dificuldade em interpretar esse conflito (...)”. (paraf. p. 95)

No que se refere ao primeiro recorte, Eco fala em ficar satisfeito por ter leitores tão habilidosos em descobrir em seu texto, fontes que ele como autor empírico e modelo certamente ocultara tão habilidosamente. O interessante, na seqüência desta frase é: “a fim de levá-los a descobrir”. E, não menos importante que, ocultara tão habilidosamente.

É possível pensarmos que Eco esteja ironizando. De qualquer modo uma sentença anula a outra e se for ironia ela compromete a relação de contrários expressa em “fiquei muito satisfeito por eles terem descoberto tão habilidosamente” com “o que eu ocultara tão habilidosamente” correlacionado com “a fim de levá-los a descobri-lo”. Neste sentido, sua fala, mesmo como autor empírico, não seria de passar despercebida pela psicanálise,

segundo um olhar, uma leitura, uma escuta.

Neste caso, do ponto de vista da materialidade do discurso, se ele oculta algo em seu texto, pode até fazê-lo conscientemente, intencionalmente, mas por certo teria no comando desta suposta consciência plena ²⁷a psicanálise no alerta para a finitude, o inconsciente. Conforme Freud:

Uma apreensão maior do significado das coisas constitui motivo perfeitamente justificável para ir além da experiência direta. Quando, ademais, disso resultar que a suposição da existência de inconsciente nos possibilita a construção de uma norma bem sucedida, através da qual podemos exercer uma influência efetiva sobre o curso dos processos conscientes, esse sucesso nos terá fornecido uma prova indiscutível da existência daquilo que havíamos suposto. Assim sendo, devemos adotar a posição segundo a qual o fato de exigir que tudo quanto acontece na mente deve também ser conhecido pela consciência, significa fazer uma reivindicação insustentável (FREUD, {1914-1916} p.192).

Aqui, nossa interpretação se ampara no fato de que a idéia de plenitude do sujeito é uma idéia clássica – uma totalidade inteligível, mas que para a psicanálise, há lacunas, o sujeito é cindido. E é sobre ela que debruçamos nosso gesto de leitura em Eco.

Assim vai se esboçando Eco leitor-modelo e leitor empírico de si ao ler seu leitor, se reconhecendo no outro-o seu leitor, o que ele mesmo deixara no texto sem o saber por ocasião da escrita: esta assertiva nos confere o segundo recorte “Li análises críticas onde o intérprete descobriu influências que não havia percebido ao escrever, mas eu com certeza lera aqueles livros em minha juventude e entendia que fora inconscientemente influenciado por eles”.

Evidencia-se então, que Eco admite a existência do inconsciente, embora não pareça dialogar com ele, isto é, não lhe dá relevância. Nesta sua fala, podemos chamar a atenção para a questão do enunciado, ou seja, naquilo que fora dito está presente àquilo que não fora dito, no entanto, vivenciado, ainda que remotamente²⁸. Nesse caso o fundo

²⁷ Sigmund Freud (1914-1916.v. XIV p.192). O Inconsciente. In: A História do Movimento Psicanalítico. Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos.

²⁸ “Os processos do sistema inconsciente são intemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo”. Sigmund Freud (1914-1916 v. XIV p.214). “O Inconsciente”.

oculto do pensamento escrito desocultara no texto.

Na parte em que Eco é o próprio leitor-modelo de seu texto, a princípio nossa hipótese, neste caso de seu romance²⁹, o autor confessa estar preso ao dado presente – ao dito – e se convenceria do contrário caso tivesse/houvesse um outro intérprete para fazer a conexão que o texto pudesse pedir.

Do ponto de vista do Princípio da realidade ao qual o Ego obedece ao do Ideal do Ego ou ao Superego que busca responder a tudo o que é esperado da mais alta natureza do homem, vale ressaltar Freud:³⁰ “Enquanto que o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do id. Os conflitos entre o ego e o ideal (...) refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno” (FREUD, 1923-1925, p. 51).

Disto resulta-nos ler Eco como autor empírico enquanto aquele que, ao ater-se ao dado merece a equivalência de seus escritos, a re-confirmação de sua idéia, o que não deixa de ser cômodo e um tanto confortável, saber a si e de si, que o que fora dito está e continua sendo dito; é o lugar onde o Princípio do prazer é quem governa sobremaneira o autor. Conforme assinala Freud:³¹ “O Princípio de prazer (...) é uma tendência que opera a serviço de uma função, cuja missão é libertar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele ou mantê-la tão baixa quanto possível.” (FREUD, 1920-1922, p. 83).

Perfazendo o caminho dos recortes no texto parafraseado, resta-nos ainda o terceiro: “Quer eu desejasse ou não, agora estamos diante de uma questão, de uma provocação ambígua; e eu mesmo sinto dificuldade em interpretar esse conflito (...)”.

Nesse momento, deparamo-nos novamente com a linguagem da psicanálise que

²⁹ Trata-se de uma interpretação de um leitor-modelo sobre: “O Nome da Rosa” associando equivalências a outros manuscritos que remeteriam aos nomes de alguns personagens de Eco, como por exemplo, a analogia com Emile Henriot de Casanova. Humberto Eco “Entre Autor e Texto” (1993.p. 89-90).

³⁰ Idem (1923-1925 v. XIV p. 51). “O Ego e o Id”.

³¹ Sigmund Freud (1920-1922. V. XVIII p.83). “Além do Princípio de Prazer”.

trabalha com a ambigüidade, com o conflito nela instaurado, permeado pela razão x desrazão. Podemos ver no enunciado elencado à expressão 'quer eu desejasse ou não'. Isso revela, no discurso enunciado, que Eco não descarta a influência dizendo: "fui influenciado por algo, não dependeu de mim". E, nesse caso, teria sido sua consciência? Sua intenção?

Em um primeiro momento, podemos responder às questões mencionadas acima como sim, já que o texto é quem fala por meio de um construto discursivo. Mas como explicar esta situação ambígua e conflituosa que o próprio autor se encontra?

Embora sejam muitas as questões, a resposta é uma só. Trata-se de uma instância discursiva sobre a qual não se tem acesso nem domínio e ela transita tranquilamente entre o consciente e o inconsciente deste autor do limiar.

Neste momento, é bom lembrar da crise do sujeito moderno. Quando o sujeito do cogito é posto em questionamento, o outro entra no circuito do jogo discursivo das experiências que o sujeito tem de si e do mundo que o cerca. Com a entrada do outro no eu, a psicanálise, amparada pela filosofia moderna, principalmente em Hegel, garante seu status de jurisdição sobre o objeto de conhecimento, no caso o inconsciente.

Não há experiências diretas, só não quando manifesta inconsciente. Não temos que atribuir ao outro aquilo que não dou conta conscientemente. Não é preciso cem por cento de inteligibilidade no sujeito, é necessário que assim seja – que haja regiões obscuras. Com este discurso deveras autorizado, a psicanálise enfim vai se firmando no mundo clínico, filosófico, literário, artístico entre outros. Sua abordagem permite deslocar sentidos, um deslizamento de linguagem natural. Neste sentido é Orlandi citando Pêcheux, que nos confere o poder do enunciado: "Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro." (PÊCHEUX Apud ORLANDI, 1996, p. 80).

Esta assertiva de Orlandi citando Pêcheux relaciona-se ao momento em que

Pêcheux trata do enunciado como o esquecimento número 1, ou seja, o dito é um já -lá e volta, dependendo das formações imaginárias – as imagens que uns constroem dos outros no ato de ler – quando se materializam no discurso, que inserido em uma dada formação ideológica pertence a uma da formação discursiva em dadas condições de produção. Por isso, pleiteamos novamente o texto parafraseado (Paraf. p.96) no qual ocorre a seguinte passagem: um dos leitores de Eco pusera em dúvida, quanto ao que Eco quisera dizer com ‘A suprema felicidade consiste em ter o que se tem’³². O autor confessara nunca ter escrito tal frase, pois não concordara com ela. Mais adiante encontrara nos seus escritos a dita frase e a interpretara segundo o contexto do texto, isto é, da época da criação do personagem no qual a situação é que revelava a condição daquela leitura. Tratava-se, pois dos sentimentos daquele personagem em uma única situação, a de êxtase³³. E Eco concluía que somente naquela condição a dita frase pudera ter o gesto que lhe fora dado por seu leitor.

Nesse momento, embora Eco sustente que entre a intenção inacessível do autor e a intenção discutível do leitor, está à intenção transparente do texto que invalida uma interpretação insustentável, a idiosincrasia não viria somente por parte do leitor, mas também por parte do autor.

Quanto ao texto, embora não este seja neutro e possua de fato seu contexto sustentante, a intenção transparente deste (o que noutra linguagem seria a objetividade desse texto), de fato não existe quando da ocasião em que fora lida. Se o leitor acreditou ter lido algo, ele de fato leu “esse” algo e não a suposta transparência do texto.

Entre as intenções daquele que escreveu e daquele que leu, há uma subjetividade que os remetem, ainda que não o saibam, à propensão ao ideal do eu. Sobre o qual explica Freud: ³⁴

³² Umberto Eco. “Entre Autor e Texto” (1993, p.91).

³³ Trata-se do êxtase errático de Adso na cozinha – descrição da primeira e ou última experiência sexual de um jovem. A frase teria o seguinte significado: ‘Oh, Senhor, quando a alma está em êxtase, a única virtude consiste em ter o que se vê, a felicidade suprema é ter o que se tem!’. Umberto Eco. “Entre Autor e Texto” (1993, p. 92).

³⁴ Sigmund Freud (1923-1925 v.XIX p.51). “ O Ego e o Id”.

O ideal do ego, portanto é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id. Erigindo esse ideal do ego, o ego dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao id. Enquanto que o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno do id (...) Devido à maneira pela qual o ideal do ego se forma, ele possui os vínculos mais abundantes com a aquisição filogenética de cada indivíduo – a sua herança arcaica. O que pertencia à parte mais baixa da vida mental de cada um de nós é transformado, mediante a formação do ideal, no que é mais elevado na mente humana pela nossa escala de valores (FREUD, {1923-1925} p.51).

Dentre tais valores estão aqueles de natureza superegóica – necessidade de aprovação.³⁵ É neste sentido que podemos postular que há um desejo de realização ideal do autor empírico transposto em texto, um desejo de aprovação sob a dominância do princípio de prazer inclusive. Daí decorre o autor empírico, no caso Eco, ler seus leitores-modelos, sendo ele próprio leitor-modelo, ainda que não seja esta a intenção. Isto quer dizer: num gesto de leitura pode haver deslocamentos de sentidos. “Leio o quero ler e não o que está posto para ser lido” ou ainda “O que está posto para ser lido não é necessariamente para ser lido como está posto” Aqui, tanto por parte do leitor como do autor o que predomina é a intencionalidade ante a intenção, sob o domínio do inconsciente.

Contemplando o tema da intenção, o texto parafraseado permite continuar o diálogo com a psicanálise. Ao falar sobre “*O Nome da Rosa*” referindo-se a “rosa” especificamente e seus múltiplos significados, Eco diz que tivera a intenção de deixar o leitor livre quanto às múltiplas interpretações que o nome “rosa” o levaria. Num determinado momento, porém, como autor empírico Eco se revela, novamente como leitor modelo de seu romance, que neste caso, revelar em psicanálise combina com denunciar.

³⁵ Conforme Hall Lindzey em: “*Teorias da Personalidade*” (Cap. II p.....): “Como árbitro moral internalizado, o superego se desenvolve em função do sistema de recompensas e punições colocadas pelos pais. As punições, resultantes das quebras de normas, tendem a incorporar-se à consciência, que é um dos dois subsistemas do superego. As ações merecedoras de aprovação tendem a incorporar-se ao ideal do ego.”

Interpretado por outro leitor, Robert F. Fleissner³⁶, Eco dissera haver gostado muito da alusão do nome dele a Shakespeare – um olhar irônico da astúcia do autor. A partir de então, o que se pode perceber, é que, a admiração ao leitor, dá a autorização de uma voz e de uma escuta para lê-lo como gostaria de ser lido. Por isso, mais uma vez, podemos aludir esse gesto de leitura ao Princípio do prazer freudiano.

Não obstante, Eco busca evidenciar o percurso de Fleissner que vai determinar uma obra e um autor onde haveria um personagem que cultuava essa flor, a rosa. Eco diz não lembrar da paixão floral de Cuff³⁷, e segue afirmando ter lido as obras completas citadas por Fleissner, menos aquela que era evidenciada por ele, na qual o personagem aparece, conforme dissemos anteriormente.

Aqui, as falas que remetem a não lembrança, justo da obra evidenciada e a frase ‘não tem importância’, são, *a priori*, desveladoras de algo. Não lembrar, para a psicanálise pode significar um desejo inconsciente de esquecer. Isto significa que, enquanto ele escrevia, seu desejo de originalidade lhe impunha uma mente semi-aberta às ressonâncias do inconsciente e ecos dele se faziam presentes, mas era preciso preservar o ego dessa presença incômoda. Por isso, o esquecimento soa como uma repressão ao seu potencial criativo. Sublimação?

Para aquele momento em que lia a realidade que se lhe apresentava na condição de autor empírico, não lhe era possível “ler” tal realidade na perspectiva de leitor-modelo, por causa da possível repressão.

Quanto à repressão aqui referida raciocinamos da seguinte forma: a repressão refere-se ao seu potencial criativo (desvelador) que assim funciona por denotar ser um mecanismo de defesa em proteger o ideal do eu. Por isso, a leitura naquele momento era feita de tal maneira que mais tarde ao ser revivido não fosse sua origem totalmente

³⁶ Uma rosa com outro nome: um levantamento da flora literária de Shakespeare a Eco feita por Fleissner. Humberto Eco. “Entre o Autor e o Texto” (1993, p.94).

³⁷ Seqüência da nota anterior onde Fleissner quer mostrar que ‘a rosa de Eco deriva de *The Adventure of the Naval Treaty*, de Doyle, que, por sua vez, deveu muito à admiração que Cuff mostrou por esta flor em *The Moonstone*.

explicitada, pois assim o mérito do saber seria todo seu. Desejo de segredo? Sim. Hermetismo? Sim. Estas duas indagações e suas afirmações são nossas elucubrações às possibilidades das verdades que atravessam o sujeito cindido na modernidade, que nos faz remeter-lhe, também, à idéia de um “instinto de preservação” de si, de proteção, de amparo, de cuidado. Este é seu segredo inconsciente, obra de poucas consultas, obra que só o iniciado pode consultar uma obra hermética.

Este instinto de preservação de si revela que a intenção e a intencionalidade se coadunam, quando o autor afirma: ‘a questão está fora de meu controle’,³⁸ isto é, a intenção primeira, a de provocar alusões do tipo pitoresco com Michel Foucault, de fato ocorrera, porém, esperava o autor que estas não fossem feitas de forma superficial por seus leitores-modelos que na maioria a fizeram, decepcionando-o.

O princípio da realidade³⁹ utiliza mecanismos de defesa que visam suspender temporariamente a tensão imposta pelo Princípio de prazer até que se encontre o objeto de descarga desta tensão desprazer.

Neste caso, empreender uma leitura interpretativa cujo objeto é o inconsciente implica reportar-se a Freud⁴⁰ que pontua “(...) os processos inconscientes dispensam pouca atenção à realidade. Estão sujeitos ao princípio de prazer, seu destino depende apenas do grau de sua força e do atendimento as exigências da regulação prazer-desprazer” (FREUD, 1914-1916, p. 214). Sendo tal regulação feita pelo ego mediante o Princípio de realidade, é possível ler na frase: “A questão está fora de meu controle”. Algo que justifica seus despropósitos intencionais, que soam como desprazerosos por não atingir ao que o autor diz pretender que se atingisse seu leitor-modelo.

Além disso, os tais despropósitos aparentes podem não sê-lo, pois a ardilosa

³⁸ Umberto Eco. “Entre Autor e Texto” (1993. p. 98).

³⁹ “Sob a influência dos instintos de autorpreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade. Esse último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer”. Sigmund Freud (1920-1922). Além do Princípio de Prazer.

⁴⁰ Sigmund Freud (1914-1916 v. XIV p.214). “O Inconsciente”.

técnica de deixar cifrado algo que o leitor-modelo possa na sua astúcia e inteligência vir a encontrar pode, pela lógica dos princípios psicanalíticos já arrolados, serem também cifrados. Por exemplo, quando Eco enuncia que farejava leituras que fizessem uma alusão de seu personagem ao autor Michel Foucault e que não ficara muito contente com isto, pois, soaram como uma piada não muito inteligente, bem como, quando se intitulara decepcionado com as análises superficiais por ele não esperado de seus leitores-modelos, tal fala parece demonstrar o contrário.

Se Eco sondava, farejava a alusão, ele já a prescrevera como possibilidade por ser ardiloso na sua produção textual e mais, ele a esperava tal e qual ela fora dita por seus leitores. Tanto na questão dita não aceitável – a piada, como na questão dita decepcionável – a superficialidade. Se considerarmos a imponente do Princípio de prazer – o autor, Eco, não escreve simplesmente. Escreve. Tal escrita exige o leitor-modelo cúmplice, este por sua vez, não pode falhar, pois ao fazê-lo destrói a astúcia inteligente da intencionalidade que o autor ainda que propague não ter controle sobre ela, deseja ter. Desejo de poder e desejo de discurso. Neste momento nos é oportuno dialogar justamente com Michel Foucault quanto à sua postulação acerca do desejo e do poder, o trecho escolhido encontra-se na obra “A ordem do Discurso”:

Gostaria de perceber que, no momento de falar, uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse prosequisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível. (...) Existe muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de terrível. (...) E a instituição responde: ‘você não tem por que temer começar estamos todos aí para lhes mostrar que o discurso está na ordem das leis; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém’. (FOUCAULT, 1996, p.01-03).

Para o filósofo francês, o poder vem da ordem vigente do sistema instituído como

verdade, verdade esta que confere o ir e vir do dizer. Foucault refere-se ao desejo de não entrar na ordem do discurso, isto corresponderia, pois, na psicanálise ao que Freud postula como um estado de repouso⁴¹, um estado anterior ao estado de vida, na qual todo organismo vivo desejaria retornar⁴². E, nesse viés interpretativo, leia-se pulsão de morte. A instituição e poder instituídos, representam mediante a leitura pela linguagem da psicanálise aqui empreendida, a travessia que o sujeito tem passar para sustentar-se vivo.

Trata-se uma inquietação, na qual salienta o filósofo,

(...) pode ser que essa instituição e esse desejo não sejam outra coisa senão duas réplicas opostas a uma mesma inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de suportar lutas, vitórias, ferimentos, dominações, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. (FOUCAULT, 1996, p. 04).

Foucault fala da inquietação que muito bem nos serve para se aliar à angústia em Freud, o que reporta não só à morte do autor enquanto desaparecimento, explicitado no jogo do menino leitor de Freud mostrado no segundo capítulo deste trabalho, bem como, do aparecimento obrigatório ao mundo do discurso no qual se acha inserido enquanto sujeito desse discurso, que pela leitura da psicanálise isso ocorre mesmo antes de seu aparecimento no mundo dos vivos, isto é, como sujeito empírico. Vemos que o autor de Foucault é duplamente morto, primeiro como sujeito, segundo como autor. Mas se esse é o preço que ele tem que pagar para não aderir ao enquadramento do sistema que o descaracterizou tal qual estamos entendendo Foucault, sua morte é só uma alegoria para esse sistema. É enquanto morto que ele se afirma.

É pertinente arrolar sobre o discurso até então explicitado, de modo geral, no qual traz abrangências sobre o autor, o leitor e o texto, como intenções que se concretizaram insatisfatórias do ponto de vista semiótico, mas que do ponto de vista do desejo, estas

⁴¹ Conceito tomado emprestado da literatura do filósofo Artur Schopenhauer: "O Mundo como Vontade e Representação".

⁴² Sigmund Freud (1920-1922) Ed. Brasileira 1976, p. 54 a 56. "Além do Princípio de Prazer".

podem ser perversas o suficiente para que façamos a seguinte cogitação: o desejo inconscientemente pode levar o leitor a não ser modelo e assim deixar livre o autor como o único leitor-modelo, o que demanda encaminhamentos de possíveis pedidos e pronto atendimento do Princípio de prazer.

Neste momento inclusive, é pertinente buscar na especificidade da AD (análise do discurso) Pêcheux conforme Gregolin ⁴³:

Situando o discurso na sua relação com a história, com a língua e com o inconsciente, para Pêcheux a enunciação é um pré-asserido que se impõe ao sujeito e que vai permitir o processo de produção do discurso. A enunciação é a tomada de posição do sujeito em relação às representações de que é suporte. O 'sujeito' não é um ser individual que produz discursos com liberdade: ele tem a ilusão de ser o dono de seu discurso, quando é, na verdade, apenas um 'efeito' do assujeitamento ideológico. O discurso é construído sobre um inasserido um pré-construído, um já-dito, um já-lá (PÊCHEUX, apud GREGOLIN, 1997).

Esta busca propõe reafirmar a leitura psicanalítica enquanto gesto discursivo que significa na fala de Pêcheux, um elo estritamente solidificado nos meandros da psicanálise. Prova disso são as afirmações de Leite: ⁴⁴

O sujeito, então, nasce dividido por nascer significante. O sujeito consiste nisto que, antes como sujeito não era nada, mas ao aparecer se apresenta como o que um significante representa para outro significante (...) O que aí constitui foi um sujeito irremediavelmente habitado por uma falta, a falta advinda de seu próprio desaparecimento. Entretanto, intimado, interpelado pelo Outro, o que o sujeito encontra é o enigma do desejo, ao qual deverá necessariamente responder (...) é nas faltas do discurso do Outro que para o sujeito vem se alojar a questão do enigma do desejo (LEITE, 1994, p. 38-42).

Assim, tomar o enunciado de Pêcheux sob a luz da psicanálise no sentido supracitado, é produzir o discurso correlacionado ao sujeito como faltante e desejante, pela condição da existência do Outro que os enunciam.

Desta forma, ratificar Eco dentro da proposição do enunciado de Pêcheux no que confere a psicanálise – lacaniana, é conceber que sua leitura e sua escritura estão

⁴³ Maria do Rosário V. Gregolin. "Olhares Oblíquos sobre o sentido do discurso. In: Filigramas do Discurso" (1997).

⁴⁴ Nina Virgínia de Araújo Leite. Psicanálise e Análise do Discurso (1994 p.38-42).

perpassadas por vozes que o constitui na condição de autor e/ou de leitor, e por sê-lo, assim constituído é ideologicamente assujeitado aos ditames do Outro que lhe significará à sua oportuna identidade de autor. E esta identidade coaduna com o princípio de realidade, de se aperceber na instância do Eu para sobreviver à imponência do Outro. Mas quem determina o movimento da produção seja ela artística ou científica, no que provê a cultura e a civilização, bem como, a ilusão do indivíduo, é o desejo de suprimento da falta, denunciado e elaborado segundo o Princípio de prazer.

Conferindo esse raciocínio Leite ⁴⁵afirma: “O sujeito do desejo é definido na sua dependência com o significante e nisto lhe falta identidade, à qual o sujeito possível da lei oferece uma resposta sob a forma da ilusão de unidade projetada: na imagem do outro, referenciada a um Ideal de Eu” (LEITE, 1994, p. 2).

⁴⁵ Nina Virgínia de Araújo Leite. *Psicanálise e análise do discurso* (1994, p. 27).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando propusemos este estudo como “Gesto de Leitura: o (d) enunciado em Eco”, suspeitávamos de que nos enunciados que ele materializa em seu texto escrito:

“*Interpretação e Superinterpretação*”, considerando o recorte que fizemos; que houvessem denúncias a serem lidas, tanto possivelmente as suas pelo viés do inconsciente, quanto as de seu leitor, seja este revelado pelo próprio Eco ou pelas aproximações enunciativas com Foucault e Freud.

Contudo, no desenrolar dos capítulos fomos percebendo que apesar do distanciamento epistemológico entre estes autores, o objeto Eco autor leitor mais se aproxima do que se distanciam das formações discursivas foucaultiana e freudiana. Isto se deve ao que podemos inferir como efeito leitor intérprete Eco, à luz de uma linguagem que suporta essa leitura – a psicanálise – e também da AD francesa voltada aos postulados foucaultianos.

Nestes três capítulos estudados, propusemos o encontro, o diálogo entre os autores Eco, Foucault e Freud resultando nos efeitos de sentidos de seus dizeres. Esses efeitos de sentido de semelhança e da semelhança se deram entre as vozes que se constituem e que constituem o campo discursivo que se entrelaça e se revela no interdiscurso. Sobre isso diz Orlandi:

Ele [o interdiscurso] é constituído de todo dizer já-dito. Ele é o saber, a memória discursiva. Aquilo que preside todo dizer. É ele que fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, experimentadas. E é pelo funcionamento do interdiscurso que o sujeito não pode reconhecer sua subordinação-assujeitamento ao Outro, pois, pelo efeito de transparência, esse assujeitamento se apresenta sob a forma de autonomia. O Outro aí é o interdiscurso (ORLANDI, 2006, p. 18).

Neste momento, pensar o outro que o eu demanda para assim constituir-se na

linguagem é remeter-se à psicanálise, a qual como instância de escuta previne esse outro – uma voz que fala para uma voz que a escuta e interpreta o que foi falado. E neste sentido interpretar é conceber o outro. Interpretar é, portanto, a arte de conceder àquele que fala a oportunidade de falar para si mesmo, e nesse momento elaborar seu próprio relato, a escrita de si e que por ela se denuncia no que enuncia.

É este outro que estamos lendo como o inconsciente do sujeito autor leitor-intérprete Eco que se sobrepõe quando escreve e lê o que escreveu. Pois, há um desejo inconsciente do sujeito de que o outro fosse o eu na sua plenitude da satisfação dos desejos primários na sua condição de existência – pulsão de vida. Deparar-se com essa impossibilidade já na condição de sujeito cindido é buscar alcançar o objeto que atenda o ideal de eu, para a satisfação desse desejo. E, neste sentido é pulsão de morte, porque o que se quer é o desejo do outro, ter o seu desejo é possuí-lo. Desejo de poder, vontade de poder, pulsão de domínio, que se dá pelo desejo do/de discurso.

Vejamos que nossa leitura diz que o interdiscurso no caso desse autor leitor-intérprete é ameaçador, por isso há uma autonomia prescrita na sua escrita que deixam essas entrelinhas em que nos atrevemos a navegar.

Por suposto insistimos que Eco, autor que escreve, prescreve um leitor que vai chamar de empírico e um que vai chamar de modelo. Nosso trabalho, principalmente no segundo e terceiro capítulos, mostra que o leitor-modelo de Eco é quem o denuncia, pois é nele que está o ideal de eu de Eco, isto é, quando lido pelo interdiscurso seria a resistência do Autor leitor-intérprete a interpelação e a não interdição de seu discurso pelo leitor-modelo. Assim, da condição de autor empírico ou modelo ou autor leitor também empírico ou modelo. Passa a esse que agora se chama autor leitor-intérprete e é também o que se faz fugidivo a um único lugar que deseja estar. Este lugar é solitário, é da instância da autonomia de autor leitor modelo.

Para corroborar conosco quanto ao sujeito da psicanálise trazemos uma

pesquisadora⁴⁶ que atina sobre o assunto a partir da AD em Foucault e diz:

O discurso do sujeito para Freud, estaria sempre marcado pelo seu avesso, no acaso, o inconsciente. Dividido, quebrado, descentrado, o sujeito se definiria por um inevitável embate com o outro que o habita. E, permanentemente, viveria a busca ilusória de tornar-se um. A linguagem seria a manifestação dessa busca, lugar em que o homem imagina constituir e expor sua própria unidade (FISCHER, 1996, p.208)

Quando lemos Eco que lê seu leitor, entendemos que a noção de autor está em questão nas formas próprias de interpretação, é como ele interpreta o que o interpreta. Bem como, o seu avesso como disse a psicanálise.

Assim, o diálogo entre Eco e Freud, no que diz respeito ao estudo realizado, encontra-se aqui avisado dos seus encontros, quantos aos desencontros, já eram antevistos e só motivou a possibilidade do diálogo.

Outrossim, gostaríamos de ressaltar Michel Foucault que embora tenha participado da interlocução e nos propiciado pela singularidade de seu gesto de leitura fazer o nosso. Ficou-nos por empreender maiores discussões a concepção de poder desenvolvida pelo filósofo ao qual nos filiaríamos com maior vigor em Freud especificamente quanto ao Tabu dos Governantes. Esta é, pois uma sugestão para os interessados em Filosofia, Psicanálise e Análise de Discurso.

Desta lição de Foucault quanto ao poder em nosso trabalho, embora o tenhamos emparelhado a concepção de poder da psicanálise para ler o sujeito autor leitor-intérprete, sabemos que na sua íntegra ele se refere a poder específico, que é disciplinar. E para falar desse poder disciplinar Foucault situa-o na sociedade moderna, como aquela que por meio deste poder disciplinador como forma de condução, estratégias e procedimentos educam o sujeito para ser sujeito. Mais especificamente um tipo de sujeito. Logo, para Foucault

⁴⁶ Refere-se a artigo produzido a partir da tese de Doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do sul a qual ressalta o enunciado em um artigo intitulado "Foucault e a Análise de Discurso em Educação". Rosa Maria Bueno Fischer. Cadernos de Pesquisa n.114. p.197-223, (1996, p. 208)

conforme foi possível perceber no decorrer de suas leituras durante o trabalho, o poder é exercido através de micro relações que perpassam o cotidiano e os indivíduos, circundando-os e atravessando-os em rede. Assim o sujeito está sempre em posição de exercer o poder e sofrer a ação deste mesmo poder, a partir da constituição de seus discursos, desejos e corpos. “(...) o indivíduo não é o outro do poder, é um de seus primeiros efeitos”.⁴⁷

As reflexões acerca do poder em Foucault se interligam mutuamente à noção de saber e do sujeito deste saber, que está submetido a uma forma de poder que o demite da sua condição na sua invectiva moderna, haja vista, que a forma de poder preconizada nesta sociedade se camufla nas instituições sob formas discursivas legitimadas por este mesmo poder. Foucault defende a minorização deste sujeito no sentido de fazê-lo pleno. Quanto mais assujeitado, mais sujeito ele se torna, pois faz desgarrar-se de si as impregnações do modelo estratégico moderno que ao tentar inová-lo, domesticando-o, reveste-o de significações próprias de uma linguagem arranjada por esse mesmo sistema de poder. Neste caso está em evidência à questão da resistência proposta na Estética da Existência como forma da busca de alternativas éticas de uma vida ou de uma existência em que o sujeito resista ao poder que lhe é imposto, de maneira a poder senão reinventá-lo, neste caso por um saber singular, um saber de si.

Este saber que para Foucault é ponto de referência de sua crítica a psicanálise lacaniana quando esta traz o cuidado de si, traduzindo para Foucault no que seria uma desconstrução do imperativo platônico-socrático do conhecer a si mesmo, é um saber que justamente para a psicanálise pode ser um saber não sabido quando fizer parte do domínio da consciência; este saber em que se faz enunciar porquanto se possa escutar, será um saber.

Para finalizarmos gostaríamos de trazer Eco, a quem pretensamente arrogamos o

⁴⁷ Microfísica do Poder. Michel Foucault, (1979,p. 183).

enredo desta investigação fadigosa e tão vigorosa, por se tratar de três grandes nomes que nos assombraram, mas também nos ensinaram a importância de dialogar com certos fantasmas, principalmente quando estes simbolicamente, são mais fortes que suas formas antes vazias.

Deixamos, portanto, a palavra com Eco, palavra esta que justifica nossa busca em querer ler sua leitura e ter a psicanálise como escuta.

No começo pensei numa coincidência extraordinária; depois fui tentado a acreditar num milagre; finalmente concluí que *Wo Es War, soll Ich werden*. Havia comprado aquele livro em minha juventude, passara os olhos por ele, percebera que estava excepcionalmente estragado, colocara-o num lugar qualquer, e o esquecera. Mas uma espécie de câmera interior fotografara aquelas páginas e, durante décadas, a imagem daquelas folhas venenosas permanecera na parte mais remota de minha alma, como num túmulo, até o momento de aparecer de novo (não sei por que razão), e acreditei tê-las inventado. (...) Se tem moral, é a de que a vida privada dos autores empíricos é de certo modo mais impenetrável que seus textos. Entre a história misteriosa de uma produção textual e o curso incontrolável de suas interpretações futuras, o texto enquanto tal representa uma presença confortável, o ponto ao qual nos agarramos. (ECO, 1993, p. 104).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, Joel. **Entre Cuidado e Saber de Si**: Sobre Foucault e a Psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2000.

COITO, Roselene de Fátima. **Leitores em Leituras**: Quem Deverá Ser o Mestre? In: Maria do Rosário Gregolin & Baronas. (Orgs) *Análise do Discurso: As Materialidades do Sentido*. São Carlos SP, Claraluz, 2001.

COURTINE, Jean-Jacques, PLON, Michel, ORLANDI, Eni. **A Análise de Discurso (França e Brasil)**: Percursos, singularidades, reivindicações. In: Michel Pêcheux: e a análise do discurso – uma relação de nunca acabar. (Orgs) Freda Indursky & Maria Cristina L. Ferreira. São Carlos SP, Claraluz, 2005.

DAL MOLIN, Beatriz Helena. **Uma Análise Semiótica**. In: *Ciclo de Comunicações em Letras*. Colegiado do Curso de Letras Português e Inglês Unioeste/Campus de Cascavel. P. 37-51. Cascavel, Ed. Unioeste, 1999.

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. Trad. MF. & Mônica Stahel. São Paulo, Martins Fontes, 1993. (Coleção Tópicos).

FREUD. S. **Além do Princípio de Prazer**. 1920. Trad. Jayme Salomão e Christiano Monteiro Oiticica. Edição Standard das Obras Completas Psicológicas de Freud. V.XVIII (1920-1922) Rio de Janeiro, Imago, 1976.

_____, **Cinco Lições de Psicanálise**. 1910. Trad. Jayme Salomão. v.XI (1910{1909}), Edição Standard das Obras Completas Psicológicas de Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1970.

_____, **Conferências introdutórias sobre a psicanálise**. (1916-1917) Trad. Jayme Salomão e James Strachey v. XV, Edição Standard das Obras Completas Psicológicas de Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

_____, **O Ego e o ID**. 1923. Trad. Jayme Salomão e José Octávio de Aguiar Abreu. V. XIX (1923-1925), Edição Standard das Obras Completas Psicológicas de Freud. Rio de Janeiro, Imago 1976.

_____, **O Inconsciente**. 1915. Trad. Jayme Salomão, Themira de O. Brito Paulo H. Bitto e Christiano M. Oiticica. V. XIV (1914-1016), Edição Standard das Obras Completas Psicológicas de Freud. Rio de Janeiro, Imago,

1974.

_____, **O Mal Estar na Civilização**. 1930. Trad. Jayme Salomão e Octávio de Aguiar Abreu. V.XXI (1927-1931), Edição Standard das Obras Completas Psicológicas de Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

_____, **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. 1905. Trad. Jayme Salomão. V. VII (1901-1905) Edição Standard das Obras Completas Psicológicas de Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1972.

_____, **Totem e Tabu**. 1913. Trad. Jayme Salomão e Órizon Carneiro Muniz V. XIII (1913-1914) Edição Standard das Obras Completas Psicológicas de Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a Análise do Discurso em Educação**. In: Cadernos de Pesquisa n. 114, p. 197-223. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nov. 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986.

_____, **O que é um autor?** Trad. Antonio Fernando Cascais. 4ª ed. Trad. Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. ed. Vega. 2002.

_____, **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Loyola, 1996.

_____, Nietzsche, Freud & Marx: **Theatrum Filosoficum**. Trad. Jorge Lima Barreto. 4.ed. São Paulo, Princípio, 1987.

_____, **As Palavras e as Coisas**: Uma arqueologia das Ciências Humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999. Coleção Tópicos.

_____, **Isto não é um cachimbo**. Trad. Jorge Coli. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

_____, **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. 7.ed. Rio de Janeiro. Graal, 1979.

GREGOLIN , Maria do Rosário F.V. & BARONAS, **Análise do Discurso**: As

materialidades do sentido. São Carlos, São Paulo: Claraluz, 2001.

_____, F.V. (org) Filigramas do discurso: **Vozes da historia**. Araraquara: FCL Editorial. São Paulo: Cultura acadêmica editora, 2000.

LEITE, Nina Virgínia de Araújo. **Psicanálise e Análise do Discurso**: o acontecimento na estrutura. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

LEMAIRE, Aniko. **A constituição do Sujeito pelo acesso ao Simbólico**. In: Jacques Lacan. Uma introdução 3ª edição – Ed. Campus. S/D

LACAN. **Teoria do Sujeito**. Entre o Outro e o Grande Outros. A Psicanálise de Freud. 1951.

LACAN, Jacques. **O Seminário**. Ética e Psicanálise. Ed. Jorge Zahar – Rio de Janeiro. 1959.

LACAN, J. **O Seminário**: Livro 7 – A Ética da Psicanálise. Rio de Janeiro: FNDE. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.

LINDZEY, Hall. **A Teoria Psicanalítica de Freud In**: Teorias da Personalidade. 18 ed. São Paulo, EPU, 1984.

LOPES et al. **A Psicanálise escuta a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte MG. Autêntica, 2001.

LÖWY, Michel. **Ideologias e ciência social**. Elementos para uma análise marxista. 6. ed. São Paulo. Cortez, 1991.

KOHAN, O.W.; KENNEDY, D. **Filosofia e Infância**: possibilidade de um encontro. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1999. (v.3).

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação**: o mestre o impossível. 3. ed. São Paulo. Scipione, 2001.

ORLANDI, Eni P. **O Trabalho da Interpretação In**: Interpretação – Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis RJ, Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni P. e RODRIGUES, Suzi L. **Análise de Discurso In**: Introdução às Ciências da Linguagem – Discurso e Textualidade (orgs) Campinas SP, Pontes Editores, p.13-31,

2006.

SILVA, Valmir Adamor da. **A História da Loucura**: Em Busca da Saúde Mental. Rio de Janeiro. Tecnoprint, 1979.

STRYJER R. S.O.; STRYJER L.J . **Sobre Vida**. Rio de Janeiro. Biologia e Saúde, 1991 (v. 3).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)